HISTÓRIAS VERDADEIRAS DE FANTASMAS

CHEIRO

TRADUÇÃO:

AMADEU ANTÓNIO

HISTÓRIAS VERDADEIRAS DE FANTASMAS

Cheiro

ÍNDICE

PREFÁCIO DOS EDITORES

INTRODUÇÃO

Parte I

FANTASMAS QUE SURGEM SEM SEREM CHAMADOS

I. O Maquinista Assombrado
II. Um Espírito Conduz um Sacerdote a um Moribundo
III. O Horror Assombrado do Morcego Branco
IV. O Famoso Caso da Múmia do Museu Britânico
V. Uma Mão Fantasmagórica Escreve um Aviso de Morte num Espelho
VI. Avisos de Morte

Parte II

FANTASMAS QUE SÃO INVOCADOS

I. Documentos Perdidos Encontrados por um Espírito
II. Um Pacto Celebrado com um Fantasma
III. A Enfermeira Cavell Fala Comigo Dois Anos Após a Sua Execução
IV. Um Fenómeno Notável: o Rei Eduardo VII Transmite uma Mensagem Durante a Grande Guerra e a Famosa Nordica Canta
V. Um Artista da Academia Real e o Espírito de uma Bailarina Assassinada
VI. A Casa Assombrada de Kensal Rise
VII. Aviso Contra a Grande Guerra Recebido na Capela Mortuária da Família Real dos Habsburgos
VIII. Uma Jóia de Mau Agouro que Pressagiou a Queda do Kaiser
IX. Uma Teia de Mistério numa «Gruta dos Demónios» na China
X. Um Recluso em Londres e uma Dura Provação
XI. Fazer Recuar o Relógio do Tempo

PREFÁCIO DOS EDITORES

Examinámos documentos e provas que demonstram que as **Histórias Verdadeiras de Fantasmas**, relatadas por **Cheiro** nas páginas que se seguem, são sustentadas por factos e acontecimentos reais.

Como o autor desta notável coletânea não pertence a qualquer seita religiosa, estas histórias não são publicadas como propaganda em favor de uma religião mais do que outra e, por essa razão, deverão ter um apelo humano mais vasto junto do público em geral do que a maioria dos livros escritos sobre assuntos psíquicos.

The London Publishing Company
F. E. Farncomb, Editor
G. R. Kelly, Director

INTRODUÇÃO

Existirá alguém neste vasto mundo que não acredite em fantasmas?

Haverá alguma pessoa que, em algum momento da sua existência, não tenha vivido pelo menos uma ou mais experiências misteriosas impossíveis de explicar pelas regras comuns que regem a vida?

Creio que a única resposta honesta a estas perguntas é um enfático: não.

Entre os muitos milhares de pessoas com quem tive contacto próximo, ainda não encontrei um único indivíduo que possa afirmar sinceramente nunca ter tido uma experiência que aponte para alguma influência misteriosa vinda de «para além do véu», que tenha entrado na sua vida numa ocasião ou noutra.

Existem, sem dúvida, algumas pessoas relutantes em confessar, mesmo aos seus amigos mais íntimos, que acreditam em fantasmas ou espíritos.

Receiam ser consideradas ingénuas ou crédulas.

Pensam que parece corajoso afirmar que «essas coisas nunca lhes aconteceram».

Na sua pretensão de parecerem pessoas de espírito forte, esquecem que, desde os primórdios da História até aos dias de hoje, encontramos registos de que os maiores líderes da humanidade, em todos os domínios da atividade humana, reconheceram ter recebido, em algum momento das suas

vidas, avisos, mensagens ou orientações provenientes daquilo a que se chama «o outro mundo», para as quais a mente prática não consegue oferecer explicação satisfatória.

Para alguns, estas experiências são raras.

Para outros, surgem a intervalos irregulares.

E para outros ainda tornam-se quase banais pela frequência com que ocorrem.

A razão pela qual isto acontece permanece um dos grandes mistérios da vida.

Talvez possa ser explicada pelo magnetismo variável ou pelas forças elétricas irradiadas por cada indivíduo.

Talvez resulte de mil e uma causas diferentes.

Mas o facto permanece: todos os seres humanos, em algum momento da sua existência, têm experiências ocultas enquanto percorrem o caminho da vida, desde o berço até ao túmulo.

Estaria fora do âmbito desta obra entrar em discussões destinadas a sustentar a teoria de que a vida, tal como a conhecemos, não passa da antecâmara de uma existência maior, que apenas se abre perante nós quando os Portões da Morte se fecham sobre o mundo que deixamos para trás.

Se me aventurasse por esse terreno, correria o risco de ferir os sentimentos religiosos de algumas pessoas ou de antagonizar outras através das opiniões que seria obrigado a expressar.

Esse não é o objetivo deste livro.

Não foi escrito num espírito de controvérsia.

Não foi escrito para uma classe particular de pensadores.

Foi escrito simplesmente para o público em geral: um relato simples e sem adornos das minhas próprias experiências relacionadas com estes assuntos, e nada mais.

O único mérito das páginas que se seguem reside no facto de conterem **Histórias Verdadeiras de Fantasmas**, provenientes quer da minha experiência pessoal, quer de pessoas que me relataram acontecimentos cuja veracidade tenho todas as razões para acreditar.

Dei-lhes o título simples de **Histórias de Fantasmas**, porque a palavra «fantasma» tem sido usada correntemente há séculos.

Em muitos casos, o termo «espírito» seria mais apropriado.

Contudo, se tivesse utilizado essa palavra, provavelmente seria classificado como um dos muitos autores declaradamente espiritualistas, e esse preconceito poderia impedir que este livro chegasse ao público geral a quem se destina.

Considero justo declarar aos meus leitores, de forma clara e inequívoca, que não pertenço a qualquer Sociedade Psicológica nem a qualquer organização semelhante.

Acertadamente ou não, não sou membro de nenhuma Igreja nem pertenço a qualquer corpo religioso ou congregação de religião convencional.

Embora não reconheça nenhuma forma de culto como sendo a única verdadeira, respeito o propósito fundamental de todas elas.

Ao mesmo tempo, e com tanta convicção como qualquer devoto religioso, preservo a minha independência de pensamento como sendo a mais adequada às minhas necessidades individuais.

Como crente num Criador de todas as coisas, inclino-me perante a Sabedoria Infinita que permite o florescimento de diversos credos destinados a servir os diferentes tipos de humanidade chamados à existência.

Se alguns necessitam, para sustentar a sua fé, de altares de ouro, de catedrais esculpidas, da pompa dos sacerdotes ou das paredes caiadas dos puritanos, reconheço humildemente em tudo isso um aspeto do Plano Divino que criou todas as coisas.

Peço apenas para mim a mesma liberdade de adorar o meu Deus à minha maneira, sob as estrelas da noite ou sob o sol do meio-dia, encontrando as Suas palavras nas flores, nas árvores e nas pedras, bem como nos atos quotidianos de abnegação que, como um fio de ouro, percorrem a vida daqueles que nos rodeiam.

Ver-se-á, portanto, que estas **Histórias Verdadeiras de Fantasmas** não são apresentadas ao mundo como propaganda de qualquer religião.

Talvez possam contribuir para que homens e mulheres tomem consciência dos mistérios que os rodeiam.

Talvez ajudem a conter a maré de materialismo que mina os alicerces da civilização.

Mas se conseguirem apenas levar uma única pessoa sofrida a recuperar a esperança e a compreender quão próxima pode estar daquela pessoa amada cuja partida deixou um vazio impossível de preencher, então espero que estas **Histórias Verdadeiras de Fantasmas** tenham cumprido algum propósito.

CHEIRO

O nome «Cheiro» deriva da raiz grega cheir, *«mão», e pronuncia-se aproximadamente «Qui-ro».*

PARTE I

FANTASMAS QUE SURGEM SEM SEREM CHAMADOS

«Há mais coisas entre o Céu e a Terra, Horácio,
Do que sonha a tua filosofia.»

— **William Shakespeare**, *Hamlet*, Acto I

Os fenómenos psíquicos foram investigados e confirmados por homens como Oliver Lodge, William Crookes, William Barrett, Cesare Lombroso, James Hyslop, Camille Flammarion, William James, Arthur Balfour, Edward Marshall Hall e Arthur Conan Doyle, entre muitos outros.

HISTÓRIAS VERDADEIRAS DE FANTASMAS

CAPÍTULO I

O MAQUINISTA ASSOMBRADO E UMA MÃO FANTASMA

Na história que se segue sou obrigado, por razões óbvias, a omitir o nome da grande Companhia de Caminhos de Ferro na Inglaterra em cuja linha ocorreu o estranho acontecimento que estou prestes a relatar.

Uma noite, no final do outono, há já alguns anos, estava eu sentado a ler nos meus aposentos em Londres, por volta das dez horas, quando a campainha da porta da rua tocou e, passados instantes, o criado introduziu um desconhecido na minha presença.

— Desculpe vir a esta hora, senhor — disse ele —, mas estou num grande aperto e o senhor é o único homem em Londres que acredito que me possa ajudar, se apenas quiser ouvir a minha história.

— Estou sempre disposto a ajudar quem quer que esteja em dificuldades, se estiver ao meu alcance fazê-lo — respondi. — Tome um assento aqui, perto do fogo, e ouvirei tudo o que tiver para dizer.

O meu visitante era um homem robusto, de forte compleição. Tinha um rosto de traços firmes e aspeto inteligente, com olhos que pareciam francos e honestos, o tipo de homem que se escolheria para uma posição de responsabilidade. No fundo dos seus olhos cinzentos e de olhar prático havia, contudo, uma expressão assombrada, algo que se esperaria ver nos de um cão fiel que tivesse sido assustado e não soubesse para onde se virar em busca de ajuda. Havia algo naquele homem que despertava toda a minha simpatia e, ao mesmo tempo, um sentimento de intensa piedade.

Deixou-se cair na cadeira que eu lhe tinha preparado, sem falar, e limitou-se a olhar para mim com uma expressão de súplica nos olhos que nunca esquecerei enquanto for vivo. Novamente, repeti que ouviria tudo o que ele tivesse para dizer e que o ajudaria se estivesse ao meu alcance.

— Obrigado, senhor — disse ele —, mas... mas... receio que me tome por louco quando ouvir o que tenho para lhe contar.

— Nada disso, meu caro homem — ri-me —, já ouvi todo o tipo de coisas na minha estranha carreira; vá em frente e conte-me exatamente o que o apoquenta, e pode contar com o meu empenho em fazer tudo o que puder para o ajudar.

— Bem, primeiro, senhor, dê uma olhadela aos meus papéis; talvez assim não pense que saí de um manicómio.

Dei uma vista de olhos a alguns papéis que ele empurrou para a minha frente. Um era um certificado de primeira classe de uma escola de engenharia; o outro, de uma conhecida Companhia de Caminhos de Ferro do norte, recomendava-o a uma empresa congénere, declarando que conheciam James Brierly desde que este entrara ao serviço como aprendiz nas suas oficinas de maquinaria e que o consideravam o maquinista mais fiável do seu quadro de pessoal.

— Desde então, senhor — assentiu ele —, tenho estado aqui em Londres, primeiro nos comboios suburbanos, depois nos diretos para as Midlands, e, nos últimos meses, fui promovido à maior locomotiva ao serviço da companhia.

— Certamente não há nada de louco em tudo isso — sorri.

— Bem, não, senhor — acrescentou ele, sombrio —, mas o senhor ainda não ouviu a minha história.

Depois, fazendo o que parecia ser um grande esforço sobre si mesmo, olhou-me fixamente nos olhos e disse abruptamente:

— O senhor acredita que os mortos podem regressar?

Por um momento, fui apanhado desprevenido; esta era a última pergunta no mundo que se esperaria ver sair dos lábios de um homem assim. Ele não era o tipo de pessoa, contudo, com quem se pudesse brincar; além disso, por que haveria eu de o fazer? Continuava sem saber que efeito produziria a minha resposta; a única coisa que sempre considerei melhor em condições difíceis era dizer a verdade e conformar-me com o resultado, qualquer que ele fosse.

Olhando-o firmemente nos olhos, disse, falando devagar e de forma decidida:

— Não sei por que razão veio aqui fazer-me tal pergunta, mas dar-lhe-ei a minha opinião pelo valor que ela tiver. Eu acredito que os chamados mortos podem regressar e regressam sob certas condições. Tive muitas experiências pessoais que provam a verdade das minhas palavras.

O efeito foi mágico: o meu visitante agarrou a minha mão e quase a esmagou no seu aperto.

— Então não estou louco — arquejou ele. — Graças a Deus, encontrei alguém com quem posso falar.

Era, na verdade, uma história estranha a que ele expôs perante mim, uma história que até eu, com toda a minha experiência em assuntos ocultos, achei difícil de acreditar. Vou contá-la tal como a ouvi. Vou transmiti-la, tanto quanto possível, pelas próprias palavras do homem; o desfecho, com a eterna questão — porquê? —, o leitor poderá mais tarde responder por si mesmo.

Inclinando-se para a frente, por um momento ele atiçou o lume até que as chamas brilhantes subiram pela chaminé. Por uns segundos, em memória, ele tinha regressado aos dias idos em que conseguira o seu primeiro emprego como fogueiro numa locomotiva de manobras no Norte.

— Sim, senhor — (ele parecia responder aos meus pensamentos) —, teria sido melhor para mim se tivesse permanecido lá em cima e me tivesse contentado com trinta xelins por semana, mas "o apelo de Londres" chegou até mim, como chega mais cedo ou mais tarde a muitos homens melhores do que eu.

Viremos para cá, a patroa e eu, e a nossa filhinha, a única que alguma vez tivemos; alugámos quartos perto dos cais da linha férrea e, durante algum tempo, fui o homem mais feliz de Londres.

O meu único camarada era o Jim Robson; ele também vinha lá do Norte e, quando o Jim soube que eu estava no mesmo cais, impulsionou-me de um trabalho para outro até eu passar a ser o seu fogueiro no Expresso da Meia-Noite, e daí a pouco fui feito maquinista num dos suburbanos.

Depois o Jim casou-se; insistiu que eu fosse o seu padrinho de casamento. Deus me ajude quando olho para trás e penso no sarcasmo de tudo aquilo.

Eu achava que amava a minha mulher; ela era boa para mim, tão boa como uma mulher alguma vez o foi para um homem.

O que aconteceu, não sei. O Jim trazia a mulher dele muitas vezes a nossa casa. Uma noite, em que ele teve de voltar ao seu posto no Expresso da Meia-Noite, disse-me que era para eu a acompanhar a casa.

O Jim tinha comprado uma casinha na linha principal, perto de uma estação onde o meu suburbano fazia a primeira paragem. O Jim disse-me para levar a mulher dele no comboio, pois eu teria o tempo mesmo à justa para a acompanhar até à porta.

Eu estava orgulhoso como qualquer homem poderia estar. Acompanhei a mulher do Jim até à porta; disse-lhe o quanto devia ao Jim, e ambos concordámos que ele era o melhor tipo da terra. E assim as coisas continuaram. De cada vez que o meu suburbano parava naquela estação, eu costumava dar um salto lá e conversar com a mulher do Jim, e isso tornou-se uma espécie de hábito, mês após mês, até nascer a filhinha do Jim.

O Jim ficou desapontado por não ser um rapaz. Ele queria ter um filho, e achava que tinha o direito de o ter. Era um homem singular, com um código muito próprio sobre a vida, a moral e a religião, mas não acredito que homem melhor alguma vez tenha pisado este chão.

Ele não era homem de igrejas, em sentido algum da palavra. Era apenas um daqueles homens bons de Deus que nascem assim e nunca mudam.

Após o nascimento da filhinha, ele começou a mudar em relação a mim. Os boatos tinham-lhe chegado aos ouvidos sobre as minhas visitas à casa; as pessoas tinham-lhe dito que, de cada vez que o meu suburbano parava na estação, eu atravessava a ruela para ir ver a mulher dele.

Era pura verdade o que se dizia. Desde aquela noite em que acompanhei pela primeira vez a mulher do Jim a casa, não me conseguia conter: tinha de a ver a cada oportunidade. Ao início não havia nada de mal nisso, apenas algumas palavras amigáveis e nada mais, exceto quando o meu suburbano parava uma meia hora extra antes da última viagem de regresso.

Pouco a pouco, uma transformação espalhou-se por toda a minha natureza. Dia após dia, dava por mim inclinado para fora da cabine, à medida que a locomotiva fazia a curva da linha, apenas para avistar a casa e imaginar que a via a acenar-me da varanda.

Eu não me permitia pensar que estava apaixonado pela mulher do Jim. Acreditava que preferia matar-me antes de fazer algo desonroso, mas a ânsia e a saudade por ela cresceram e cresceram até que, no fim, deturparam cada pensamento de honra ou de hombridade que eu possuía.

Talvez o senhor nunca tenha estado apaixonado, senhor, por isso não consegue compreender.

Antes de isto me acontecer, senhor, eu teria morto, como a um cão raivoso, qualquer homem que encontrasse a correr atrás da mulher de outro, e... no entanto, tal coisa tinha-me acontecido a mim.

Ao início não houve nada do lado dela que me desse qualquer incentivo. Ela estava apenas isolada; era tudo.

O Jim estava em casa por algumas horas, três dias por semana, mas passava todos os domingos com ela. Como não havia suburbanos a circular nesse dia, eu nunca os via juntos, pois, depois de os boatos chegarem aos ouvidos do Jim, ele deixou de convidar a patroa e a mim para irmos à casa.

Os domingos tornaram-se uma tortura para mim. Esforçava-me por ser bom para a minha patroa e para a minha filhinha, e quanto mais me apaixonava pela mulher do Jim, melhor era para elas. Levava-as a passear a algum lado todos os domingos, como uma espécie de bocado oferecido à minha melhor natureza, mas mal conseguia disfarçar o meu tormento.

O Jim abordou-me uma noite no parque das locomotivas. Olhou-me fixamente nos olhos e disse:

— Brierly, ouvi umas conversas sobre a minha mulher e tu. Vais ter de deixar o suburbano e aceitar outro trabalho. Se não, que Deus te ajude, porque mais cedo ou mais tarde terei a minha vingança.

Antes que eu tivesse tempo de responder, virou as costas e afastou-se pelo parque.

Na manhã seguinte, pedi uma mudança do suburbano e colocaram-me numa locomotiva que ia até às Midlands e voltava no mesmo dia, mas novamente na linha principal que passava pela casa.

Dia após dia, o meu tormento aumentava. De manhã cedo, a minha locomotiva curvava em frente à casa e passava por ela de novo, veloz, à noite.

O amor gera amor, dizem. Tinha começado a morder-lhe o coração, tal como tinha devorado o meu.

Todas as manhãs, à chuva ou ao sol, a mão dela acenava-me da varanda; todas as noites, uma lâmpada brilhava na sua janela para me dar as boas-noites.

As coisas foram de mal a pior. Comecei a escrever-lhe; os meus pensamentos descontrolaram-se, as minhas palavras tornaram-se selvagens. Esqueci o perigo de o Jim poder encontrar as minhas cartas. Esqueci tudo a não ser aquela mulher; cada segundo da minha vida parecia apenas um batimento cardíaco que tinha um pulsar correspondente no dela.

Não adiantava tentar recompor-me; tinha ido longe demais. A separação intensificou o meu tormento até a vida se tornar um inferno vivo. Só aqueles que amaram como eu amei podem saber o que quero dizer.

Depois veio a tragédia, rápida, terrível e implacável.

Num sábado à noite, escuro, inclinei-me da cabine para captar por um momento a luz da sua lâmpada de sinalização. Pela primeira vez em meses, ela não estava lá. Reduzi a velocidade para passar a curva traiçoeira; puxei o apito como tinha feito noite após noite para que ela pudesse ouvir, mas nenhuma luz surgiu. Abri o regulador novamente, o comboio avançou veloz; como um homem num sonho, cheguei ao fim da viagem.

Ao saltar da locomotiva, o cartaz de um jornal da noite chamou-me a atenção. Em grandes letras negras, dizia:

"TRAGÉDIA NUMA CASINHA — MAQUINISTA MATA A MULHER, A FILHA E SUICIDA-SE."

No dia seguinte, recebi o aviso de que tinha sido promovido para... o lugar do Jim no Expresso da Meia-Noite.

Não, senhor, não me acobardei; quando o coração de um homem está morto, ele não é mais do que uma máquina.

Assumi o comando da locomotiva dele nessa mesma noite. À medida que reduzíamos a velocidade para passar a curva, não me atrevi a olhar para fora: para mim não havia casa, não havia nada senão escuridão, tanto no meu coração como lá fora.

Automaticamente, puxei o apito. Perguntei a mim mesmo se ela conseguiria ouvir... e depois, apesar de ser uma mera máquina, dei por mim com lágrimas a escaldar nos olhos e a rolar-me pelo rosto abaixo.

Tinham-me dado o fogueiro do Jim. Olhei em volta à procura dele. Estava ao fundo da cabine, de cabeça descoberta, a limpar algo das faces. Segurámos a mão um do outro — um momento de fraqueza —, ele pegou na pá e eu voltei para o regulador.

Os meses passaram numa monotonia sem incidentes. À noite, olhávamos por cima do ombro para a casa solitária e, na manhã seguinte, passávamos por ela rápidos no nosso regresso, ao romper da aurora.

O nome do Jim nunca cruzou os nossos lábios; o fogueiro tocava no boné ao passarmos, em memória dele; eu erguia o meu em memória da mulher.

Então, uma noite, tão inesperada quanto súbita, uma coisa estranha aconteceu, e agora, senhor, é aqui que não quero que pense que a tensão nos meus nervos me enlouqueceu.

Foi o fogueiro quem reparou primeiro. Ao aproximarmo-nos da curva, eu tinha feito como as normas indicavam: puxado a alavanca para um quarto da velocidade e, enquanto abrandávamos para fazer a curva, inclinei-me para fora da cabine para olhar para a casa, exatamente como tinha feito sempre, dia após dia.

De repente, a voz do fogueiro chamou-me de volta a mim mesmo. Com os olhos a saltar-lhe da cabeça, ele apontava para a alavanca.

Por um segundo, não me apercebi do que estava a acontecer. Foi o pulsar acelerado da locomotiva que me fez perceber que algo estava errado. A alavanca estava a ser puxada lentamente, abrindo-se; já tinha atingido a marca de meia velocidade.

Num ápice, agarrei-a, forcei-a a voltar à marca de um quarto e, de dentes cerrados, segurei-a ali, apesar de algo que parecia puxar contra mim.

Foi quase tarde demais. Estávamos a contornar a curva com demasiada velocidade, a locomotiva balançava de um lado para o outro, as rodas guinchavam enquanto se esmagavam contra os carris. Por um momento, pensei que mergulharíamos pelo talude abaixo, mas a secção perigosa foi ultrapassada, a locomotiva endireitou-se e estávamos a salvo.

— Meu Deus! — disse o fogueiro, enquanto limpava o suor do rosto. — Aquilo era a mão do Jim na alavanca... eu sei que era.

Dali em diante, tomei precauções para nunca tirar a mão da alavanca ao aproximar-me da curva; mas, quer o senhor acredite em mim quer não, senhor, tenho de dizer que muitas vezes senti o puxão contra mim e, há poucas noites, foi mais forte do que nunca.

Ele tinha terminado a sua história; tinha-lhe feito bem desabafar com alguém. Os seus olhos tinham perdido aquele olhar nostálgico e assombrado que traziam quando entrou.

«Mas o que é que ele quer que eu faça?», perguntei-me mentalmente.

Antes que eu conseguisse formular uma pergunta, ele continuou:

— O que eu quero que o senhor faça, senhor, é o seguinte. Quero que venha comigo até à estação terminal esta noite. Quero que fale com o meu fogueiro, que lhe diga que a minha história é uma tolice, algo causado pelos

nossos nervos esgotados. Ele sabe que vou levar a minha patroa e a filhinha comigo no comboio esta noite. Sim, senhor, vamos deixar Londres de vez; isto nunca me trouxe sorte, senhor. Quem me dera nunca a ter visto. Consegui um pequeno emprego lá no Norte, no fim da linha, onde tenho a certeza de que a minha patroa será mais feliz.

— Prometi ao meu fogueiro que viria contar-lhe tudo antes de tirarmos o comboio esta noite. Temos exatamente uma hora para chegar à estação. Por favor, senhor, venha comigo.

Havia um tom tão suplicante na sua voz e nos seus olhos que não tive coragem de recusar. O que é que adiantaria eu ir ver o fogueiro dele, não conseguia imaginar, mas senti que tinha de o fazer.

Encontrando um carro de praça na rua, chegámos à estação terminal cerca de meia hora antes de ele partir com o comboio.

Numa carruagem vazia, mesmo ao lado da locomotiva, a mulher e a filha já estavam sentadas, com toda a bagagem à volta delas. A mulher parecia ser uma senhora excecionalmente agradável, com uma expressão peculiarmente triste de resignação nos olhos. A filhinha era uma doçura de criança, de uns cinco ou seis anos; brincava com uma boneca ao colo, acariciando-a com toda a ternura de uma mãe.

Passou um rapaz a vender chocolates; comprei-lhe uma caixa e, para me agradecer, ela ergueu o rostinho para ser beijada.

De pé junto aos degraus da locomotiva estava o fogueiro — um daqueles jovens de queixo quadrado e bem constituídos que são a espinha dorsal da classe trabalhadora de Inglaterra. Ele pegou na minha mão estendida daquela forma tímida e esquiva que os homens do seu tipo tantas vezes têm quando conhecem um estranho pela primeira vez.

O Brierly deixou-nos para ir para a locomotiva, e o fogueiro e eu caminhámos alguns metros pela plataforma.

— Ainda bem que o viu, senhor — disse ele. — Tenho a certeza de que lhe fez algum bem.

Por um momento, mal soube o que dizer.

— Pode ter-lhe feito bem contar a alguém a sua estranha história — respondi —, mas não sei se fui capaz de o ajudar de alguma forma.

— Não, senhor, receio que nem o senhor nem ninguém possa fazer muito. Limitei-me a convencê-lo a vir, pois senti que ele tinha de falar com

alguém para aliviar a mente; mas escreva o que lhe digo, senhor — acrescentou ele —, o pior está ainda para vir.

«De que grande utilidade seria», pensei cá para mim, «eu dizer a um homem como este que tudo aquilo era uma tolice».

— Viu realmente a alavanca mover-se? — perguntei, olhando-o fixamente nos olhos.

— Se a vi mover-se? Meu Deus! Não só a vi mover-se, como a senti mover-se e, mais ainda, senhor, de cada vez que isso acontece ultimamente, o puxão tem sido cada vez mais forte. Julgo que o Brierly não lhe contou que, há apenas três noites, teve de me gritar por ajuda, e tivemos ambos de segurar a alavanca para trás com toda a nossa força, senão a locomotiva ter-se-ia lançado a sessenta milhas por hora pela curva, e nem ele nem eu estaríamos aqui para contar a história.

— Viu alguma coisa? — perguntei.

Ele olhou-me fixamente nos olhos.

— Tão nitidamente como o estou a ver aqui esta noite, senhor, vi o vulto do meu antigo camarada Jim de pé ao lado do Brierly e, mais ainda, com a mão direita a agarrar a alavanca, como o vi fazer centenas de vezes na vida.

— Não poderia ser que os seus nervos estivessem esgotados e o senhor tivesse imaginado isso? — disse eu, tão calmamente quanto consegui.

No momento seguinte, arrependi-me de ter feito tal pergunta. O homem grande e forte ao meu lado olhou-me com desprezo.

— Tenho aspeto de um homem que vê fantasmas? — riu-se ele, amargurado.

Tínhamos chegado ao fim do nosso passeio; voltámo-nos e olhámos para o comboio; as pessoas apinhavam-se para ocupar os seus lugares, algumas a rir e a brincar enquanto se despediam, outras a estreitar nos braços um ente querido. Sacos de correio eram atirados para dentro, as bagagens eram acomodadas à pressa, o bulício habitual e a azáfama de última hora de um longo comboio prestes a partir para o Norte.

— Há noites — continuou o fogueiro — em que me arrepio ao ver os passageiros a embarcar. Quase me paralisa pensar no que aconteceria se a

alavanca fosse puxada de vez e a locomotiva mergulhasse a sessenta milhas por hora pela curva.

— Nunca pensou em falar com os Diretores do Caminho de Ferro? — perguntei.

Mais uma vez, o homem robusto olhou-me com desprezo.

— O senhor toma-me por um valente tolo ou por um idiota mentecapto? Um simples fogueiro a atrever-se a falar com um dos deuses do dinheiro que controlam esta Companhia? Meu Deus, senhor, eu não quero ser despachado para um manicómio, e era exatamente isso o que aconteceria. Nem sequer nos atrevemos a dirigir a palavra a nenhum deles a não ser através do nosso sindicato. Aí está o primeiro apito, senhor, tenho de ir.

A mulher do Brierly estava debruçada à janela da carruagem. Era a carruagem da cauda, a mais próxima da locomotiva; era a única que não tinha passageiros. O Brierly, pensei eu, tinha-a evidentemente escolhido para ter a mulher e a filha o mais perto possível dele.

Outro apito — a mulher do Brierly ergueu a filhinha para que ele a beijasse; ela aproximou o seu minúsculo rosto dele e passou os braços à volta do seu pescoço; ele afastou-se, depois voltou-se e beijou-a repetidamente.

Mais um segundo e estava de volta à sua locomotiva. Inclinando-se para o lado, apertou-me a mão.

— Obrigado, senhor — disse ele. — Obrigado por vir despedir-se de nós.

Um terceiro apito — a mão do Brierly já estava na alavanca — um sibilar de vapor, depois outro e mais outro — o monstro de aço vibrou de vida — as rodas giraram cada vez mais depressa, um aceno de mão — e o longo comboio lançou-se para a frente, na noite.

Fui o último a deixar a plataforma — algo em mim, não sabia o quê, parecia ter partido com aqueles homens na locomotiva e tê-los seguido pela noite fora. Um pressentimento de horror e tragédia apoderou-se da minha própria alma.

E, no entanto, o que podia eu fazer? Nós, mortais, somos pior do que impotentes quando o Destino assume o leme das coisas nas suas próprias mãos.

Caminhei todo o caminho de regresso aos meus aposentos. Achei que o ar da noite me acalmaria os nervos.

O lume ainda ardia na minha sala de estar. Deixei-me cair na cadeira onde estivera sentado quando, escassas horas antes, o Brierly estivera comigo a contar a sua história.

Passaram-se duas horas. De repente, a campainha do telefone tocou. Quem poderia querer-me a uma hora daquelas, de madrugada, perguntei-me.

Uma voz do outro lado disse:

— O seu nome é "Cheiro"? Tenho uma mensagem de um homem que passou por um desastre ferroviário. Ele quer que lhe diga que o Expresso da Meia-Noite sofreu um acidente na "curva". A locomotiva e a primeira carruagem descarrilaram; o Jim Brierly, a mulher e a filha morreram; o fogueiro foi projetado para fora e quer que o senhor vá ao Hospital Ferroviário imediatamente.

PARTE I

FANTASMAS QUE VÊM SEM SER CHAMADOS

UM ESPÍRITO TRAZ UM PADRE PARA DAR A ABSOLVIÇÃO A UM HOMEM A MORRER

«Não precisamos de nenhum consistório de bispos ou sínodo de ministros para nos dizer no que acreditar, tudo está aberto à investigação.»

— PROFESSOR ASAPH HALL.

«Quando se chama a algo misterioso, tudo o que isso significa é que não o compreendemos.»

— LORD KELVIN.

CAPÍTULO II

UM ESPÍRITO TRAZ UM PADRE PARA DAR A ABSOLVIÇÃO A UM HOMEM A MORRER

Uma noite, após o jantar na minha casa no sul de Inglaterra, o pároco da paróquia, o Padre Jackson, passou por lá para conversar.

O Padre Jackson era um interessante estudo da humanidade. Era amado por todos — católicos romanos, protestantes ou pagãos (e havia alguns destes últimos naquela pacata aldeia) —, todos tinham uma boa palavra a dizer sobre o "Padre", como era carinhosamente chamado. Era dedicado à sua igreja: quando ele chegou à paróquia, esta fora um pobre casebre de madeira com a chuva a entrar pelo telhado de ferro, e uma congregação que consistia numa dúzia de "almas" tão velhas e atormentadas pelo reumatismo que, assim que se ajoelhavam, geralmente ali permaneciam até a Missa terminar. Em dez anos, ele tinha reconstruído a igrejinha, mas até o tijolo não era bom o suficiente para ele: tinha de ser feita com pedra de Portland; a sua congregação tinha aumentado para mais de duzentas pessoas, incluindo muitos dos "pagãos", e as pessoas vinham de longas distâncias para o ouvir pregar.

Quando não estava no assunto da religião, era o homem de mentalidade mais aberta que alguma vez conheci. Amava tudo o que saía do comum e era extremamente instruído em todos os problemas científicos da atualidade.

Ele e eu tínhamos muitas discussões sobre assuntos ocultos de vários tipos e, embora ele prefaciasse sempre os seus argumentos insistindo que "a

Igreja" não tolerava tais coisas, foi precisamente ele quem, no fim, me relatou uma das histórias mais impressionantes do lado humano da manifestação fantasmagórica que alguma vez ouvi.

Na noite em questão, tínhamos estado a discutir algumas das coisas estranhas e inexplicáveis que tinham acontecido recentemente na minha casa, e um incidente em particular tinha-lhe agradado fortemente, no qual um espírito tinha insistido na realização de uma certa obra que trouxera benefício e grande felicidade a todos os envolvidos.

Para minha surpresa, em vez de argumentar contra este assunto, como habitualmente fazia, ele recostou-se na cadeira e contou-me o seguinte:

— Estou inclinado a admitir — começou ele — que os mortos podem regressar sob algumas circunstâncias excecionais; para fazer uma boa obra, por exemplo; então, talvez lhes seja permitido revisitar a terra. Uma experiência deste género aconteceu na minha própria vida.

Eu fui outrora padre assistente numa paróquia muito pobre em Glasgow — o tipo de lugar para onde os padres novos são enviados para ficarem bem "amestrados". Eu partilhava alojamento com outro padre — um homem com o dobro da minha idade, que era tão enfraquecido que eu fazia a maior parte do trabalho dele, além do meu.

Uma noite cheguei a casa mais esgotado do que o habitual. Descalcei as botas molhadas, pus uma a secar ao lado do lume enquanto o meu companheiro servia uma tigela de sopa que me tinha guardado quente durante horas. Estava exausto mental e fisicamente: houvera durante meses uma epidemia de doença em Glasgow, um inverno frio e duro também, e entre chamadas de doentes, pessoas a morrer e o trabalho regular de um padre, eu estava completamente desgastado.

Com um suspiro de alívio, estendi-me numa cadeira confortável diante do fogo. Lá fora o vento uivava e a chuva batia contra a janela. "Graças a Deus!", pensei, "não tenho mais chamadas de doentes esta noite".

Uma batida suave na porta exterior. Fingi que não ouvi. O meu companheiro atirou-me o jornal da noite — ele também parecia não ter ouvido nada. Passou um minuto ou dois — a batida repetiu-se.

Comecei a ler o jornal em voz alta: "Tempestade violenta no norte da Escócia — Cabos de telégrafo derrubados — Cheias no Clyde". A batida repetiu-se — uma batida estranha, persistente. Atirei o jornal para o lado, levantei-me e abri a porta. Não estava lá ninguém, nada senão a escuridão

total. Esperei um momento, mas ninguém apareceu. Fechei a porta e voltei para o lume.

— É apenas o vento — disse o meu companheiro. — Ninguém te quereria chamar numa noite destas, exceto, claro, se alguém estivesse a morrer.

A batida repetiu-se. Esperámos sem falar — novamente, e desta vez muito mais forte. Abri a porta de par em par. Na luz tremula do candeeiro a gás do outro lado da rua, a figura de um homem erguia-se como se estivesse à minha espera.

Consigo ver o rosto do homem na minha mente agora. Um indivíduo de aspeto rude com um lenço atado à volta da garganta, um tipo claramente irlandês, uma expressão determinada no rosto e um par de olhos com um olhar de estranha ânsia que nunca esquecerei.

Ele não falou, limitou-se a acenar-me para ir.

— Está bem — respondi —, espera um momento e já vou contigo.

Com dificuldade, calcei as botas molhadas e o casaco molhado e, pegando no que os padres levam consigo para emergências, voltei-me para a porta.

O homem fez-me um sinal para o seguir e partiu a um ritmo que achei difícil de acompanhar.

Pensei que conhecia bem aquela parte de Glasgow, mas o homem que me guiava parecia conhecê-la melhor. Ele virava numa rua secundária atrás de outra e, se eu ficava um pouco para trás, esperava por mim e depois partia de novo.

"Ele acredita evidentemente que alguém não tem muito tempo de vida", pensei, e avancei o mais depressa que pude através da chuva forte.

Tínhamos chegado às docas e virado por uma rua secundária onde havia um bloco de prédios de habitação social — um horrível formigueiro humano, com cada quarto alugado separadamente.

Numa escadaria de pedra na extremidade mais distante do bloco, consegui ver o homem à minha espera. Subimos as escadas quase juntos, com ele a manter-se apenas a alguns degraus de avanço. Subimos, subimos, até chegarmos ao último quarto no andar superior. A porta estava aberta, a luz de uma lâmpada de óleo brilhava no corredor. O homem entrou, passou

para a cabeceira da cama. Consegui vê-lo inclinar-se e agarrar a mão do homem moribundo; no momento seguinte, tinha desaparecido.

Olhei em redor; não havia outra porta senão aquela por onde eu estava a entrar e, no entanto, o indivíduo tinha desaparecido.

O homem moribundo já me tinha visto.

— Oh, Padre — arquejou ele —, finalmente chegou. O Pat Egan disse-me que traria um padre e cumpriu a sua palavra.

— Onde está o Pat Egan? — perguntei.

— Ele morreu na Austrália há vinte anos. Mas, Padre, escute-me. Não ligue a isso, compreenderá quando ouvir a minha história. O Pat Egan e eu conhecemo-nos no mato, a cerca de quatrocentas milhas do outro lado de Melbourne. Éramos ambos proscritos dos nossos semelhantes, proscritos que, talvez, nunca tiveram a oportunidade de agir melhor ou saber melhor. Como diz o ditado, a nossa mão estava contra todos os homens e a mão de todos os homens estava contra nós.

— Havia um prémio estipulado pelas nossas cabeças; mantivemo-nos o mais longe possível das cidades ou da civilização. Entre nós havia um pacto de sangue selado pelos perigos que tínhamos passado juntos.

Eu nunca soube muito sobre religião. A única vez que ouvi falar de Cristo foi quando estive na prisão, e nesses dias a religião e a papa de aveia da cadeia não me pareciam combinar.

O Pat Egan, pelo contrário, era católico. Trazia uma cruz que a mãe lhe dera colada ao coração; rezava as suas orações todas as noites, quer a sua cama fosse um buraco numa rocha ou uma cavidade na areia.

Uma noite veio a febre. O Egan apanhou-a pior do que eu. A nossa força foi consumida e, de dois homens fortes que nada temiam, tornámo-nos fracos como crianças abandonadas pela mãe. A febre apoderou-se do Egan de forma mais violenta do que de mim. Por fim, percebi que o fim não estava longe e, doente como eu próprio estava, sentava-me dia e noite a banhar-lhe a pobre cabeça e a tentar reconfortá-lo para que adormecesse.

Estávamos na orla do deserto, longe dos caminhos dos homens, dois pobres proscritos perdidos a lutar pela vida como sempre tínhamos lutado, a agarrarmo-nos à vida como sempre nos tínhamos agarrado; mas sobre um de nós a Morte já tinha lançado o seu direito.

A mão do Egan agarrou a minha. «Companheiro», disse ele, «faz uma coisa por mim e, quando chegar a tua vez de morrer, eu farei o mesmo por ti».

Inclinei-me mais para ele — os seus olhos ardiam nos meus —, ele sabia que estava prestes a pedir o que roçava o impossível. «Traz um padre», disse ele debilmente.

Quando a manhã chegou, eu estava a meio caminho da cidade mais próxima. Doença, fadiga, fome são palavras vãs quando a Vontade assume o comando. A noite voltou a cair. Ao longe, vi uma torre com uma Cruz — a Cruz daquele Cristo de quem só ouvira falar quando estivera na prisão.

Contei a minha história a um padre.

De regresso pela noite fora, dois cavalos galoparam pela longa trilha branca. Depois, a trilha ficou para trás e começou o deserto sem caminhos. Sempre, sempre em frente, até que o amanhecer chegou e o fumo do lume que eu deixara se ergueu ao longe, acenando-nos para que nos apressássemos. Era o sinal de que o Egan ainda vivia. Eu tinha colocado gravetos ao seu alcance para manter o lume aceso.

O padre chegou a tempo. O Egan teve a consolação que pedira. Longe dos homens, na orla do deserto, o pródigo fora recebido de volta.

A mão moribunda apertou a minha. Os lábios moviam-se. «Companheiro», sussurrou ele, «quando chegar a tua vez, eu farei o mesmo por ti».

PARTE 1

FANTASMAS QUE VÊM SEM SER CHAMADOS

O HORROR ASSOMBRADO DO MORCEGO BRANCO

«A alma sabe todas as coisas.» — EMERSON.

«Os milagres não acontecem em contradição com a Natureza, mas apenas em contradição com o que nos é conhecido da Natureza.» — ST. AGOSTINHO.

CAPÍTULO III

O HORROR ASSOMBRADO DO MORCEGO BRANCO

PODEM OS MORTOS LANÇAR UM FEITIÇO DE VINGANÇA SOBRE OS VIVOS?

O SANTUÁRIO DO SEPULCRO ERA PARTE DA RELIGIÃO DOS ANTIGOS EGÍPCIOS.

A VIOLAÇÃO SIGNIFICAVA ALGO PIOR DO QUE A MORTE. POR MEIO DE FEITIÇOS POTENTES, QUE APENAS PODEM SER COMPREENDIDOS PELA CIÊNCIA DO OCULTISMO, ELES GUARDAVAM OS SEUS TÚMULOS COM AMEAÇAS DIRIGIDAS CONTRA QUALQUER UM QUE PERTURBASSE O SEU LUGAR DE DESCANSO.

NESTA HISTÓRIA RELATO COMO FUI PROCURADO POR UM HOMEM DESESPERADO QUE TINHA ATRAÍDO A VINGANÇA DOS PODEROSOS MORTOS; E COMO EU PRÓPRIO FUI ARRASTADO PARA O CÍRCULO DO FEITIÇO; ATÉ QUE ESTE FINALMENTE ATINGIU O SEU CLÍMAX SOB CIRCUNSTÂNCIAS DE MISTÉRIO E HORROR.

O Sobrenatural tem o seu fascínio permanente para todas as pessoas. O invulgar e o estranho que parece, de facto, sobrenatural, isto é, acima da compreensão natural, foi em todas as épocas olhado com um espanto arrepiante. E embora os antigos Videntes e Homens Sábios fossem capazes, pelo seu conhecimento das leis ocultas, de desvendar muitos aparentes mistérios, eram, em consequência disso, considerados pessoas perigosas que se tinham associado ao Maligno.

Posso escrever com perfeita verdade que tive experiências com o Sobrenatural que desafiam as leis da Razão. Muitas delas foram por associação com aqueles que vinham aos meus aposentos de consulta, ensombrados por algum Destino estranho ou sobrecarregados por um pressentimento instintivo de calamidade. Em alguns casos fui capaz de ajudar; noutros, eu também fui arrastado para o círculo do Sobrenatural. Em Londres, Paris, Egito, Índia, China e noutros locais, estive em vários momentos a braços com o Sobrenatural. Proponho-me registar estas experiências o mais simplesmente possível, explicando, onde sou capaz de compreender, as várias forças e leis que, no meu julgamento, provocaram estes acontecimentos misteriosos.

— Cheiro, podem os mortos lançar um feitiço de vingança sobre os vivos?

Assim, numa tarde, nos meus aposentos em Londres, esta pergunta foi-me sussurrada pelos lábios desgastados de um visitante que se apresentara com uma carta do falecido Sr. W. T. Stead, cujo interesse pelo Oculto fora abruptamente cortado pela sua morte prematura por afogamento no naufrágio do *Titanic*.

O meu visitante explicou que em janeiro de 1912, três meses antes do desastre com o grande navio, estivera em Londres e visitara o Sr. Stead. A conversa girara em torno do assunto dos avisos de morte e, em particular, sobre os antigos feitiços egípcios usados para guardar a santidade dos túmulos.

Stead comentara então vários casos impressionantes que conhecia pessoalmente, onde múmias tinham trazido uma sucessão de desastres sobre aqueles que as retiravam dos seus túmulos; passou depois a aconselhar o seu amigo a ver-me, dizendo gentilmente que era um assunto sobre o qual eu sabia muito mais do que ele.

O Sr. Hendry, o meu visitante, era, como me disse, um abastado irlandês-americano que fizera fortuna em Nova Iorque na Bolsa de Valores. Tinha-se reformado e casado tarde na vida, e fora para o Egito devido ao seu interesse em escavações de túmulos. Assim, fora posta em marcha uma cadeia de circunstâncias que traria a morte e o desastre, e que, acessoriamente, acabaria por me envolver também a mim.

O Sr. Hendry era um homem idoso de aparência culta. Percebi que estava a debater-se sob uma profunda emoção ou um medo contido. Como era sempre meu hábito, tentei colocar-me num estado de espírito compreensivo, não fazendo perguntas, sabendo por experiência que o meu visitante viera para me fazer perguntas e obter o meu conselho.

As palavras «Cheiro, podem os mortos lançar um feitiço de vingança sobre os vivos?» foram proferidas enquanto ele mexia num pequeno embrulho que trazia na mão. Desembrulhando-o, colocou sobre a minha mesa um objeto que reconheci imediatamente como um escaravelho egípcio.

— Cheiro — disse ele —, pode dizer-me alguma coisa sobre esta antiguidade?

Ora, por coincidência, tenho uma estreita associação com a terra dos Faraós e, além disso, tive o privilégio de ser iniciado em grande parte da sabedoria mística os egípcios por um estudioso de tais coisas que conheci no Cairo em tempos idos. Por isso disse, após inspecionar minuciosamente o escaravelho:

— Pela sua aparência geral, eu diria que foi retirado de um túmulo onde era usado como selo sobre o invólucro final de uma múmia, fechando as extremidades da cobertura na zona do peito. Como tem a forma de um morcego, assumo que foi encontrado num túmulo do tempo de Quéops, da Quarta Dinastia; pois no seu reinado este rei foi divinizado como um Morcego.

O Sr. Hendry pareceu muito interessado pelo que eu dissera. Enquanto eu pousava o escaravelho, ele disse numa voz baixa e intensa:

— Cheiro, estou sob uma maldição — um feitiço, chame-lhe o que quiser. Roubou-me a mulher mais querida do mundo, enviou os meus planos para a ruína, levou o meu melhor amigo ao suicídio e agora temo que a sua malevolência vise a minha própria vida. Quero que me diga o que o Futuro me reserva. Seja franco, porque Deus sabe que, depois de tudo o que suportei, qualquer coisa é melhor do que este suspense torturante.

Quando ele acabou de falar, surpreendeu-me notar que a sua testa estava húmida de suor.

— Se me contar um pouco sobre esse problema — disse eu gentilmente —, talvez eu possa ajudar.

Foi então que ele revelou uma das histórias mais estranhas que alguma vez ouvi nos meus aposentos de consulta.

Contou-me que estivera alojado no ano anterior no Shepheard's Hotel, no Cairo, e que, enquanto lá estava, ouvira falar de umas novas e notáveis escavações no Vale dos Reis. Investigando, descobriu que o trabalho estava parado devido à morte de um arqueólogo alemão, que morrera subitamente. Um medo estranho apoderara-se dos trabalhadores nativos; eles tinham a certeza de que o túmulo maior, do qual apenas a câmara exterior fora alcançada, era assombrado por espíritos malignos que tinham causado a morte do alemão.

Contudo, o Sr. Hendry era um homem resoluto e decidiu assumir o trabalho, obtendo uma licença para o efeito. Através de subornos conseguiu mais nativos e, eventualmente, três câmaras foram postas a descoberto,

conduzindo no fim a um sarcófago que continha restos reais; dado que a porta trazia o selo de Quéops IV.

Finalmente, a câmara foi aberta e a instalação temporária de luz elétrica revelou um maravilhoso caixão de ouro. Trabalhando sozinho, pois nenhum dos nativos queria entrar, Hendry levantou a tampa e o segredo das eras foi revelado. A múmia era a de um antigo sacerdote, perfeito até na sua longa barba branca, e obviamente do Colégio Real de Sacerdotes Místicos fundado por Quéops em honra da sua divinização.

— Cheiro — disse o Sr. Hendry de forma impressionante, quando chegou a esta parte da sua absorvente narrativa —, no peito da múmia estava este escaravelho. Quando lhe toquei para o arrancar, pareceu que um horror de medo desceu sobre mim como uma nuvem. As luzes elétricas enfraqueceram até se tornarem um vislumbre ténue; um vento frio e sibilante encheu a caverna; e ouvi formas que esvoaçavam passando pelo ar e roçando-me no rosto. Julguei que fossem morcegos.

— Confesso que o pânico se apoderou de mim. Com o escaravelho na mão, saí da câmara a tropeçar, ofegante, ansiando apenas pelo ar puro do exterior. Depois de recompor os meus nervos, decidi voltar para completar o meu trabalho. Mas estava cansado e fraco, e acabei por decidir esperar até ao dia seguinte.

— Quando cheguei ao hotel, a minha mulher recebeu-me com o rosto assustado. Ela sempre fora avessa às minhas escavações e pesquisas entre os túmulos. Durante a tarde, fora presa de temores nervosos pela minha segurança. Prometi-lhe que não voltaria ao túmulo.

— Para afastar da mente estas impressões perturbadoras, a minha mulher e eu fomos fazer uma excursão pelo Nilo até Luxor. Acampando na Margem Sul, voltei rapidamente ao normal. O escaravelho que encontrara guardei-o cuidadosamente escondido e não falei sobre ele a nenhum dos meus conhecidos.

Depois, numa voz mais baixa e com as lágrimas a encherem-lhe os olhos, o Sr. Hendry continuou a contar como uma noite foi acordado por um som invulgar. Gradualmente, apercebeu-se de que um morcego branco como a neve esvoaçava incessantemente à volta da tenda.

— Espreitei pela abertura e não lhe consigo dizer com que horror vi o fantasmagórico visitante da noite a circundar a tenda e a emitir, de vez em quando, um som agudo. Afastei-o; voltei a adormecer, mas os meus sonhos eram de túmulos e cheios de pavores vagos.

O Sr. Hendry continuou, contando como a sua mulher se tornou melancólica e temente de algo que não conseguia expressar. Uma manhã, acordou e encontrou-a morta. A causa foi um mistério completo. Os médicos apenas conseguiram dizer que fora paragem cardíaca devido a algum choque.

Depois disso, desastre após desastre caíra sobre o meu visitante. Os seus investimentos correram mal; um amigo de confiança suicidou-se em Nova Iorque após confessar que desviara quarenta milhar de dólares de dinheiro que lhe fora confiado. O seu pai, residente em Nova Orleães, adoeceu subitamente e faleceu. E, finalmente, o viúvo de luto encontrou-se sozinho na vida e assombrado pelo morcego branco como a neve.

— Cheiro — clamou ele —, isto é loucura, ou algo tão diabólico que está para além da compreensão humana? Já ouvi falar, claro, de que uma maldição recai sobre aqueles que saqueiam os túmulos dos mortos egípcios. Ri-me disso como sendo uma história de carochinha. Mas agora... — e estremeceu violentamente.

Tornando-se mais calmo, disse que muitas vezes tinha um pesadelo medonho com um morcego gigante pousado sobre ele e a sufocar-lhe gradualmente a vida.

— Tenho pavor de dormir — disse ele. — Por isso, quero saber como é que tudo isto vai acabar.

Pedi-lhe que escrevesse a sua data de nascimento e, ao mesmo tempo, examinei-lhe a mão. Consegui ver que um fim trágico estava reservado para ele. Mas, na sua condição perturbada, não achei aconselhável contar-lhe toda a verdade. Acalmei-o e encorajei-o até que ele ficou mais composto. O assunto do seu tempo de vida pareceu ter-se afastado da sua mente e ele não voltou a referir-se a isso.

Mesmo antes de sair, disse subitamente:

— Cheiro, faz-me um favor? Fui chamado para fora por vários dias em negócios. Posso deixar à sua guarda... ISTO?

Colocou nas minhas mãos o escaravelho em forma de morcego.

Devo confessar que, quando a minha mão entrou em contacto com ele, um arrepio estranhamente apreensivo me percorreu. Estava profissionalmente interessado em descobrir mais, se possível, sobre esta relíquia dos mortos, mas, por baixo disso, um sentimento frio de medo parecia apoderar-se de mim. O meu visitante observava-me atentamente.

— Não tem medo, Cheiro? — perguntou ele.

— Não — disse eu impulsivamente. — Guardá-lo-ei em meu poder até que venha reclamá-lo.

Poucos dias depois, fui fazer um pequeno retiro para uma casa que tinha alugado para o verão na ilha de Jersey. Nessa noite, quando me fui deitar, coloquei o escaravelho numa pequena mesa ao lado da minha cama.

O sono veio rapidamente. Mas depois vieram os sonhos — sonhos estranhos, assombrados, com um cenário egípcio. Estava em grandes salões com figuras solenes e colossais esculpidas em monumentos de pedra. A cena mudou e eu percorria corredores intermináveis que desciam para o interior da terra. Por fim, encontrava-me numa pequena câmara, que se tornava mais pequena, enquanto a sufocação me apertava a garganta. Estava a engasgar-me, a morrer, incapaz de me mover, enterrado vivo!

Com um grito sufocado, acordei dando comigo banhado em suor, com uma sensação horrível de que algo me agarrava a garganta. A grande janela do quarto ficava virada para os pés da minha cama. Era uma noite de luar brilhante; a persiana tinha ficado aberta.

Enquanto olhava para a janela, tentando reunir as minhas recordações confusas, experimentei um arrepio de horror. Pois ali, pressionado contra a vidraça, olhando para dentro com uns olhos brilhantes que pareciam fixos em mim com uma intensidade ameaçadora, estava um enorme morcego branco.

A repugnante criatura noturna permanecia imóvel, com as suas orelhas pontiagudas erguidas, esperando e vigiando como se procurasse uma presa humana. Depois, subitamente, desapareceu. Quebrado o feitiço, saltei da cama. Longe, por cima da copa das árvores, fantasmagórico ao luar, conseguia vê-lo a flutuar em asas velozes.

No dia seguinte, encontrei a minha garganta rígida e inchada. Chamei um médico e ele ficou francamente intrigado. Tudo o que conseguiu sugerir foi a picada de um inseto venenoso. Guardei segredo.

Ao regressar a Londres, o Sr. Hendry procurou-me para reaver o escaravelho. Devo confessar que lho entreguei de bom grado. Perguntou, curioso, se eu tinha notado algo de estranho nele. Algo me selou os lábios, exceto que lhe roguei que o levasse de volta para o Egito e o deixasse no lugar onde o encontrara.

Um olhar de obstinação fatalista cruzou-lhe o rosto. Apertou-me a mão e deixou-me sem uma palavra.

Na minha convicção íntima, senti que o feitiço se tinha apoderado dele e que ele trilhava o caminho que teria de conduzir à tragédia.

Mas o Destino tardou. O incidente do escaravelho quase se tinha desvanecido da minha mente quando, num momento de ócio, peguei num exemplar da edição de Paris do *New York Herald*, um jornal que eu examinava invariavelmente. O meu olho captou um parágrafo: «Morte misteriosa de um visitante americano», e detalhava o trágico falecimento do Sr. Hendry, que fora encontrado morto na cama num hotel na Rue la Fayette.

Pelas investigações que fiz, parece que um hóspede de um quarto adjacente ouviu um «grito longo e arrepiante» na noite; não ouvindo outro som, voltara a adormecer. Recordou-se que o falecido tinha insistido em ter as portadas trancadas sobre a janela do seu quarto; quando foi encontrado morto, as portadas estavam escancaradas, enquanto a parte superior da janela estava aberta. Tudo o que os médicos conseguiram dizer foi «morte por síncope» — ou paragem do coração por alguma causa desconhecida.

O escaravelho não foi incluído no inventário oficial dos bens do falecido. Tinha desaparecido.

A Razão pode rir-se de feitiços tecidos por aqueles que estão mortos há milhares de anos. Mas é um facto significativo que aqueles que perturbam os mortos egípcios raramente estão a salvo do desastre, se não da morte. O Egito atual está cheio de turbulência e agitação; e aqueles que ainda prezam a sabedoria antiga dizem que as influências ocultas postas em movimento pelos sacerdotes, que eram os guardiões sagrados dos Faraós, são poderosas para vingar aqueles que profanam os seus túmulos.

CAPÍTULO IV

O FAMOSO JAZIGO DE MÚMIA DO MUSEU BRITÂNICO

O SR. DOUGLAS MURRAY, um homem bem conhecido em Londres, entrou nos meus aposentos uma tarde. Eu não tinha, naquela altura, a mais pequena ideia de quem era o meu visitante, mas, mesmo que soubesse, isso não teria feito qualquer diferença na estranha história que estou prestes a relatar.

Para mim, o meu visitante era apenas mais um dos muitos homens da alta sociedade que me vinham consultar por curiosidade ou por outro motivo. Naquele momento, o meu visitante não tinha nenhum interesse ou ocupação particular na vida. Era como tantos outros jovens ricos que andavam por aí a "matar o tempo" o mais agradavelmente possível, até que, no curso natural dos acontecimentos, seriam eles próprios mortos por ele.

A rir, sentou-se na cadeira oposta à minha e, colocando as mãos sobre a pequena mesa que nos separava, disse num tom de brincadeira:

— Qual das minhas mãos vai escolher?

Um sentimento estranho que não consigo descrever apoderou-se de mim. Eu era o que se poderia chamar "um sensitivo treinado", com longos anos de experiência às costas. Sendo assim, era geralmente capaz de disfarçar as minhas emoções e evitar que uma expressão de um tipo ou de outro se manifestasse no meu rosto.

Neste caso, contudo, assim que peguei na mão direita do meu visitante na minha, um sentimento inexplicável de pavor e horror pareceu rastejar dela e, com a mesma rapidez com que a pegara, deixei-a cair de novo sobre a almofada.

— O que é que há de errado com a minha mão direita? — riu-se o meu visitante.

Foi então que a própria mão pareceu falar-me. Não foi que eu tentasse lê-la, não havia necessidade de fazer tal esforço. Foi como se a minha alma sensitiva fosse tomada por alguma força oculta da qual não posso dar qualquer explicação, mas que em muitos momentos da minha vida pareceu avassalar-me e forçar-me a visualizar o futuro dos meus clientes numa série de imagens, umas a seguir às outras.

Sem dar qualquer importância ao efeito que as minhas palavras pudessem causar, e com a sensação de me ouvir falar sem o poder de impedir que as palavras me saíssem dos lábios, desabafei rapidamente:

— Sinto que esta sua mão direita não será sua por muito tempo. Forma-se uma imagem na minha mente de uma arma de qualquer espécie a rebentar e a despedaçá-la. A isto segue-se um sofrimento terrível e, finalmente, todo o braço terá de ser amputado — e acrescentei rapidamente: — A sua mão, senhor, parece estar a chamar por mim para tentar salvá-la deste desastre iminente.

Como é evidente, o meu visitante riu-se. Haverá algum homem que não se risse em tais circunstâncias?

— A sua mão mostra-me outra imagem — continuei. — Ela tira um número de uma lotaria, o número dá um prémio que o senhor não deseja ter. Por obstinação e fatalismo o senhor aceita-o, e a partir desse momento começa uma série de infortúnios, a começar pela perda do seu braço direito e a culminar na sua própria morte.

— Mas, Cheiro — riu-se o meu visitante —, já alguma vez ouviu falar de um homem que, se tiver a sorte de tirar um prémio, não fique mais do que feliz por receber o que ganhou? Quanto a mim, nunca ganhei nada numa lotaria e não acredito que alguma vez ganhe. Mas esta minha mão maravilhosa diz-lhe o que este prémio extraordinário poderá ser?

Apesar da sua galhofa bem-disposta, outra imagem formou-se clara e distintamente na minha mente. Ao início, tomou apenas a forma de um objeto oblongo que parecia decididamente um caixão. Subitamente, surgiram hieróglifos estranhos, e ele destacou-se como um sarcófago egípcio com uma figura esculpida na tampa.

— Não lhe toque — conseguia ouvir-me a dizer —, peço-lhe que não lhe toque; se o fizer, trará o infortúnio para si e para todos os outros que tiverem algo a ver com isso.

— Meu caro Cheiro — riu-se o meu visitante —, se se põe num estado destes com todos os seus clientes, sou eu quem deve prever que, em breve, será o senhor a estar numa caixa oblonga com o seu nome numa placa de latão em boa caligrafia inglesa antiga.

Rimo-nos ambos, mas antes de sair ele entregou-me o seu cartão, «para me lembrar do nome dele», disse.

Poucos anos mais tarde, o Sr. Douglas Murray visitou-me novamente. A manga do seu braço direito estava vazia e presa na frente do casaco. Estava com um aspeto pálido e alquebrado, a sombra do que fora.

— Bem, aconteceu tudo exatamente como previu, Cheiro — disse ele.

Contou-me então o seguinte:

Tinha estado no Egito — fora lá por um capricho súbito para caçar com dois amigos que iam subir o Nilo. Antes de deixar o Cairo, o seu guia levou-o a ver um jazigo de múmia num estado de conservação invulgarmente bom. Os hieróglifos nele gravados descreviam que a sua

antiga proprietária fora uma Alta Sacerdotisa do famoso Templo de Amen-Ra. O exterior do jazigo exibia a imagem dela trabalhada em esmalte e ouro.

Embora sentisse, confessou-me, uma aversão extraordinária a ter algo a ver com aquele jazigo de múmia, não conseguiu resistir à tentação de o comprar, o que acabou por fazer, mandando-o entregar no seu hotel.

Nessa noite, como os seus amigos pareciam invejosos da sua maravilhosa descoberta, sugeriu que tirassem à sorte por ele — ele tirou o número vencedor. Alguém sugeriu que, como eram três no grupo, o sorteio devia ser feito três vezes e o homem que ganhasse duas vezes seria declarado o proprietário. O Douglas Murray tirou o número vencedor à primeira, à segunda e à terceira vez.

Nessa noite, deu ordens para que o jazigo da múmia fosse embalado e enviado para a sua morada em Londres.

Poucos dias depois, quando caçava no Nilo, a arma que empunhava explodiu na sua mão direita. Sofrendo a agonia mais intensa, ordenou que o barco regressasse ao Cairo; um vento contra de força invulgar impediu que a embarcação fizesse muito progresso, e passaram-se mais de dez dias até ele chegar ao seu hotel.

Por esta altura, a gangrena já se tinha instalado. Os médicos fizeram o seu melhor para impedir que se espalhasse, mas, apesar de tudo o que a ciência podia fazer, após semanas de sofrimento, o braço direito teve de ser cortado acima do cotovelo.

Na viagem de regresso a Inglaterra, ambos os seus companheiros morreram e foram sepultados no mar. Por um destino singular, duas malas que continham vários escaravelhos valiosos e curiosidades que ele comprara no Egito foram roubadas à chegada do navio a Tilbury e, apesar da recompensa muito avultada que ele ofereceu, nunca foram recuperadas nem se ouviu falar delas novamente.

Sentindo-se extremamente doente e num estado de espírito muito deprimido, chegou a casa e descobriu que o jazigo da múmia já tinha sido desembalado e estava à sua espera no átrio.

— Pode não acreditar em mim, Cheiro — disse ele —, mas, se tal coisa fosse possível, quando olhei para o rosto esculpido da Sacerdotisa no exterior do jazigo da múmia, os olhos dela pareceram ganhar vida, e vi neles um olhar de tal ódio que o meu próprio sangue pareceu congelar.

No dia seguinte, uma conhecida escritora foi visitá-lo para o entrevistar após o seu regresso. Ouviu a história, riu-se dela, disse-lhe que nada de oculto a poderia afetar e convenceu-o a deixar que ela levasse o jazigo da múmia para a sua casa nos arredores de Londres.

A partir do momento em que o jazigo passou da porta dela para dentro, infortúnio após infortúnio se seguiram. A mãe dela, ao descer as escadas para a acolher, caiu, partiu a coxa e, após meses de sofrimento, morreu. O homem de quem estava noiva, sem qualquer razão aparente, rompeu o compromisso e recusou casar com ela. No espaço de poucos meses, todos os animais de estimação — e ela tinha três ou quatro cães de raça premiados — enlouqueceram e tiveram de ser abatidos. Finalmente, ela própria adoeceu com uma doença definhadora peculiar que não encontrava explicação e, por fim, aterrorizada com as muitas desventuras que tinham surgido tão subitamente, telefonou ao seu advogado para que viesse preparar o seu testamento.

O homem de leis, prático e de cabeça fria, sem sequer lhe pedir permissão, mandou devolver o jazigo da múmia a Douglas Murray nessa mesma noite.

Tendo tomado a decisão de se livrar completamente daquela coisa que tanto sofrimento lhe trouxera, e estando determinado a não permitir que nenhum dos seus amigos a possuísse, pensou que o melhor local para a enviar seria a Secção Egípcia do Museu Britânico. Sentindo-se demasiado doente para tratar ele próprio das formalidades necessárias, recorreu à ajuda de um velho amigo para fazer os preparativos.

Este homem, sendo um fervoroso egiptólogo, ficou mais do que feliz com a oportunidade de examinar minuciosamente os hieróglifos no jazigo e, enquanto aguardava a decisão do Conselho do Museu Britânico, levou-o para a sua própria casa.

Poucas semanas mais tarde, os seus amigos ficaram sob o choque com a notícia de que ele fora encontrado morto, uma manhã, na sua cama. No inquérito que se seguiu, o seu criado testemunhou que, desde a noite em que o jazigo da múmia chegara à casa, o seu senhor começara a sofrer de insónias. Um frasco vazio de cloral foi encontrado à cabeceira da sua cama e o veredicto foi «morte por acidente».

Finalmente, o jazigo foi aceite pelo Museu Britânico. Passado algum tempo, relatórios extraordinários chegavam aos ouvidos das autoridades, de tempos a tempos, sobre estranhos acontecimentos que tinham lugar na

Secção Egípcia. Corria o boato de que algo inexplicável acontecia a quem tentasse fazer qualquer desenho ou esboço deste jazigo de múmia de aspeto notável. Um artista bem conhecido, um homem que eu conhecia particularmente bem, tentou desenhá-lo em nada menos do que quatro ocasiões. De cada vez sofreu um grave acidente, sendo a última vez atropelado por um cavalo e um carro de praça ao sair dos portões do Museu, e o esboço que trazia ficou completamente destruído.

As autoridades do Museu ficaram aborrecidas com a curiosidade que o jazigo despertava e mandaram-no recolher às caves. Finalmente, perdeu-se todo o rasto dele e correu o boato por Londres de que fora oferecido à Secção Egípcia do Museu de Nova Iorque e que estava, na verdade, a bordo do *Titanic* quando este se afundou na sua viagem inaugural em abril de 1912.

Douglas Murray viveu durante alguns anos após o jazigo ter saído do seu poder, mas nunca mais foi o mesmo depois de perder o braço. Vi-o em muitas ocasiões até à data da sua morte, há alguns anos. O seu único filho, o Capitão Frank Wyndham Sholto Douglas Murray, faleceu no início da primavera de 1928.

PARTE I

FANTASMAS QUE VÊM SEM SER CHAMADOS

UMA MÃO FANTASMAGÓRICA ESCREVE UM AVISO DE MORTE NUM ESPELHO

«O dedo que se move escreve; e, tendo escrito, Segue em frente; nem toda a tua piedade ou engenho O atrairá de volta para cancelar metade de uma linha, Nem todas as tuas lágrimas apagarão uma palavra dele.» — OMAR KHAYYAM.

CAPÍTULO V

MÃO FANTASMAGÓRICA ESCREVE AVISO DE MORTE PARA MILIONÁRIO NO ESPELHO DO QUARTO

Nas minhas muitas experiências com o Sobrenatural, há poucas que se comparem com a notável história que passo agora a relatar sobre a trágica morte do Sr. Reuben Beyfus, um abastado judeu americano que era um visitante frequente de Londres e notável pela sua generosidade para com as instituições de caridade destinadas a ajudar os seus irmãos mais pobres.

Pode uma pessoa ser sentenciada à morte por algum aviso premonitório e, apesar de todos os esforços imagináveis para evitar o seu cumprimento, acabar por morrer no dia e na hora pressagiados?

A minha experiência ensinou-me que tais casos acontecem. De passagem, posso registar que, quando no gabinete de consulta via indícios nas mãos de um cliente de uma morte súbita, ou uma indicação clara de que este ou aquele ano marcaria o *Finis* de uma carreira, era sempre cauteloso ao revelar tão temível segredo, a menos que me fosse especificamente pedido.

Verificava habitualmente que os homens que levavam as vidas mais ocupadas e úteis eram os mais ansiosos por saber exatamente a soma total dos seus anos, e preparavam-se então, com cuidado metódico, para uma contingência que encaravam como inevitável. O fatalismo deste género parecia dar um espírito sereno de preparação.

Por outro lado, conheci muitos que vieram a saber o período de dias que lhes estava destinado e, no entanto, esquivaram-se obviamente à verdade. Mas ao pensar no facto extraordinário de que algumas pessoas receberam avisos premonitórios de morte, salta-me imediatamente à memória o caso assombroso do Sr. Reuben Beyfus.

Este cavalheiro era o chefe de uma famosa família judaica — um homem rico que se sentia tão em casa em Londres, Paris, Berlim, etc., como em Boston, EUA, onde residia. Foi nessa cidade que o conheci e à sua encantadora família pela primeira vez.

Durante uma estadia em Boston, numa das minhas digressões americanas, a Sra. Beyfus procurou-me para uma consulta. Era uma mulher

bonita, com uma personalidade marcante; era a líder do meio musical daquela cidade, tivera sempre o seu camarote para a temporada da Ópera e era uma benfeitora particularmente generosa para os jovens cantores e artistas em dificuldades.

A Sra. Beyfus era uma daquelas raras personalidades que parecem irradiar, por assim dizer, uma "atmosfera" de felicidade. Entrou no meu quarto no Hotel Brunswick com um sorriso no rosto e uma expressão nos olhos como quem diz: «Por que haveria eu de querer saber o que o futuro me reserva? Tenho tudo o que o mundo me pode dar».

Fora meu costume treinar-me para não julgar pelas aparências externas, mas sim tentar ir além da "máscara" que os meus visitantes tantas vezes usavam. Contudo, aqui senti que não havia fingimento. Tinha finalmente conhecido uma mulher genuinamente feliz.

Com uma gargalhada alegre, tirou as luvas e estendeu ambas as mãos. A sua era uma "vida" bastante fácil de ler. Fora uma das "Favoritas do Destino" desde os seus primeiros dias. O curso da vida, tão turvo para outros, fora para ela um rio de ouro — tudo o que desejara, conseguira: um bom marido e dedicado a ela, um rapaz tão bonito como um jovem deus; uma voz, sim, uma que poucas *prima donnas* poderiam igualar. O que mais se poderia pedir?

— Até aos trinta e cinco anos, a minha idade atual, o senhor disse-me tudo exatamente; mas por que para, apontando para o fim dessa linha? Vou morrer? — perguntou ela.

— Não — disse eu, e talvez de forma um pouco abrupta acrescentei: — Não, mas penso que o seu marido vai; e, depois disso, a senhora não se importará muito com o que aconteça.

A minha cliente desatou numa gargalhada de pura incredulidade.

— Oh! — exclamou ela —, isso é demasiado cómico! Ora essa, ele é forte como um touro, o verdadeiro retrato da saúde. Tem de vir conhecê-lo.

Antes que eu recuperasse o meu sangue-frio, ela já tinha planeado que eu iria ao seu camarote na ópera nessa noite, regressaria com eles a casa para cear com Calvé, Jean de Reszke e outros cantores, e que teria de «fazer o conhecimento do meu maridinho extremamente saudável, o melhor homem que Deus alguma vez deu a uma mulher».

Achei o Sr. Beyfus um homem encantador e interessantíssimo, e tornámo-nos bons amigos. Nem ela nem eu alguma vez lhe mencionámos a

minha predição; na verdade, ao contemplar a sua aparência saudável e viril, uma dúvida quanto ao meu prognóstico assaltou-me a mente.

Passou-se um mês e, numa noite após o jantar, fomos ao seu escritório para ver uns planos que ele tinha preparado para a construção de um magnífico bloco de escritórios no centro de Boston.

— Quanto tempo vai demorar tudo isso? — perguntou a Sra. Beyfus.

— Cinco anos — respondeu ele —, antes que todo o plano esteja concluído, mas mudar-me-ei para os meus novos escritórios no piso térreo dentro de cerca de um ano.

— Esplêndido! — exclamou ela. — Será um monumento para ti, Reuben. Mas, após os cinco anos, o que pretendes fazer depois?

— Bem — disse ele —, calculo que por essa altura já terei ganho o suficiente para me reformar. Alugamos um iate, damos a volta ao mundo e realizarei o desejo do meu coração: ver Jerusalém antes de morrer. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Lembra-te, isso tem de ser feito, não importa o que mais possa acontecer.

Deixei-os, contando alegremente com os seus ovos antes de chocados. Senti-me contente por me ir embora; não sabia explicar porquê. Talvez o meu espírito tivesse entrado em contacto com o temível Destino que já os cercava rapidamente.

Cheguei a casa, mas não conseguia dormir. O rosto feliz e bem-sucedido do Sr. Beyfus e a gargalhada jubilosa da sua mulher pareciam perseguir-me. Parecia sentir que uma terrível sombra de melancolia se abatia sobre eles.

A manhã chegou. Eu já estava vestido e determinado a esticar as pernas subindo a Tremont Street e atravessando o Common, mas, ao chegar à rua, para meu espanto, vi o mordomo da casa dos Beyfus a aproximar-se rapidamente.

— O patrão quer que o senhor vá ter com ele imediatamente, senhor — disse ele com uma voz agitada.

— O Sr. Beyfus está doente? — perguntei.

— Não sei o que se passa, senhor. Ele desceu para a sala de pequeno-almoço esta manhã branco como um lençol e a tremer por todo o corpo.

Não ficava nada longe na Commonwealth Avenue. O Sr. e a Sra. Beyfus esperavam no escritório. Tudo era confusão; a Sra. Beyfus soluçava como se o coração lhe fosse partir.

— Meu querido amigo — começou logo o Sr. Beyfus. — O senhor está habituado a acontecimentos estranhos e sobrenaturais, mas consegue explicar-me o seguinte: ontem à noite esteve aqui. Eu traçava planos para o futuro — lembra-se do edifício de escritórios, o mais belo de Boston, que eu ia construir. Esta manhã, tinha os detalhes do projeto sobre a mesa no meu quarto.

Estava mais entusiasmado do que nunca com isso e tinha acabado de pegar no telefone para marcar uma reunião com os empreiteiros, quando, no espelho do meu toucador, vi algumas palavras aparecerem lentamente. Confesso que me gelaram o sangue nas veias. Sabe que não sou supersticioso; sabe que detesto até o seu estudo da mão e nunca o deixaria olhar para a minha. Tenho horror ao espiritismo e a todos os chamados fenómenos. No entanto, foi a um homem como eu que este acontecimento extraordinário aconteceu esta manhã.

Ele fez uma pausa e passou a mão pelos olhos.

— Que palavras viu? — perguntei.

Os seus olhos tinham um olhar estranho e assustado quando respondeu:

— Na parte superior do espelho apareceram as palavras: "Daqui a doze meses, Reuben Beyfus será reunido aos seus antepassados".

Vi que a Sra. Beyfus se lembrou da minha predição. Furtivamente, ela olhou para a sua palma e depois para mim.

Foi em vão que argumentei que tudo era alguma ilusão. Ele era um homem forte e saudável, e deveria viver por muitos anos, e por aí fora.

— Não, não — disse ele —, só diz isso para me confortar. Sinto mesmo nos meus ossos que a mensagem é para mim. Neste preciso dia, daqui a doze meses, já cá não estarei. Prometi ao meu pai que veria Jerusalém antes de morrer; vou liquidar os meus negócios o mais depressa possível e chegar lá o mais rapidamente que puder. Venha ao meu quarto e mostrar-lhe-ei onde estava sentado quando a mensagem surgiu.

Subimos as escadas. Sobre a mesa, no centro do quarto, os planos para o grande edifício de escritórios estavam abertos; uma cadeira tinha sido

empurrada para trás e caíra a alguns pés de distância. O Sr. Beyfus recolocou-a no lugar, pegou novamente nos planos nas mãos, tal como fizera talvez escassa hora antes; a Sra. Beyfus, com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, permanecia de pé atrás dele.

A alguma distância, junto à janela, estava o toucador com um espelho muito comprido de um lado ao outro.

— Estava sentado nesta posição com os planos diante de mim, prestes a telefonar aos empreiteiros para avançarem, quando, por alguma razão, olhei para cima e vi aquelas palavras formarem-se no vidro. Li-as apenas uma vez — mas uma vez foi mais do que suficiente. Atirei os planos para o chão e saí a correr do quarto.

— Se apenas as viu uma vez — soluçou a Sra. Beyfus —, pode muito bem ter sido um truque do teu cérebro. Tens andado preocupado com esses planos há meses; é tudo imaginação.

O momento de silêncio que se seguiu pareceu uma eternidade. Foi quebrado, por fim, pelo homem à mesa.

— Sei que é verdade — disse ele, e acrescentou lentamente: — As palavras estavam na caligrafia do meu pai.

Pegando no telefone, ligou para os empreiteiros.

— Fala Beyfus. Sim, sim, Reuben Beyfus! Não façam mais nada nos planos para o edifício de escritórios. Mudei de ideias — não vou avançar com eles. Enviem-me a vossa conta pelo que já foi feito. — E desligou o auscultador com uma expressão desfeita no rosto.

Proferi as banalidades de conforto que consegui e deixei-os.

Cerca de dez meses mais tarde, o Sr. e a Sra. Beyfus, com o seu filho Harry, procuraram-me em Londres. A Sra. Beyfus parecia cansada e desgastada, uma mulher muito diferente de quando a conheci em Boston apenas um ano antes. O Sr. Beyfus, pelo contrário, parecia extraordinariamente bem.

— Sim, sinto-me perfeitamente bem — disse ele em resposta à minha pergunta. — Esforcei-me por banhar aquele incidente invulgar da minha mente. Assim que consegui deixar todos os meus assuntos comerciais resolvidos e entrei no barco, dei um bom descanso aos meus nervos. Agora estou ansioso pela minha viagem através da Europa a caminho de Jerusalém.

— Vai mesmo para lá? — perguntei.

Ele sorriu.

— Claro que vou, meu amigo. Uma vez tomada a minha decisão, nada a mudará. Se eu estiver errado, bem, tanto melhor. Em todo o caso, seria preciso algo da natureza do aviso que recebi para fazer um homem como eu abandonar os negócios. Se nada acontecer, podemos estabelecer-nos na Europa e desfrutar da vida melhor do que poderíamos fazer em Boston.

Nunca mais voltei a ver o Sr. Beyfus.

Alguns meses mais tarde, o filho, Harry Beyfus, visitou-me e contou-me o resto da história.

Após terem chegado à Palestina, visitaram vários pontos de interesse relacionados com a história do seu povo, mas, no fim, o Sr. Beyfus ficou impaciente por chegar a Jerusalém antes de 10 de abril — o dia em que ele lhes dissera que os doze meses fixados pelo aviso se completariam. Na última etapa da viagem, aconteceu um atraso atrás do outro, de modo que foi na manhã do dia 10 que finalmente chegaram à Cidade Santa.

— O meu pai — continuou o Harry — estava tão feliz quanto um homem pode estar.

Durante todo o dia andaram de lugar em lugar, maravilhando-se com a história passada do seu povo, pensando nas leis escrutáveis do destino de que o seu povo fora um exemplo mais marcante do que qualquer outro.

Quando a noite chegou, foi-lhes servida uma refeição ligeira nos seus próprios aposentos, após a qual o Harry e a mãe desceram à receção do hotel para enviar bilhetes-postais para casa. Tinham deixado o Sr. Beyfus sentado na poltrona a ler um jornal. Estavam todos extremamente felizes — o temido dia passava depressa e nada acontecera.

Quando subiram novamente, encontraram o Sr. Beyfus na mesma posição em que o tinham deixado, mas o jornal caíra no chão e ele parecia estar a dormir. Não quiseram perturbá-lo, por isso foram para a janela e ficaram a observar as multidões que passavam na rua.

Foi apenas quando o relógio deu a meia-noite que o Harry pensou que era altura de acordar o pai. Dirigindo-se a ele, disse: «Pai, está na hora de acordar. Tens muito para ver amanhã».

Uma quietude curiosa parecia ter-se espalhado pelo quarto, uma quietude que parecia fria e gélida, mesmo naquela noite de primavera em

Jerusalém. Não houve resposta. Reuben Beyfus tivera o seu desejo concedido. Vira Jerusalém e falecera, tal como predito pela mensagem fantasmagórica no espelho.

PARTE I

FANTASMAS QUE VÊM SEM SER CHAMADOS

AVISOS DE MORTE

«E, sendo avisados em sonhos de que não deviam voltar para Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho.» — SÃO MATEUS, II, 12.

«Estou convencido, por coisas que aconteceram na minha própria vida, de que há sobrevivência após a morte e meios de comunicação com os que permanecem na terra.» — SIR EDWARD MARSHALL HALL, K.C. (Discurso em Bournemouth, nov. de 1923.)

«Arabel Barrett contou-me que ficou muito agitada com um sonho que teve. Viu a sua falecida irmã no sonho e perguntou: "Quando estarei contigo?". A resposta veio: "Querida, em cinco anos". Cinco anos mais tarde, menos um mês, a Srta. Barrett faleceu.» — Relatado por ROBERT BROWNING.

CAPÍTULO VI

AVISOS DE MORTE

A DATA DA MORTE DO CARDEAL DE ROHAN FOI-LHE MOSTRADA ANTECIPADAMENTE.

UM AVISO DE MORTE NA MINHA PRÓPRIA FAMÍLIA.

UM VISITANTE FANTASMÁGORICO QUE APAGA UMA LUZ.

Os avisos invulgares de morte exerceram sempre um fascínio misterioso sobre homens e mulheres. Nas páginas seguintes, apresento exemplos de avisos que chegaram sob a minha observação.

O meu leitor poderá interrogar-se sobre como um evento como o que relatei no capítulo anterior pôde possivelmente ocorrer. Pela minha parte,

estou disposto a adotar a teoria do célebre Cagliostro, o príncipe dos Ocultistas, que relatou ele próprio uma experiência algo semelhante.

Quando Cagliostro estava em Paris, foi visitado pelo famoso Cardeal de Rohan, que na altura meditava assegurar o favor da Rainha Maria Antonieta oferecendo-lhe o colar de diamantes mais maravilhoso do mundo. Cagliostro alertou o Príncipe-Cardeal contra o projeto, prevendo que dele resultaria desastre, e dizendo: «Tem cuidado, Cardeal, pois o teu dia de perdição rasteja sobre ti como uma sombra que cai sobre um dia ensolarado».

O Cardeal, na plena plenitude da vida, riu-se da previsão da morte.

Nessa noite, enquanto ceava com Boehmer, o joalheiro da corte de Luís XVI, e com quem discutia a compra do colar, ele ficou subitamente pálido como cinzas, com os olhos fixos no vazio, cravando-se na parede oposta.

— Meu senhor Príncipe, estais doente! — exclamou o joalheiro em alarme.

O Cardeal pousou a sua taça de ouro com a qual estava prestes a responder a um brinde de felicidade e prosperidade oferecido pelo bajulador Boehmer.

— Ali... ali! Olha, a mão pálida escreve...

E, como se não conseguisse suportar a visão, escondeu o rosto na ampla manga do seu manto vermelho.

O joalheiro olhou na direção indicada. Mas nada viu a não ser as pinturas voluptuosas das belezas da corte que adornavam as paredes.

— O que vos aflige, senhor Príncipe? — perguntou ele solicitamente.

O Cardeal olhou para cima, desviando os olhos da parede e humedecendo os lábios com o vinho.

— Vi uma mão pálida sair da parede e escreveu: "Louis de Rohan, Príncipe e Cardeal, para morrer a 6 de abril de 1802".

A História regista este como o dia da morte do Cardeal.

Para Cagliostro, a quem a história da mão foi repetida, a explicação era simples e confirmava a sua fé intensa na sua ciência oculta. Quando o Cardeal de Rohan o visitara, explicou ele, adivinhara pelo estudo do seu dia natal e de outros sinais que o dia 6 de abril de 1802 seria o momento fatal.

E, embora não tivesse mencionado a data, pelo seu maravilhoso poder de projeção de pensamento, imprimira-a na mente subconsciente do Cardeal. Mais tarde, quando o prelado ceava e se sentava descontraído, a sinistra mensagem apareceu diante dele, tomando a forma de uma caligrafia fantasma que já lhe fora incutida pela arte subtil de Cagliostro.

Os presságios de morte iminente numa família, ou dados a uma pessoa em particular relativamente à sua própria partida, sempre possuíram um profundo interesse para mim. Realizei investigações pessoalmente em vários casos de presságios autênticos. Desde a história mais remota da família humana, o pressentimento iminente ou o aviso real da partida desta vida tem sido um assunto de solene importância.

Na minha própria família, tanto quanto consigo recuar na minha linhagem, sempre tivemos um aviso estranho da aproximação da morte. Exatamente doze meses antes, no mesmo dia em que um membro da família morre, não importa quão dispersos estejamos, o aviso chega claro e distinto a cada membro vivo, exceto àquele que está para ser chamado.

Este aviso inconfundível é sempre o mesmo: doze batidas na cabeceira da cama em que qualquer um de nós esteja a dormir, repetidas por três noites consecutivas. Tem sido nosso costume, em tais ocasiões, comunicar com cada membro da família, e a pergunta assume invariavelmente a forma de: «Ouviste alguma coisa?». Aqueles que ouviram respondem: «Sim». Um responderá: «Não ouvi nada». Exatamente doze meses depois, no preciso momento em que as primeiras batidas foram ouvidas, aquele que não ouviu nada parte deste mundo.

A experiência mais recente que tive disto foi no caso da minha própria mãe. Eu estava prestes a deixar Londres rumo aos estados do oeste da América, com a perspetiva de seguir para a Austrália e ficar fora pelo menos três anos, quando o aviso chegou. Escrevi imediatamente a uns primos — os últimos parentes de sangue que restavam — e todos responderam: «Sim, tivemos as batidas três noites seguidas». A minha mãe não ouvira nada.

Cancelei a minha viagem e, de coração ansioso, consultei um médico, expondo-lhe os meus pressentimentos. Ele não escarneceu, como os médicos geralmente fazem em tais casos, mas veio ver a minha mãe e, após algum preâmbulo sobre as vantagens de se fazer um exame médico de tempos a tempos, convenceu-a a contar-lhe todos os sintomas que tivesse. Em poucos dias, ele relatou-me:

— Não vejo razão para que cancele os seus compromissos profissionais e a sua viagem à América. Embora a sua mãe tenha sessenta e oito anos, está tão sã quanto alguém pode estar, e a probabilidade é que viva mais quinze a vinte anos. O suposto aviso de que me falou não pode ser senão uma ilusão. Siga o meu conselho e não pense mais nisso.

Graças a Deus, pensei nisso e tive a satisfação de saber que, ao atender ao aviso, não a deixei, e fui capaz de fazer daquele último ano da sua vida talvez um dos mais felizes que ela teve. Exatamente doze meses depois, no mesmo dia, após uma doença das mais inesperadas, ela faleceu.

Em relação à sua última doença, vou agora relatar um incidente que aconteceu pouco antes da sua morte. Hesitaria em tornar públicas tais coisas se não acreditasse que são tão demonstrativas da continuação da vida após a morte que podem contribuir para estancar a torrente do materialismo e trazer conforto àqueles que perderam algum ente querido. Existem milhares de pessoas que não têm uma prova real ou tangível da vida futura na sua própria experiência, mas anseiam por tê-la e, por isso, pode ser que, ao tornar públicas algumas das coisas que eu próprio experimentei, esteja a dar a outros as provas de que necessitam para manter acesa a lâmpada da esperança nos seus próprios corações.

Há certas coisas que todos consideramos sagradas e, acima de tudo, os últimos dias e horas daqueles que amámos. Não revelaria, portanto, por nenhuma recompensa deste mundo, os últimos momentos de que vou agora falar, a não ser com a esperança de que, ao fazê-lo, possa «atirar uma tábua de salvação» a alguma pobre alma que, no mar tormentoso da dúvida, tenha perdido a fé e a crença na vida além-túmulo.

Poucas semanas antes de falecer, a minha mãe tinha-me pedido para mandar chamar a sua sobrinha, a quem sempre fora muito dedicada. Esta senhora veio da Irlanda e prometeu à minha mãe que permaneceria connosco durante algum tempo. Os dois médicos acreditavam que o fim chegaria a qualquer momento, mas a minha mãe sobreviveu semana após semana — o aviso dos doze meses ainda não tinha cumprido o seu curso.

Uma manhã, chegou uma carta do marido da minha prima. Tinha sido subitamente acometido por uma doença grave e queria que ela regressasse imediatamente. Muito preocupados sobre o que se deveria fazer, estávamos sentados a conversar no refeitório após o jantar. A enfermeira tinha vindo dizer-nos que a doente estava a dormir e que não deveríamos ir lá até ela nos chamar.

Estávamos a falar sobre as coisas com muita calma e de forma muito prática — apenas duas pessoas a ponderar sobre o que seria melhor fazer. Tínhamos terminado o jantar, os criados tinham levantado a mesa, mas continuávamos ali sentados a conversar. Do centro do teto pendia um pesado candeeiro de ferro que continha uma lâmpada de gás incandescente que se acendia, ou se reduzia «até ao azul», puxando para cima ou para baixo uma pesada corrente de latão.

Eu tinha acabado de fazer a observação: «Se pudéssemos ter uma ideia definida de quantas semanas ou dias a mãe ainda vai viver, tu podias ir ver o teu marido e talvez regressar a tempo».

As palavras mal tinham saído dos meus lábios quando uma das correntes do candeeiro no centro do teto foi puxada de forma lenta mas firme — o quarto ficou mergulhado na escuridão por um segundo; depois, o outro lado moveu-se, a lâmpada acendeu-se de novo, e isto repetiu-se três vezes.

— Isso significa — disse eu em voz alta — que a mãe só vai durar três dias?

Como resposta, a luz baixou novamente três vezes e depois permaneceu como que apagada.

Fui ao meu quarto buscar o meu calendário. Vimos que, em três dias, o aviso dos doze meses teria cumprido o seu curso. Em exatamente três dias, a minha mãe deu o último suspiro.

Noutra família que conheço há muitos anos, o aviso aparece sob a forma da figura sinistra de uma mulher de cabelos brancos que surge a meio da noite ao lado da cama de cada membro da família, rotativamente. Aquele que não recebe a visita é o que está destinado a morrer. Ao estender o número de dedos da sua mão direita, a figura indica o número exato de meses em que a morte ocorrerá.

Uma característica intensamente macabra deste aviso é que a fantasmagórica visitante de cabelos brancos aparece à cabeceira da cama com uma vela acesa na mão esquerda. Com o dedo indicador da direita, toca o rosto do adormecido e força a pessoa a acordar e a olhar para ela. Passa então, de forma lenta e metódica, a mostrar pelo número de dedos que levanta o número exato de meses que passarão antes que o Anjo Temível leve o ente querido. Podem ser levantados quatro dedos, três, dois ou um, mas, dos muitos casos em que me foi possível investigar este fenómeno, o tempo exato foi sempre dado.

O fim deste aviso é inconfundível no seu significado temível e assume sempre a mesma forma. O espectro medonho, sem qualquer expressão de simpatia ou compaixão no rosto, olha por um momento para a vela acesa na sua mão esquerda e, lenta e deliberadamente, apaga-a com um sopro.

PARTE II

FANTASMAS QUE SÃO CHAMADOS

ESCRITURAS PERDIDAS ENCONTRADAS POR UM ESPÍRITO

«Estou absolutamente convencido do facto de que aqueles que outrora viveram na terra podem comunicar e comunicam connosco.» — SIR WILLIAM BARRETT, F.R.S.

CAPÍTULO I

ESCRITURAS PERDIDAS ENCONTRADAS POR UM ESPÍRITO

O MEU PAI FALA COMIGO TRÊS ANOS APÓS A SUA MORTE E DIZ-ME ONDE ENCONTRAR ESCRITURAS DE GRANDE IMPORTÂNCIA.

Houve um tempo na minha vida em que, como muitos outros, eu não acreditava que os mortos pudessem regressar. Nas páginas seguintes, relato uma experiência de tão grande alcance na minha própria vida que me impôs a crença de que as comunicações com os chamados mortos não só são possíveis como, no meu próprio caso, têm um valor prático para além de qualquer dúvida.

Em março de 1896, no oeste da América, recebi um telegrama dizendo que o meu pai estava a morrer e instando-me a regressar a Inglaterra imediatamente, se esperava vê-lo vivo. Devido às minhas constantes viagens, não o via há mais de quinze anos. Poucas horas após a receção do telegrama, estava num comboio a caminho, o mais rápido possível, para apanhar o próximo navio a partir de Nova Iorque. Em cada local de paragem, telegrafava ao meu pai dizendo que estava a caminho. Foi uma longa viagem, mais de 6000 milhas, mas, finalmente, cheguei à cabeceira da sua cama às duas horas de uma manhã, encontrando-o ainda vivo. O médico disse que os meus telegramas o tinham mantido com vida.

Após as primeiras saudações, falando muito debilmente, o meu pai disse:

— Meu filho, usei toda a minha força de vontade para me manter vivo a fim de te poder contar certas coisas sobre a tua família que te deveria ter contado há muitos anos. Deus me conceda a força para compensar isso agora.

Amparado por almofadas e mal conseguindo falar, contou-me o mais depressa que pôde muitos factos que eu desconhecia.

— Há papéis valiosos para ti — arquejou ele —, nas mãos de uma firma de advogados em Londres. Tens de obter estas escrituras o mais rapidamente possível. O nome e o endereço de onde estão falharam-me no momento. Levanta-me a cabeça um pouco mais; abre a janela, deixa-me ter mais ar; talvez a minha memória volte. Meu querido rapaz, perdoa-me. Como muitos outros, deixei as coisas para quando é demasiado tarde. Não, não consigo recordar, não me consigo lembrar.

O esforço foi demasiado grande. A paralisia já se tinha apoderado da parte superior do seu corpo — a pobre língua tentava falar, mas nenhum som saía. Durante quatro horas, os olhos ainda viveram e estiveram fixos nos meus, mas ao amanhecer o fim chegou e ele partiu com o seu segredo.

A minha vida era preenchida. Não tinha tempo para me preocupar com papéis velhos. Sempre fui um fatalista — «se estão perdidos, estão perdidos» —, era tudo o que pensava sobre eles. Além disso, a juventude pouco se importa com escrituras bolorentas e reivindicações dos mortos. Em poucas semanas tinha regressado à América e não pensei mais no assunto.

Três anos mais tarde, de volta a Inglaterra, encontrei-me numa tarde de domingo à espera, numa estação de caminhos de ferro nos arredores de Londres, por uns amigos que vinham juntar-se a mim vindos do sul. Tinha acabado de chegar a informação de que o comboio que eu esperava estava atrasado e que haveria uns bons três quartos de hora de espera.

Era uma estação suburbana sombria, numa noite de domingo chuvosa. Não havia nenhuma banca de jornais aberta, nem um papel que se pudesse arranjar; nada a fazer senão sentar-me na sala de espera e abanar as pernas durante três longas horas. Olhava em vão ao meu redor à procura de algum pedaço de leitura para passar o tempo. Teria ficado grato por qualquer coisa.

De repente, divisei num canto algo que parecia um jornal e atirei-me a ele imediatamente. Ri-me ao abri-lo — imagine-se alguém a ler tal lixo, pensei —, mas logo dei por mim a folheá-lo e a lê-lo. Por acaso, era um periódico chamado *Light*, um jornal dedicado aos interesses do Espiritismo em Inglaterra, e ali, entre os avisos de reuniões, naquela mesma tarde de domingo, no subúrbio sensaborão onde eu me encontrava retido, estava um anúncio de que às quatro horas, na sua casa perto da estação, uma sessão de materialização seria realizada pelo Sr. Cecil Husk, o médium cego.

«Que divertido!», pensei. «Mais vale ir lá ver o que esta gente faz do que esperar na estação durante três horas».

Com a ajuda de um polícia encontrei a casa, toquei à campainha e, com a expressão mais dócil que consegui assumir, esperei para ver se seria admitido. A porta foi aberta por uma senhora idosa de aspeto afável.

— Vejo por este jornal — disse eu, mostrando-lhe o que trazia na mão — que o Sr. Husk vai dar uma sessão às quatro horas. Estou alguns minutos atrasado, mas gostaria de assistir.

Ela sorriu acolhedora e disse:

— Acabámos de começar, mas há lugar para mais um, por isso, por favor, entre.

Deixando o meu chapéu e o casaco no hall, segui-a para uma sala um pouco fracamente iluminada e sentei-me num círculo de pessoas, pedindo desculpa por estar alguns minutos atrasado.

A sessão começou com um hino — o bem conhecido *Lead Kindly Light* —, que foi extremamente bem cantado pelas seis ou sete pessoas presentes. Antes de terminar a última estrofe, uma luz flutuante fez a sua aparição e marcava o tempo ao ritmo da melodia.

«Muito fácil de falsificar essa luz», pensei. «É claro que é tinta fosforescente, ou algo desse género», e tornei-me ainda mais hostil no meu ceticismo.

O médium estava sentado diretamente em frente a mim, e havia luz suficiente na sala, proveniente de uma lâmpada de noite com quebra-luz, para se ver distintamente o seu rosto. Parecia um homem de idade, um pouco débil, mas com uma expressão muito bondosa.

Em breve comecei a aperceber-me de uma presença a formar-se diretamente em frente ao meu rosto — surgiu primeiro como uma espécie

de véu fino através do qual eu ainda conseguia ver a figura do médium. Depois tornou-se mais forte e mais opaca e, ao mesmo tempo, algo macio e frio passou como uma mão pelo meu rosto e deu-me uma pancadinha muito suave na cabeça.

«Mais farsa», disse para mim mesmo, e perguntei-me como o fariam.

Nesse momento, o médium disse:

— A pessoa em frente a mim está a extrair uma grande quantidade de energia; algum espírito parece ansioso por se manifestar a ela. Vamos cantar de novo e dar-lhe todas as vibrações que pudermos.

Novamente se cantou um hino. Antes de a primeira estrofe terminar, vi um rosto a formar-se a escassos pés do meu. Outra estrofe e ele tornou-se ainda mais claro. Depois, lenta e muito distintamente, as feições bem conhecidas do meu falecido pai começaram a aparecer.

Eu era um cético — ainda um cético. Não houve acolhimento da minha parte, nenhum reconhecimento aparente — limitava-me a tentar decifrar como aquilo podia ser feito; mas a forma como tinham conseguido aquela semelhança maravilhosa com o meu pai surpreendeu-me. Olhei fixamente nos olhos da aparição, mas sabia que nos meus não havia boas-vindas. Todo o meu sentimento era: «Não me vão fazer de parvo», e por isso disse em voz alta:

— Pergunto-me de quem será este rosto em frente a mim... deve vir para outra pessoa.

Enquanto eu falava, ele desapareceu. Um quase soluço ou suspiro foi distintamente ouvido na sala. Recostei-me na minha cadeira bastante contente comigo próprio.

Mas o meu contentamento não durou muito. Perto da minha bochecha, algo sussurrou:

— Meu rapaz, eu vim apenas por ti.

A pessoa sentada ao meu lado, que vim a saber mais tarde ser Sir Wm. Vavasseur, disse:

— Alguém lhe falou, senhor. Ouviu o que disseram?

— Não — respondi —, não ouvi.

A luz ténue na sala impediu os outros de verem o rubor de raiva no meu rosto pela mentira que me escapara dos lábios. Senti-me inclinado a sair da sala e perguntei:

— Quanto tempo é suposto durar esta sessão?

Quando, como se determinado a fazer um último esforço, a aparição se formou de novo, mas mais distintamente do que antes. Cada linha do rosto tornou-se visível, a cabeça até aos ombros assumiu uma solidez que era espantosa. O meu pai tinha sobrancelhas pesadas e pretas, e elas estavam agora cerradas na sua fronte com uma expressão de determinação e força de vontade que ele só usava quando impelido a fazer um grande esforço.

Ele tinha também uma marca branca peculiar no nariz, causada por um acidente. Esta apareceu clara e distinta à medida que o rosto se aproximava agora ainda mais do meu. Uma parte de uma mão desenvolveu-se e o dedo indicador deu uma pancadinha nesta marca, como quem diz: «Agora consegues evitar reconhecer isto?».

Apesar de todo o meu ceticismo, tive de ceder. Havia uma tal expressão de anseio naqueles olhos que seria cruel não lhes responder. Inclinando-me para a frente, disse:

— Sim, pai, eu reconheço-te; mas ainda assim não consigo acreditar que sejas realmente tu. Como pode uma coisa destas ser possível?

Conseguia ver os lábios a esforçarem-se arduamente para falar. O esforço era tão idêntico àquele último momento em que os nervos ficaram paralisados antes de ele morrer que, ao pensar nisso, as lágrimas me vieram aos olhos.

Depois a voz surgiu — tão ténue ao início que eu mal conseguia captar as palavras. As pessoas perto de mim no círculo conseguiam ver o rosto tão claramente como eu. Podiam também ouvir as palavras, mas, em vez de mostrarem curiosidade — faço-lhes a devida justiça —, o seu único desejo parecia ser o de ajudar. Para darem mais vibrações, cantaram suavemente em harmonia algumas melodias de hinos, umas a seguir às outras; uniram-se para me deixar a sós com o rosto espiritual que viam estar a esforçar-se tanto para me transmitir uma mensagem.

O rosto do meu pai aproximou-se ainda mais do meu. Conseguia agora ouvir cada palavra que ele dizia. A mesma voz que em vida, o mesmo sotaque, a mesma entonação. Primeiro, algumas palavras de

saudação comum — exatamente o que um pai diria ao seu filho depois de não o ver há algum tempo.

— Fico feliz por te ver com melhor aspeto, meu rapaz, do que quando te vi pela última vez à cabeceira da minha cama; mas, depois daquela longa viagem para chegares até mim, era natural que estivesses exausto. Diz à tua mãe que falei contigo esta noite e diz-lhe que a tua irmã parece muito feliz por aqui; só a vejo de tempos a tempos, pois os interesses dela e os meus não são os mesmos. Mas não posso perder tempo, tenho de voltar ao ponto onde parei quando estava a morrer. Lembras-te, meu rapaz, naquele momento crítico em que tentei recordar o endereço onde estão os teus papéis, que a minha garganta ficou paralisada e não consegui falar?

— Como tenho ansiado por esta oportunidade desde então — parece que já passou uma eternidade. Como me culpei por deixar as coisas para demasiado tarde; mas graças a Deus, agora poderei dizer-te. Escuta com atenção — posso não ser capaz de repetir o que quero dizer. Vai a uma rua estreita perto de uma igreja no Strand — não me consigo lembrar do nome da rua, faz cinquenta anos que lá estive. Procura do lado esquerdo por uma placa de latão que ostente o nome de Davis and Son, Advogados. Eles têm esses papéis; leva-os contigo. Perdoa-me, meu rapaz, por ser tão descuidado com tais assuntos. Não posso dizer mais agora. Já ocupei muito tempo e há outros ansiosos por dar mensagens aos seus amigos. Por favor, agradece às pessoas aqui por me ajudarem com a sua simpatia.

— Como sabias que eu vinha aqui, pai? — perguntei.

— Não sabia, apenas desde que morri tenho ansiado por te dizer o que não fui capaz de dizer no meu leito de morte. Sim, ansiado, meu rapaz — e também rezado. As orações são respondidas por aqui, tal como tantas vezes o são no plano terrestre. De alguma forma, esta noite fui atraído para aqui; como, não sei. Pareceu-me ter seguido um raio de luz que tinha o teu rosto na extremidade. Isso é tudo o que sei.

— Pai — disse eu —, virei aqui todas as noites se apenas falares comigo de novo.

— Não — respondeu ele. — Fiz o que queria fazer. Talvez venha ter contigo novamente, mas quando, não sei. Dei-te uma prova da vida depois da morte, uma prova tal como eu nunca obtive. Sê grato. Ao pedir demasiado, muitas vezes perde-se tudo. Adeus, meu querido rapaz, adeus.

Na manhã seguinte, quando os escritórios começavam a abrir, eu já estava no Strand. Encontrei facilmente a rua indicada, era a Holywell Street, muito perto da Igreja de St. Clement Danes.

Descendo pelo lado esquerdo, conforme julgava que me tinha sido dito, olhei para cada placa de latão que conseguia encontrar. Voltei atrás novamente, mas não adiantou — não havia Davis and Son, Advogados, para ser encontrado. Estava quase em desespero. Tinha até começado a duvidar — devo ter sido hipnotizado, concluí, por aquele médium cego, e levado a ver o que estava, afinal de contas, no meu próprio cérebro. Com certeza, eu poderia ter evocado a imagem do meu pai — afinal de contas, fizera apenas três anos que ele morrera. E depois a sua voz, o seu sotaque, a sua entonação — devo ter sido enganado, afirmei de novo, e amaldiçoei-me por ser um tolo imaginativo. Conseguia ver tudo tão claramente agora, à luz fria da manhã, no rugido crescente do tráfego que subia e descia o Strand.

Estava prestes a chamar um carro de praça e ir para casa de carruagem, quando o pensamento me passou como um relâmpago pela mente — teria ele querido dizer o lado esquerdo de quem vai para Oeste, e não o lado esquerdo de quem vai em direção à City? Quase relutantemente, cruzei para o outro lado da rua. Olhei para cada porta. A meio do caminho, parei — podia eu acreditar nos meus olhos! Numa pequena placa de latão, com o nome quase apagado por anos de polimento da mulher da limpeza, estavam as palavras «Davis and Son, Advogados, 4.º Andar».

Subi às apalpadelas as escadas de madeira rangentes, empurrei uma porta, depois uma interior, e encontrei-me diante de um velho de aspeto ressequido numa sala sombria e mal iluminada, sentado a uma secretária com pilhas de papéis atados em fita vermelha diante dele.

— O que deseja? — foi a saudação rude que recebi.

— Senhor — disse eu, assim que consegui recuperar o fôlego —, o meu nome é fulano de tal. Tenho a informação de que tem papéis em seu poder pertencentes à minha família — foi por isso que vim.

— Que nome disse?

Repeti-o.

— Nunca ouvi tal nome antes — rosnou ele. — Deve ter vindo ao endereço errado —, e, sem mais uma palavra, voltou-se de novo para as suas escrituras.

Fiquei desorientado. Não sabia o que fazer, mas, mesmo quando me voltava para sair, um velho escriturário trôpego veio de uma sala interior.

— Becker — gritou o homem da secretária —, alguma vez ouviste tal nome? O senhor afirma que temos escrituras pertencentes a esse nome. Eu nunca ouvi falar dele.

Becker torceu os seus pequenos olhos na minha direção, vasculhou o cérebro por um momento e disse muito solenemente:

— Se me tivesse feito essa pergunta na semana passada, senhor, eu teria dito "Não"; mas, há alguns dias, ao limpar a cave de papéis velhos que o senhor assumiu com o cartório de Davis and Son, tenho a recordação de me ter deparado com esse nome.

— Mandaremos fazer uma busca; volte daqui a uns dias — o homem da secretária olhou para cima e disse.

— Por favor, não mos poderia mandar procurar agora? — roguei.

— Impossível. Volte dentro de uma semana.

Saí para o patamar e esperei, mal sabia eu porquê. Para meu espanto, Becker, o velho escriturário, saiu e quase sussurrou:

— Precisa muito deles, senhor? Se sim, tentarei ir buscá-los.

— Valerá uma nota de cinco libras para si se os encontrar — disse eu.

— Cinco libras — disse ele devagar, depois pensou no assunto e, resmungando «cinfe libras» por todas as escadas abaixo, acenou-me para o seguir.

Sem desperdiçar palavras, direi brevemente que, ao fim de meia hora de busca, encontrámos os papéis que tinham sido perdidos de vista durante anos. Regressei a minha casa com eles o mais depressa possível e, após uma experiência destas, não penso que as pessoas se possam maravilhar de que eu, pelo menos, acredite em comunicação do outro mundo.

Bem ou mal, nunca fui membro de nenhuma Sociedade Espiritualista, ou de qualquer seita que lide com assuntos psíquicos. Mantive a minha independência e não tenho nenhum interesse pessoal a defender ou movimento religioso para impulsionar; mas, a partir daquela data, 1899, tive experiências invulgares em tais matérias e agora, pela primeira vez, considero ser meu dever entregar estes registos ao público.

PARTE II

FANTASMAS QUE SÃO CHAMADOS

UM ACORDO FEITO COM UM FANTASMA

«'É verdade, 'é certo, o homem, embora morto, retém Parte de si mesmo; a mente imortal permanece, A forma subsiste — liberta das cadeias do corpo.» — A ILÍADA DE POPE.

«Não temos escrituras de propriedade de casas ou terras; Proprietários e ocupantes de datas anteriores De sepulturas esquecidas estendem as suas mãos poeirentas, E mantêm ainda em bens de mão-morta as suas antigas propriedades.» — LONGFELLOW.

CAPÍTULO II

UM ACORDO FEITO COM UM FANTASMA

NESTE CAPÍTULO APRESENTO DETALHES DA MINHA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA NUMA CASA ASSOMBRADA NO CENTRO DE LONDRES, E COMO OBTIVE PAZ AO FAZER UM ACORDO COM O FANTASMA QUE REIVINDICAVA A CASA COMO SUA.

Estou impedido de dar o nome e o endereço da casa em que a história seguinte se desenrolou por uma antiga lei inglesa que prevê pesadas penalizações para qualquer pessoa que possa de alguma forma prejudicar «a reputação da propriedade». Depois de deixar a casa em questão, fui avisado de que, se publicasse o endereço ao relatar as estranhas ocorrências que tiveram lugar, seria processado por perdas e danos avultados.

Como tenho todas as razões para acreditar que esta ameaça seria concretizada, sou obrigado a nem sequer mencionar a rua em que esta casa está situada, mas, como prova de que esta história é verdadeira, depositei junto do editor da London Publishing Company todos os detalhes e provas para demonstrar que o que relato é exato em cada particular.

Após uma das minhas longas viagens pelo mundo, decidi estabelecer-me em Londres e permanecer no coração da grande metrópole por, pelo menos, algum tempo. Uma casa adequada era, contudo, difícil de encontrar. Eu queria árvores e um jardim. Desejava também estar no centro da vida ativa, e tal combinação não era fácil de encontrar.

Uma tarde, no final de um verão invulgarmente quente, por mero acaso deparei-me exatamente com o tipo de lugar que procurava. Era uma casa à antiga, recuada em relação à via principal, com um jardim bastante grande e várias árvores altas que a protegiam e ocultavam do tráfego que passava. Nenhum agente me tinha dado o endereço. Não havia cartazes de "Aluga-se" ou "Vende-se", no entanto senti intuitivamente que devia fazer alguma tentativa para obter a posse desta casa que tanto me atraía. Como ao longo de toda a minha vida tentei seguir as minhas intuições, determinei imediatamente fazer um esforço para obter informações sobre a propriedade. Não haveria mal em fazer perguntas, pensei.

Empurrei a porta alta, à antiga, de carvalho pesado que isolava o lugar da rua e, assim que se fechou atrás de mim, encontrei-me num instante num mundo completamente diferente. Fora, o rugido dos autocarros e do tráfego; dentro das altas paredes, paz, quietude e uma estranha sensação de isolamento do velho mundo.

No centro de um jardim mal cuidado, um chafariz salpicava e gotejava como se o tempo para ele tivesse deixado de existir. Ao seu lado cresciam alguns goivos desfalecidos e capuchinhas trepadeiras, e mais atrás estava um velho banco de madeira nos últimos estágios de degradação. A casa em si, com as suas janelas baixas em forma de losango, parecia sombria e ameaçadora, no entanto havia algo nela que me apelava tão fortemente que, sem hesitação, me dirigi ao alpendre e puxei a corrente de um pesado sino de ferro.

Em vez de um criado responder, como eu esperava, um cavalheiro idoso abriu a porta. Por um momento fiquei completamente confuso e mal sabia o que dizer. Depois, desfiei uma desculpa qualquer sobre ter ouvido dizer que a casa poderia ser alugada. O velho cavalheiro, embora um pouco surdo, foi muito cortês, mas respondeu com firmeza que eu cometera um erro. Estava a voltar-me para sair quando a mulher dele saiu para o hall.

— Minha querida — voltou-se ele para ela —, imagina este senhor a bater à porta para perguntar se esta casa é para alugar.

Tentei novamente pedir desculpa pela minha intrusão, mas fui interrompido pela senhora que disse:

— Como pôde ter ouvido tal coisa, senhor, não sei, mas embora não o tenha mencionado ao meu marido, tenho estado a pensar em colocar a casa nas mãos de algum agente. Quer entrar?

Com um sorriso feliz, aceitei de bom grado. Entrámos num hall de estar oblongo, de aspeto pitoresco. Olhei para as vigas de madeira no teto, para o painel de carvalho escuro quase preto com a idade, para a grande lareira aberta de estilo Tudor — depois, um pouco hesitante, a senhora afastou umas cortinas e revelou, na extremidade mais distante, uma pequena capela ou capela-mor com um vitral na parede do fundo.

— Que encantador, que repousante! — exclamei instintivamente.

— Ainda bem que pensa assim — disse ela. — Nós não gostamos da ideia da capela, por isso mantemo-la isolada com as cortinas, mas venha ver o resto das divisões.

Antes de termos ido muito longe, eu já tinha decidido mentalmente que ficaria com a casa se as condições fossem minimamente aceitáveis.

— Por que se quer ver livre deste lugar? — perguntei.

Havia um olhar curiosamente interrogativo nos seus olhos quando respondeu:

— O problema é que nenhum criado cá para, por mais que lhes pague. Não o vou tentar enganar, os quartos dos criados são na parte de trás, a parte antiga, eles ouvem barulhos, pancadas estranhas e às vezes pensam que veem coisas; ultimamente as pancadas começaram nas outras divisões. O meu marido é tão surdo que não as ouve, mas isto afetou-me os nervos e ficarei feliz por ir embora se conseguir arranjar alguém que fique com o contrato de arrendamento.

Depois acrescentou:

— Não estamos aqui há muito tempo. O meu marido herdou esta casa aquando da morte do seu tio, há doze meses. Ele era um homem muito excêntrico e viveu sozinho durante muitos anos com o seu velho mordomo na parte da frente. Os quartos de trás ele nunca permitiu que ninguém os usasse.

Para encurtar a história, em menos de meia hora chegámos a acordo, mas com a estipulação de que a casa me seria entregue vazia ao fim de quinze dias.

Chegou o dia de eu tomar posse. Estava feliz como uma criança com um brinquedo novo. Havia algo naquele lugar que me atraía de uma forma extraordinária. Caminhei pelas divisões poeirentas e disse-lhes em voz alta como as iria remodelar, como o velho carvalho seria cuidado e polido, e as janelas de vidraças em losango limpas como não o eram há anos. Não sou o único a sentir-se assim em relação a uma casa, estou bem certo disso.

Havia um quarto, contudo, em que eu não tocaria. Ficava na parte antiga do edifício, fora das escadas, abaixo do nível do hall. O que se passava com aquele quarto, eu não sabia explicar; nenhuma sugestão que fiz parecia enquadrar-se com ele, e o decorador que eu tinha contratado estava igualmente sem saber o que se deveria fazer, de modo que acabei por rodar a chave na porta e deixei-o como estava.

Por fim, chegou o dia em que pude começar a mandar vir alguma mobília e, o mais depressa que pude, equipei dois quartos: um para o meu secretário, um homem vinte anos mais velho do que eu, e o outro para meu próprio uso. Ao viver na casa, argumentei que seria capaz de me ver livre dos decoradores mais rapidamente do que vindo vê-los todos os dias.

Nesta fase não tinha motivos para me preocupar com criados, pois podíamos fazer as nossas refeições fora e simplesmente dormir no lugar.

Disse dormir? — desde a primeiríssima noite tal coisa foi impossível.

Na primeira noite, o meu secretário e eu chegámos a casa por volta das dez horas. Percorremos a cave, vimos todas as portas e janelas devidamente trancadas, abrimos caminho por entre as escadas dos decoradores no hall e na pequena capela lá em baixo e, desligando as luzes elétricas, subimos para os nossos quartos.

O lugar estava tão silencioso e quieto como se estivéssemos no meio do campo. O zumbido do tráfego à distância tinha um efeito calmante nos nervos, como o som das ondas a subir e a cair numa praia de areia.

Eu tinha uma luz elétrica sobre a minha cama, por isso li um pouco, depois desliguei-a e virei-me para dormir. Sentia-me muito feliz com a casa, os decoradores faziam o seu trabalho rapidamente e eu conseguia ver na minha mente o aspeto que tudo teria quando terminassem.

De repente, dei um salto. Lá em baixo, no fundo da casa, ouviu-se um barulho — parecia o abrir e fechar de uma porta na cave.

Rapidamente a minha mente percorreu todas as portas e janelas que tínhamos trancado. Deve ter sido o vento, pensei, mas depois lembrei-me de como a noite estava parada e de como, ao passar pelo jardim, tinha reparado que não havia uma folha a mexer-se nas árvores.

Novamente ouvi um barulho — desta vez sentei-me na cama e escutei atentamente! Não podia haver erro agora no que ouvia; era um passo pesado nas escadas da cave que subiam para o hall.

Sentado completamente teso na escuridão, escutei. Os passos entraram no hall. Imaginei que conseguia ver alguém a caminhar por entre as escadas dos decoradores, depois pareceram mais próximos e os passos chegaram à escadaria sem carpete que conduzia aos nossos quartos.

Conseguia ouvir o meu coração bater — e, no entanto, senti que não me atrevia a ligar a minha luz elétrica. Curiosamente, raciocinei que, se o fizesse, o clarão por baixo da minha porta poderia guiar os misteriosos "passos" diretamente para o meu quarto.

A escadaria rangeu. Lembrei-me de que, ao subir para a cama, reparara numa tábua solta num dos degraus — era no patamar que virava para a minha porta. Pareceu uma eternidade antes que os passos se aproximassem — quem quer que fosse não parecia ter qualquer pressa particular.

A tábua solta foi alcançada — fez exatamente o mesmo barulho que fizera quando caminhei sobre ela a caminho da cama — mais uns passos e os pés arrastados estavam à minha porta.

Como a mente de uma pessoa funciona estranhamente num momento de tensão. Eu sabia que tinha corrido o pesado ferrolho de latão, sabia que resistiria a uma boa pressão quando esta chegasse, como sentia a certeza de que teria de chegar. Perguntei a mim mesmo se o homem lá fora seria largo de ombros, qual seria o seu aspeto, se usaria uma máscara, e cem outras coisas de natureza semelhante passaram rapidamente pelo meu cérebro — mas nunca por um único momento me ocorreu a ideia de que a pessoa fora da minha porta não fosse humana.

Mal me atrevia a respirar. Escorreguei para fora da cama, agarrei num pesado atiçador de ferro da lareira e, com a outra mão no interruptor elétrico, esperei pelo arrombamento da porta.

Em vez disso, veio algo que, para os meus sentidos excitados, pareceu mil vezes pior. De repente, como que de nós de dedos feitos de osso, um nítido rat-a-tat tat, tat tat, ecoou no painel central da porta. Senti o cabelo erguer-se-me na cabeça — o susto do humano tinha passado; no seu lugar veio o terror do sobrenatural — o pavor do desconhecido.

Novamente veio a pancada de gelar o coração, rat-a-tat tat, tat tat. Liguei a luz, não sei o que se apoderou de mim. Corri para a porta, puxei o ferrolho — escancarei-a e fiquei de frente para o quê… a escuridão total de um patamar vazio e nada mais.

Dei um suspiro de alívio — como resposta veio algo que me fez congelar o próprio sangue — ao meu lado, na luz brilhante da lâmpada elétrica sobre a porta aberta, mais ou menos ao nível da minha cabeça — o rat-a-tat tat repetiu-se mais claro e mais nítido do que antes.

Saltando para trás, bati a porta com um estrondo que ecoou pelas escadas vazias. Corri o ferrolho de latão; a tremer de susto, sentei-me na cama e esperei — esperei pelo que não sabia.

A manhã chegou finalmente e com ela a coragem. À medida que os primeiros raios da aurora entravam suavemente pelas janelas, puxei as persianas para cima e saudei a visão de um ruidoso autocarro puxado a cavalos que passava ao longe.* Um carro de praça, com as suas campainhas tilintantes, surgiu ao longo da rua, à procura de passageiro. Londres acordou rapidamente; operários a caminho do trabalho, depois escriturários, depois datilógrafas, homens de negócios e outros, o fluxo da Vida engrossou e correu rapidamente; mas como tudo aquilo parecia bom, como parecia real, como parecia humano, após o horror por que eu passara escassas horas antes.

Sim! Com a luz veio a coragem. Vesti as minhas roupas, abri a porta do meu quarto e saí para o patamar.

Como tudo parecia perfeitamente natural; o sol da manhã entrava pelas janelas, as escadas sem carpete pareciam acolher-me, a tábua solta fez-me dar um salto por um momento ao recordar o passo da noite anterior — mas foi apenas por um momento, no seguinte estava a rir-me de mim próprio por ter coisas como nervos.

Fiz exatamente o que tantos outros teriam feito em circunstâncias semelhantes; disse a mim próprio, e em linguagem muito enérgica, que não era mais nem menos do que um grandessíssimo tolo por me ter permitido imaginar que tinha ouvido passos a subir aquelas escadas, e quanto a

acreditar que ouvira aquele rat-a-tat tat na minha porta, disse a mim próprio que qualquer homem que conseguisse colocar-se num estado tal que pensasse ter ouvido semelhante coisa só estava bom para o Manicómio mais próximo, e até isso seria bom demais para tal idiota.

Nesse momento, o meu secretário abriu a porta.

— Bem, Perkins, teve uma boa noite? — perguntei.

— E o senhor teve? — resmungou ele.

— Certamente — ri-me. — Deixei os meus nervos descontrolarem-se; ouvi passos a subir as escadas; ouvi um rat-a-tat tat na minha porta; fiquei sentado a tremer na minha cama a noite toda e, de um modo geral, fiz de mim um idiota tão grande quanto um homem pode fazer. Os nervos são coisas maravilhosas, não são?

— É fácil rir agora sob o sol brilhante — resmungou o Perkins —, mas que eu seja condenado se fico nesta casa mais uma noite, por si ou por quem quer que seja, senhor; não há dinheiro no mundo que compense isto, é tudo o que tenho para dizer.

— Bem, se ouviu tanto, por que não veio em meu auxílio? — disse eu, de forma um pouco ríspida, enquanto aquele momento em que estive à minha porta aberta a olhar para o patamar vazio me passava como um relâmpago pela memória.

Ao olhar para o rosto enrugado do Perkins, percebi que não valia a pena tentar convencer-me de que o que tinha ouvido fora mera imaginação. Ali estava um homem de bom senso, do mundo, vinte anos mais velho do que eu, que tinha ouvido tudo o que eu ouvira e que era honesto o suficiente para admitir que ficara apavorado.

— Bem, meu amigo — disse eu —, o que vamos fazer em relação a isso?

— Não há nada a fazer exceto entregar a casa, devolver as chaves às pessoas que a tinham, pedir-lhes que devolvam o dinheiro que o senhor gastou nela; se não concordarem a bem, leve-as a Tribunal, e eu garanto que não há doze homens sensatos que não deem um veredicto a seu favor.

— Tudo muito bem, Perkins, mas deixe-me salientar: a senhora disse-me que não conseguia manter um criado no lugar, que ouviam pancadas e barulhos; ela admitiu que o lugar era assombrado, eu aceitei-o por minha conta e risco, onde entra o veredicto dos seus doze homens agora?

— Bem, senhor, o que vai fazer? — perguntou ele.

— Vou ficar com a casa, aconteça o que acontecer — foi a minha resposta —, e, mais ainda, vou ficar consigo, Perkins. Sim, vou, meu amigo. Tem demasiado bom e velho sangue do Norte de Inglaterra para não lutar até ao fim, mesmo com um fantasma.

Nessa noite regressámos à casa por volta das dez horas. Acendemos um lume no meu quarto, pusemos duas cadeiras confortáveis diante dele, fortalecemo-nos com sanduíches e um café bem forte, e determinámos ver as coisas até ao Amanhecer.

As primeiras horas passaram calmamente; por volta da uma hora estávamos a cabecear nas nossas cadeiras — de repente sobressaltámo-nos — não havia margem para dúvidas no que ouvíamos — um passo arrastado no patamar — aproximou-se — parou à porta — uma pausa — pareceu uma eternidade — depois, claro e nítido, um determinado rat-a-tat tat no meio da porta.

Saltámos das nossas cadeiras, ficámos a olhar um para o outro como duas crianças indefesas, sem uma palavra.

Um estalido nítido veio do patamar vazio — a luz elétrica tinha sido ligada.

— Grande Deus! Isso não pode ser um fantasma — disse o Perkins.

Cada um de nós pegou num pesado atiçador de ferro da lareira. Puxei o ferrolho para trás e escancarei a porta, tal como fizera na noite anterior. Desta vez o patamar estava inundado de luz. Agarrando firmemente os nossos atiçadores de ferro, saímos para as escadas. Silêncio por toda a parte — um silêncio de morte.

Espreitei por cima do corrimão.

— Perkins — sussurrei —, as luzes estão ligadas no hall, não podemos deixá-las assim, temos de descer e desligá-las.

Lado a lado, degrau a degrau, descemos juntos; fomos muito devagar, os nossos pés pareciam de chumbo — o que esperávamos encontrar, não sei.

— Não pode ser um fantasma com tanta luz — ia o Perkins repetindo, como que para manter a coragem.

Ficámos no último degrau das escadas — diante de nós o hall estava inundado de luz — todas as lâmpadas estavam acesas. À nossa esquerda, a porta da sala de jantar escancarada — a sala numa escuridão total; olhámos para os interruptores elétricos de latão brilhante numa fileira mesmo ao lado da porta — algo nos chamou a atenção para eles — depois *click*, *click*, *click*, um após outro foram ligados diante dos nossos olhos, e a sala vazia tornou-se um clarão de luz.

Sentimo-nos pregados ao chão, mas foi apenas por um momento — ali algures no meio da sala vazia, sim, ali sob aquele brilho silencioso de luz, ouvimos uma espécie de gargalhada cavernosa e ruidosa — uma gargalhada de escárnio que nos gelou o sangue. Aproximou-se de nós — quase a sentimos —, não esperámos por mais — de um salto alcançámos o patamar e estávamos atrás da porta fechada do meu quarto.

Quando os decoradores vieram para o seu trabalho, encontraram todas as luzes acesas, mesmo na cave; deixámo-los pensar o que quisessem sobre o nosso descuido, pois nem o Perkins nem eu estávamos em maré de conversas. Ficámos felizes por ir para as nossas camas e dormir — e dormimos como dois homens nunca tinham dormido antes, e principalmente, penso eu, por causa do requintado barulho humano que as escadas dos pintores faziam em tal ocasião.

A noite voltou a cair; após um bom jantar, sentimo-nos ambos bastante corajosos.

— Bem, Perkins, vamos ver isto até ao fim? — perguntei.

— Estou pronto para o que desejar — assentiu ele. — Só que não me importo de lhe dizer que contrabandeei um cão para o meu quarto para esta noite e, se houver algo de humano nesse fantasma, então que Deus o ajude, é tudo o que posso dizer.

* Isto aconteceu nos dias anteriores ao aparecimento dos autocarros a motor.

— Qual é a raça desse animal maravilhoso? — ri-me.

— Um rafeiro de raça pura, patrão, um cruzamento entre um galgo irlandês e um terrier escocês, e nascido e criado em Yorkshire.

— Excelente — disse eu. — Mas e se o nosso fantasma não tiver pernas, o que acontece então?

— Nunca ouvi falar de um fantasma a aparecer na luz como na noite passada — continuou o Perkins. — Ainda não consigo acreditar que não tenha sido uma mão humana a puxar aqueles interruptores elétricos, mas o senhor e eu estávamos num pânico tal que não conseguíamos pensar direito.

— E quanto aos passos a subir as escadas?

— É mesmo isso — eram demasiado reais para serem os de um fantasma — continuou ele. — Não nos ensinam desde o berço que os espíritos não têm substância, coisas intangíveis que flutuam no ar? Não, senhor! A minha crença é que o nosso fantasma é um patife humano que o quer pôr fora de casa, e tudo o que desejo é ser capaz de pôr um "polícia" de Londres no rasto dele.

— Então é aí que entra o seu rafeiro irlandês-escocês? — ri-me. — Ele tem de segurar o fantasma pela perna enquanto o senhor vai buscar o polícia, o plano é esse, não é?

O Perkins assentiu. Estava bastante feliz com o seu plano. Devo admitir que eu não estava tão confiante quando fechámos o portão do jardim atrás de nós e olhámos para as janelas escuras da casa vazia.

Eu já tinha tido experiências com cães antes, em anteriores ocasiões de caça a fantasmas, e tinha reparado muitas vezes que os animais mostravam mais terror do que os próprios humanos quando entravam em contacto com algo que fosse invulgar ou sobrenatural.

Ainda assim, ao colocar a chave na fechadura da porta, foi muito reconfortante ouvir um ladrar vigoroso vindo do quarto em que o Perkins dormia, o qual continuou enquanto ligávamos e desligávamos as luzes e subíamos as escadas.

O pobre animal ficou louco de alegria ao ver-nos. Tinha estado sozinho, fechado todas aquelas horas — talvez o som das nossas vozes fosse tanta música para os seus ouvidos quanto o seu ladrar vigoroso parecia ser para os nossos.

Primeiro, permitimos-lhe que devorasse a ceia que lhe tínhamos trazido e depois, a transbordar de coragem e com aquele «sentimento do bravo Horácio» que os homens ganham quando têm um cão por companheiro, nós os três dirigimo-nos à cave para ver se as portas e janelas estavam fechadas e trancadas.

O nosso amigo canino parecia não ter medo de nada. Farejou e ladrou em todas as divisões. Apanhou cheiros de gatos, ratos e pintores, mas era tão inteligente, estou bem certo disso, que não os misturou.

Houve um lugar, contudo, onde o seu sangue irlandês-escocês sofreu um revés que intrigou até a ele próprio. Tínhamos estado lá fora no pátio a verificar se a pesada barra de ferro cruzava a porta que dava para o beco das traseiras. Tínhamos regressado ao corredor e corrido o ferrolho na porta interior, observando, ao fazê-lo, que os ferrolhos nos dias em que aquela casa fora construída certamente não eram feitos para enfeite.

Tínhamos examinado as janelas em todas as partes e alcançado a soleira daquele pequeno quarto no meio do patamar das escadas que até aí os pintores tinham deixado intocado.

Chamando o cão para que o seguisse, o Perkins riscou um fósforo. Era o único quarto da casa que não tinha luz elétrica. O Perkins chamou de novo.

O cão respondeu com um ganido; estava agachado na soleira da porta, com cada pelo espetado como uma cerda e a tremer em todos os membros.

O fósforo apagou-se. No luar cinzento, os olhos do cão pareciam ter o dobro do tamanho, como se lhe estivessem a saltar da cabeça. A sua alegria de viver tinha desaparecido; não era mais do que uma massa tremeluzente de carne sem forças, que só conseguia responder ao dono com um ganido.

Subimos para o meu quarto, com o cão a seguir-nos colado aos nossos calcanhares. Continuava a tremer. Atirei-lhe uma almofada para perto do lume; enquanto lhe dava uma pancadinha na cabeça, ele lambeu-me a mão, como se quisesse agradecer-me por aquele toque humano.

— O que pensa do seu cão, Perkins? — não pude deixar de dizer.

Ele não respondeu. Serviu-me uma chávena de café. Percebi a intenção e não insisti no assunto.

Estivéramos sentados em silêncio durante algum tempo, o zumbido distante das ruas tinha morrido, um relógio vizinho tinha batido a uma hora; a casa parecia muito quieta, até o cão aos nossos pés tinha adormecido — eu estava prestes a sugerir que seguíssemos o seu exemplo. O Perkins sobressaltou-se.

— O que foi aquilo? — sussurrou ele.

Abanei a cabeça. Eu não tinha ouvido nada. Olhei para o cão; estava sentado completamente teso, mas com as orelhas caídas para trás da cabeça; estava evidentemente a lembrar-se do susto que apanhara algumas horas antes.

Eu começava a pensar que era o mais corajoso dos três — mas, lá em baixo, longe, veio o som ominoso de passos.

Conseguia ouvi-los a entrar na sala de jantar — depois no hall — conseguia ouvi-los parar ao pé das escadas, e depois avançar com um pisar muito mais pesado e distinto do que na ocasião anterior.

O Perkins e eu agarrámos instintivamente os dois atiçadores de ferro; o cão colocou-se entre nós, com a cabeça levantada a farejar o ar.

De repente, um estrondo na porta — desta vez, graças a Deus, acompanhado por uma voz humana, e bastante rude por sinal.

— Que raio se passa nesta casa?

O cão já estava à porta a ladrar furiosamente. Evidentemente, não tinha medo de nada que conseguisse usar um inglês tão direto.

O Perkins agarrou-o pela coleira. Um empurrão pesado fez a porta tremer — o ferrolho de latão saltou, a porta escancarou-se — e ali estava diante de nós o mais belo exemplar de um "polícia" de Londes que os meus olhos alguma vez viram. Ele certamente pareceu-me particularmente bem num momento daqueles. Não poderia ter saudado um deus com maior fervor, mas o Sr. "Polícia" não estava para sentimentalismos a uma hora daquelas. Estava decididamente de mau humor.

— Que raio se passa nesta casa, gostava eu de saber? — repetiu ele.

Mal sabíamos o que dizer. Ele continuou:

— Há cinco minutos, a vossa porta das traseiras estava fechada e trancada, eu tinha acabado de a testar na minha primeira ronda quando ouvi o ferrolho a ser puxado e a porta abriu-se diante dos meus próprios olhos. Entrei no pátio, encontrei a porta do corredor aberta, todas as luzes do lugar acesas, e os senhores dois e um cão sozinhos aqui numa casa vazia — qual é a jogada, é isso que eu quero saber?

Não valia a pena tentar parecer digno em tais circunstâncias. Sabia que valeria ainda menos a pena tentar explicar "fenómenos psíquicos" a um polícia zangado a uma hora daquelas da noite, por isso disse humildemente que o meu amigo e eu não tínhamos deixado as portas das traseiras abertas

por descuido, como ele imaginara. Tínhamos passado os ferrolhos com muito cuidado antes de subir e não havia explicação que pudéssemos oferecer para terem sido encontradas abertas.

— Bem, tenho de revistar a casa de cima a baixo — disse ele. — Deve haver alguém escondido nas instalações de quem não saibam, por isso venham comigo e tragam o cão.

Revistámos a casa desde os sótãos até às caves, com a lanterna de busca do polícia a lançar os seus raios para todos os cantos. O cão seguiu-nos por toda a casa, exceto no pequeno quarto fora das escadas onde apanhara o susto anterior. Para esse quarto recusou-se a ir. De cada vez que tentávamos induzi-lo a entrar, deitava-se agachado na soleira da porta, a tremer em todos os membros.

O Sr. "Polícia" anotou observações na sua cadeta, pois teria de fazer um relatório sobre ter encontrado as portas abertas, disse ele. Finalmente, vimo-lo sair para o beco das traseiras — colocámos o grande ferrolho de volta no seu lugar e regressámos ao meu quarto.

Mais nada aconteceu nessa noite. Quando a luz do dia chegou, o Perkins retirou-se com o cão e eu fui para a cama.

Se foi o efeito da visita do Sr. "Polícia" ou a presença do cão, não sei dizer, mas durante algumas semanas após isso não tivemos qualquer perturbação de espécie alguma.

Uma tarde, Henry Hamilton, o dramaturgo, passou por lá para me ver.

— Invejo-te bastante por dares vida a esta velha casa pitoresca no coração de Londres — disse ele. — Mas diz-me, tiveste alguma experiência estranha nela desde que ficaste com ela?

— Que tipo de experiências queres dizer? — perguntei.

— Bem — continuou ele —, quando uns amigos meus viveram aqui há uns anos, ouviam barulhos e pancadas por todo o lado e, por causa disso, entregaram a casa. Vou escrever e colocar num envelope uma mensagem que me foi soletrada por pancadas nesta mesmíssima sala. Vais fechá-la na tua secretária e não a abrirás até que, a dada altura, uma mensagem seja novamente batida — depois compara as duas e diz-me se são iguais.

Prometi que faria isto, mas como se passaram algumas semanas sem que ocorressem pancadas ou perturbações, tinha-me esquecido desse

envelope, até que uma noite a minha atenção foi atraída para ele de uma maneira notável.

Tinha convidado alguns amigos para jantar, uma espécie de festa de "inauguração da casa", cerca de um ano após me ter estabelecido. Depois do jantar, estávamos sentados em redor do lume no hall de estar, a tomar café e a fumar cigarros, quando, sem razão aparente, uma série de pancadas decididas começou numa taça de cristal que continha flores e que eu mantinha sempre diante de uma imagem de Buda na extremidade mais distante da pequena capela.

Alguém sugeriu que nos sentássemos em redor de uma mesa e pedíssemos ao fantasma para soletrar o seu nome.

Peguei num bloco de notas e num lápis e, voltando-me para onde as pancadas tinham sido ouvidas, disse em voz alta:

— Vou dizer as letras do alfabeto, por favor faça uma pancada na letra que deseja. No fim, lerei as palavras. Se estiverem corretas, bata três vezes; se não estiverem corretas, bata uma vez.

A mensagem que surgiu clara e distintamente foi:

«O meu nome é Karl Clint. Vivi aqui há cerca de cento e vinte anos. Se descer ao quarto vazio fora das escadas, ouvirá mais».

Pegando nas nossas cadeiras, mudámo-nos para o quarto vazio — o mesmo quarto que, recordar-se-ão, o cão que o Perkins trouxera sempre recusava cruzar a soleira. Como não havia lâmpada elétrica neste quarto, colocámos uma vela sobre a lareira e sentámo-nos em redor de uma pequena mesa que tínhamos descido connosco.

Mal tínhamos ocupado os nossos lugares e as pancadas recomeçaram, desta vez muito mais fortes do que antes, e no centro da parede, imediatamente acima do local onde a vela se encontrava.

A mensagem que veio foi:

«Eu sou Karl Clint. Sou o dono desta casa. Neste quarto assassinei Liddel, enterrei-o por baixo».

— Quem era Liddel? — perguntei.

«Ele era Arthur Liddel».

— Quer que façamos alguma coisa em relação a isso?

«Não! Não podem fazer nada».

— Quer que se digam algumas orações? — perguntou alguém.

«Não!», de forma muito enfática.

— Podemos ajudar de alguma forma?

«Não! Quero ser deixado em paz na minha própria casa. Porque é que as pessoas não se mantêm afastadas?».

A isto seguiu-se um forte estrondo na porta e, no mesmo instante, a vela extinguiu-se. Na escuridão, tateámos o nosso caminho para fora e ficámos mais do que felizes por subir as escadas.

Abri o envelope selado na minha secretária. Estava quase palavra por palavra igual ao que eu tinha anotado.

No dia seguinte, consultei os arquivos e registos da paróquia. Descobri que entre 1740 e 1800 a parte antiga da casa fora uma espécie de propriedade agrícola pertencente a um austríaco ou alemão chamado Karl Clint. Este homem estivera envolvido no desaparecimento de Arthur Liddel, que fora visto pela última vez na companhia do homem Clint. Anos mais tarde, perdera-se todo o rasto de Karl Clint. A propriedade agrícola ficara coberta de ruas e a propriedade mudara de mãos muitas vezes. Os registos não me deram mais nenhuma informação.

As coisas tinham corrido calmamente na casa durante algumas semanas até que chegou o momento em que fiz planos para dar algum uso ao quarto vazio em questão. A primeira coisa que fiz foi colocar lá luz elétrica. Nessa noite, fui acordado várias vezes por pancadas na porta do meu quarto. Duas das criadas também as tinham ouvido e tinham imediatamente apresentado a demissão.

Telefonei aos meus amigos e pedi-lhes que viessem cá nessa noite, às nove horas. Tinha determinado resolver o mistério de uma maneira ou de outra, pois continuar a viver sob tais condições parecia-me impossível.

Eu já tinha tido alguma experiência com os resultados que podiam por vezes ser obtidos pelas sessões de materialização dadas por um médium cego chamado Cecil Husk. Determinei trazer este homem connosco para ver se conseguíamos obter algo mais tangível do que mensagens transmitidas por pancadas. Algum tempo antes, eu tinha assistido a sessões em que este homem era o médium, nas quais se desenvolviam formas e vozes espirituais de pessoas que reconheci me tinham falado. Talvez,

pensei eu, isso dê ao fantasma que assombra esta casa uma oportunidade de mostrar de forma mais definitiva o que quer que eu faça.

Devo aqui explicar que, devido à vida peculiar que levara durante tantos anos e pelas centenas de confissões que homens e mulheres tinham derramado nos meus ouvidos, tinha perdido todo o sentido de preconceito ou o desejo de julgar ou condenar qualquer pessoa, independentemente do crime que pudesse ter cometido. Pecadores e Santos tinham-se tornado iguais para mim. Em ambos havia o mal e em ambos o bem. O Pecador poderia ter-se tornado o Santo se as circunstâncias tivessem sido iguais, e o Santo poderia tão facilmente ter sido o Pecador se tivesse sido exposto à mesma tentação. Assim era que eu ajudaria de tão bom grado o espírito deste assassino confesso, Karl Clint, como ajudaria um Bispo há muito morto a lutar para quebrar as correntes do Purgatório.

As nove horas chegaram, os meus amigos foram pontuais ao minuto; pouco depois vi o médium cego ser conduzido pelo caminho do jardim. Fui ao seu encontro e ajudei-o a entrar na sala de jantar, onde tinham sido colocadas cadeiras em redor da mesa central. Coloques o médium no meio do grupo. Desliguei as luzes principais, deixando uma pequena lâmpada com um quebra-luz vermelho acesa na extremidade mais distante da sala.

Mal tinha alcançado o meu assento em frente ao médium e as manifestações começaram sob a forma de pancadas muito decididas no teto, no candelabro e num espelho pendurado na parede. Ouviram-se passos distintos vindos aparentemente do quarto não utilizado; pararam à porta — uma espécie de nuvem sombria e cinzenta formou-se no interior —, tornou-se mais espessa — veio diretamente para onde eu estava sentado. Depois, a partir dela, formaram-se uma cabeça e ombros e, noutro segundo, estava a olhar para o rosto de Karl Clint.

Eu sabia que era o Karl Clint. Ele não precisava de repetir o seu nome. Aquele olhar cansado, assombrado e quebrado disse-me num ápice a sua solidão, o seu cansaço de coração; e, assassino embora pudesse ter sido, a minha alma saiu ao seu encontro em simpatia e piedade.

Toda a gente conseguia ver o rosto para o qual eu estava a olhar. Era decididamente um tipo de cabeça alemão ou austríaco; à medida que as feições se desenvolviam de forma mais clara, quase se podia distinguir a textura da pele e ver a cor avermelhada do cabelo e da barba rente. Na aparência, o rosto era o de um homem entre os quarenta e cinco e os cinquenta anos de idade — um homem de aspeto inteligente, mas da classe camponesa ou agrícola.

Talvez por causa do olhar compreensivo nos meus olhos, o rosto em poucos momentos tornou-se ainda mais claro. Conseguíamos ver que os lips faziam um esforço tremendo para falar. Várias vezes se abriram, mas nenhum som saiu. Por fim, e como isso foi alcançado não posso oferecer qualquer explicação, uma voz de facto surgiu, ao início apenas uma espécie de sussurro — retirámos todas as forças para escutar —, vieram algumas palavras guturais, depois mais, até que cada pessoa na sala pôde ouvir a seguinte conversa:

— Porque é que estas pessoas estão na minha casa?

— São meus amigos — respondi. — Não me quer contar algo sobre si próprio?

— Eu sou Karl Clint — disseram os lábios. — Vivi aqui, pelo que consigo decifrar, há cento e vinte anos, mas o tempo não faz diferença para mim agora. São as pessoas que parecem mudar. Porque é que veio para aqui?

— Porque gostei da sua casa. Talvez o possa ajudar ao viver aqui — respondi rapidamente.

— Ninguém me pode ajudar — disse a voz, de uma forma curiosamente triste. — Só quero ser deixado em paz.

— Mas o senhor não está em paz.

— Se estivesse, não viria assustar as pessoas como faz.

— Não me consigo afastar; desde a noite em que morri estou aqui o tempo todo.

— Disse-nos que assassinou Liddel — por que cometeu tal crime?

— O Liddel não deixava a mulher com quem eu vivia em paz. Eu amava a Charlotte mais do que um homem alguma vez amou uma mulher. Ele vinha sempre para aqui tentá-la com o seu dinheiro. Uma noite, foi longe demais. Matei-o como mataria um cão raivoso. As pessoas chamam a tal ato assassinato, mas eu faria o mesmo outra vez se ele e eu estivéssemos vivos. Cavei um buraco na terra, por baixo do quarto lá em baixo. Enchi-o de cal viva. Pus o corpo dele lá dentro e o que resta dele ainda lá está, tanto quanto sei.

— O que aconteceu à Charlotte? — perguntei.

— Morreu uns anos mais tarde. Ajudou-me a livrar do corpo, mas nunca recuperou da preocupação e do pavor de que eu fosse descoberto — enterrei-a no cemitério não muito longe daqui.

— E o que aconteceu consigo?

— Depois de ela morrer, voltei para a Alemanha. Nunca mais conheci um momento de felicidade depois de a Charlotte se ir — a vida para mim era uma tortura —, no fim cometi suicídio.

— E depois?

— Não lhe sei dizer como aconteceu, mas um dia parece que acordei no quarto lá em baixo e tenho estado aqui desde então.

— Mas não gostaria de deixar o lugar e ir-se embora?

— Por que haveria de o fazer? Este era o único sítio a que eu chamava lar. Fui feliz aqui com a única mulher que alguma vez amei. Foi a única felicidade que conheci, por que haveria de ir — não há outro lugar para onde eu possa ir.

— Mas e a Charlotte? — desabafei.

— A Charlotte está aqui comigo. Vivemos os velhos dias felizes uma e outra vez... até que o Liddel vem... e então eu mato-lo de novo.

— Mas certamente há algo que eu possa fazer para o ajudar — não pude deixar de dizer.

— Há uma coisa que pode fazer — respondeu a voz. — Deixe o quarto lá em baixo intocado. Coloque duas cadeiras e uma mesa lá e não permita que ninguém entre após o anoitecer. Se fizer isto, pode ficar com o resto do lugar para si e não lhe causarei qualquer problema.

Empenhei a minha palavra em como cumpriria a minha parte do acordo. Nessa noite, duas cadeiras e uma mesa foram colocadas no que eu passara a chamar «o quarto dele». Tranquei a porta e guardei a chave no meu cofre, e dali em diante não tive mais incómodos ou barulhos de qualquer espécie.

Passaram-se alguns anos, chegou o dia de eu entregar esta casa e ir viver para uma zona diferente de Londres.

Umas noites antes de partir, achei que devia realizar outra sessão — por sentimentalismo, talvez — para me despedir do meu amigo fantasma, que tão fielmente tinha cumprido a sua parte do acordo.

Sem muita espera, o Karl Clint apareceu novamente.

— Karl — disse eu —, vou mudar-me para outra casa. Pensei que gostaria de te dizer adeus e agradecer-te por teres cumprido a tua parte do acordo. Pela última vez, vou perguntar se há algo que eu possa fazer para te ajudar antes que outras pessoas fiquem com esta casa?

Para minha enorme surpresa, a resposta veio clara e distinta:

— Quero ir contigo; és o único que alguma vez conheci que mostrou simpatia por mim. Atrás do painel do meu quarto encontrarás uma pintura que mandei fazer da Charlotte. Coloquei-a lá quando ela morreu e tem estado escondida ali desde então. Leva-a contigo, pendura-a num sítio qualquer da tua casa e, talvez quando chegar a tua altura de passares para a terra das sombras, tenhas pelo menos dois amigos humildes mas leais para te saudar.

Encontrei o quadro da Charlotte atrás do painel. Está na parede por cima da minha secretária enquanto escrevo este manuscrito.

PARTE II

FANTASMAS QUE SÃO CHAMADOS

A ENFERMEIRA CAVELL DÁ UMA MENSAGEM DOIS ANOS APÓS A SUA EXECUÇÃO

«Mais de mil dos chamados mortos materializaram-se e apareceram em círculos onde me sentei durante os últimos cinco anos. Olhei para os seus rostos e recebi mensagens das suas vozes espirituais.» — JOHN LOBB (durante trinta anos Editor de *The Christian Age*).

CAPÍTULO III

A ENFERMEIRA CAVELL FALA COMIGO DOIS ANOS APÓS A SUA EXECUÇÃO ELA RECORRE A MIM PARA QUE EU REALIZE ALGO QUE ELA QUERIA QUE FOSSE FEITO, E APRESENTOU UMA PROVA CLARA DE SOBREVIVÊNCIA APÓS A MORTE DE UMA MANEIRA NOTÁVEL.

As notas que escrevi na altura desta notável sessão foram testemunhadas e assinadas pelos presentes, e foram entregues ao Editor desta série como prova dos factos que passo a relatar.

Era a tarde de segunda-feira, 8 de outubro de 1917.

Bum! Bum! dos canhões que protegiam Londres. *Crash! Crash!* de estilhaços de obuses a cair nos telhados — estávamos no meio de um ataque aéreo nos piores dias da Guerra.

Tínhamos tido pouco descanso nas quatro noites anteriores e começávamos a sentir a tensão nos nervos pela falta de sono. Voltei-me para a minha mulher e disse: «Não podemos fazer nada de bom aqui; que tal apanharmos o comboio para a nossa casa de campo e descansarmos pelo menos uns dias? Há um comboio às 6 horas — numa hora estaremos, em todo o caso, fora deste barulho horrível».

Nesse momento o telefone tocou. Uma voz disse:

— Deixa-me ir para a sua casa? Estou sozinha aqui nos meus aposentos e terrivelmente perturbada com os ataques das últimas noites. Por favor, deixe-me ir.

Reconheci a voz e respondi:

— Nós próprios estamos exaustos e vamos para o nosso retiro no campo por uns dias. Ponha algumas coisas numa mala de viagem. Ficaremos felizes por a levar connosco se vier para cá já.

— Muito obrigada, vou já.

A voz era a de uma mulher, uma das muitas e notáveis médiuns com quem me deparei.

A caminho da estação, passámos para apanhar outros dois amigos que também estavam contentes por se irem embora e, pouco mais de uma hora depois, estávamos longe de Londres; e, na tranquilidade do campo, depressa esquecemos as experiências desgastantes das noites anteriores.

A médium estava tão feliz com a mudança como uma criança ficaria.

— Só gostava de poder fazer algo por si para lhe mostrar como estou grata — disse ela.

Estávamos sentados junto às janelas de uma grande sala de jantar de convívio, à espera que o jantar fosse servido. Lá fora, as aves ainda cantavam, o perfume das flores flutuava vindo do jardim.

A noite ainda não tinha chegado — era horário de verão e os raios do sol de outono brilhavam como o cintilar de rubis através das vidraças.

— Gostava mesmo de poder fazer algo para lhe mostrar como estou grata por esta paz — disse a médium novamente.

Mal tinha acabado de falar quando reparámos que as flores na jarra central da mesa de jantar tinham começado a mover-se — a mesa ficava a uns bons vinte pés de onde estávamos sentados —, o movimento tornou-se logo muito decidido; várias rosas pareceram ser erguidas da taça e caíram sobre a mesa de carvalho polido. Durante uns momentos, ficámos sentados a observar sem falar. Depois, para nosso espanto, as rosas moveram-se lenta mas firmemente ao longo da mesa até alcançarem os naperons de renda em cada lugar onde nos íamos sentar. (Isto aconteceu, deve recordar-se, não numa sala escura, mas com a luz do sol a brilhar através das janelas.)

A médium quebrou o silêncio.

— É evidentemente uma mensagem para nós dos nossos amigos do Mundo Espiritual — disse ela. — Devem estar felizes por termos vindo para aqui para a paz e para o sossego. Sei agora o que posso fazer para mostrar como estou grata. Deixe-me oferecer-lhe os meus serviços todas as noites enquanto aqui estiver. Ficarei mais do que feliz por fazer isto.

Começou então uma série de sessões na nossa própria casa, de certa forma as mais notáveis que alguma vez experimentei.

Nas páginas seguintes, posso apenas apresentar os aspetos principais que possam ser de interesse geral, e evitarei ao máximo todos os assuntos pessoais. Além disso, relatarei em linguagem simples os factos puros tal como ocorreram, sem qualquer tentativa de floreados ou procura de efeitos. E, por último, como o Editor desta série pode dar testemunho, o relato de cada sessão está assinado pelas pessoas que estavam presentes. Estas testemunhas estão vivas e podem corroborar qualquer afirmação que eu faça.

Após o jantar, subimos para um quarto que determinei manter reservado como o nosso local regular de reuniões e, talvez por uma ideia sentimental que penso que muitos leitores compreenderão, subimos com todas as flores da mesa de jantar e colocámo-las em jarras neste quarto. Essa foi a única preparação que fizemos, exceto dar ordens aos criados de que não deveríamos ser perturbados.

Antes de entrar numa descrição dos incidentes notáveis que estou prestes a relatar, é, penso eu, justo para os leitores que nada sabem sobre estes assuntos dar-lhes alguma ideia de como estas sessões eram conduzidas.

Em primeiro lugar, devem afastar da mente que existe qualquer tipo de Arte Negra, ou Magia de qualquer descrição, associada a elas. Devem também compreender que pessoas como eu e os meus amigos somos pessoas sérias, de mente sensata, com tanta agudeza de cérebro e determinação em não sermos sujeitos a vigarices ou ilusões como quaisquer outros membros da comunidade.

Além disso, não há nada de antirreligioso nestas reuniões. Assisti a sessões com maometanos, brâmanes, protestantes, católicos romanos, judeus e membros de outras seitas. Não há nada de antagónico a qualquer forma de religião, mas sempre pedi que o elemento religioso em cada sessão fosse preservado; que o brâmane, o católico, o judeu ou o cristão se unissem, pelo menos, nalguma expressão de oração ao Deus que todos adoramos, para que nos fosse permitido penetrar, por mais ligeira que fosse a forma, no mistério da vida que nos rodeia e assim talvez obter uma pequena visão daquilo que é conhecido como "a Vida além".

Umas palavras de uma oração simples, isso é tudo. Não importa se as palavras são proferidas por um católico, um brâmane ou um judeu — o Pensamento é que é a coisa principal.

Depois, como é uma lei bem conhecida na natureza que os tons da voz humana geram vibrações na atmosfera, a Música é geralmente utilizada nestas sessões. É também uma lei bem conhecida que, uma vez iniciadas as vibrações, ninguém pode dizer onde terminam, e por isso se descobriu por experiência que a Música, e especialmente a da voz humana, é mais ou menos necessária. Por esta razão recorre-se geralmente ao canto, e algum hino ou canção que os presentes conheçam é habitualmente utilizado tanto no início como a intervalos durante a sessão.

Tendo em conta estas breves observações, voltaremos agora ao ponto onde parei.

Tínhamo-nos sentado em forma de círculo e ficámos em silêncio à espera de ver se haveria manifestações de qualquer espécie.

De passagem, posso aqui explicar que a forma especial de mediunidade da médium que estava connosco é a que se conhece como "a voz direta", ou seja, ouve-se uma voz a falar com algum membro individual do círculo ou, em muitos casos, com todos os presentes ao mesmo tempo; e esta voz, ou vozes conforme o caso, pode ser ouvida bem acima das cabeças do círculo e ouvida por todos ao mesmo tempo, ou pode estar tão perto do ouvido de algum membro que seja ouvida apenas por essa pessoa.

Em muitos casos, ouvi até quatro ou cinco vozes a falar ao mesmo momento e, em várias ocasiões, em línguas distintas e diferentes, tais como francês, alemão, italiano e inglês; e, se estiverem presentes pessoas que compreendam outras línguas, até em grego, russo, árabe, hindustani, etc.

Em alguns casos "a voz" é tão ténue que se utiliza um instrumento como um altifalante em forma de corneta, feito de alumínio ou de *papier-mâché*, e nestas sessões para "a voz direta" há geralmente um colocado na sala. No entanto, já assisti a muitas sessões onde "a voz" foi tão alta que cada palavra foi ouvida no exterior e a uma longa distância para lá da sala da sessão.

A parte notável sobre esta forma de comunicação com parentes ou amigos que passaram para o grande além é que, como regra geral, as vozes são facilmente reconhecidas; o mesmo sotaque, entonação ou tiques de comportamento são fielmente reproduzidos. Além disso, a "voz espiritual", se houver dúvida quanto à sua identidade, recorda acontecimentos do passado com uma precisão surpreendente.

O único ponto intrigante e de difícil explicação é que, embora se possa desejar com o maior fervor falar com uma pessoa em especial, este desejo intenso parece atuar muito frequentemente como um impedimento e previne o fenómeno.

Muitas vezes, quando uma pessoa deixa de estar ansiosa e se torna indiferente a qualquer desejo particular, é precisamente no momento mais inesperado que a voz da pessoa que tanto desejava ouvir consegue finalmente fazer-se ouvir. E o espírito descreverá com exatidão quantas sessões espíritas frequentou sem resultado. Frequentemente acrescentará:

— Eu vi-o em cada uma dessas ocasiões e sabia quanto desejava ouvir-me, mas não conseguia estabelecer contacto. Não consigo explicar porquê.

Outro aspeto curioso é que pessoas completamente desconhecidas regressam repetidamente e utilizam alguém presente para enviar mensagens a amigos ou familiares que ainda vivem. Pode existir algum elo magnético de simpatia que explique isto, mas nunca foi dada uma explicação clara.

Muitas vezes perguntei a razão, mas a resposta foi sempre a mesma:

— Não consigo explicar. Talvez eu consiga fazê-lo devido às vibrações com que os presentes estão sintonizados.

Na sessão em questão, já referi que permanecíamos sentados em silêncio, à espera de verificar se ocorreria alguma manifestação. Desta vez, não tivemos de esperar muito.

Uma curiosa luz flutuante apareceu quase de imediato e dirigiu-se diretamente para o local onde eu estava sentado.

Falando de forma clara, distinta e suficientemente alta para que todos na sala a ouvissem, uma voz começou a dirigir-se a mim:

— Sou Edith Cavell, ou talvez me conheça melhor como a Enfermeira Cavell, que, como certamente leu, foi executada em Bruxelas.

— Sim — respondi. — Li o que os jornais publicaram acerca do seu julgamento e posterior execução. Como milhares de outras pessoas, enviei-lhe toda a minha simpatia.

Continuei a dizer algumas coisas que qualquer pessoa provavelmente diria se, de repente, estivesse a falar com a Enfermeira Cavell.

Então ocorreu-me a parte mais extraordinária: porque razão haveria ela de vir falar comigo? E acrescentei impulsivamente:

— Porque vem falar comigo, Enfermeira, entre todas as pessoas deste mundo?

Como resposta ouviu-se uma ligeira gargalhada, como se estivesse a divertir-se à minha custa.

— Porque é amigo do Doutor Fulano e quero chegar até ele, mas só o consigo fazer através de si. Não lhe parece uma boa razão?

— Sim, de certo modo — respondi. — Mas, se consegue falar comigo, porque não consegue influenciá-lo diretamente?

Novamente uma risada suave. Depois ouvi claramente:

— Sabe tão bem como eu o cético que ele é em relação a estas coisas. Não consegui chegar até ele. Vai vê-lo amanhã. Quero que lhe diga que falei consigo esta noite e que lhe envie, a ele e à sua esposa, o meu carinho.

— Receio que ele não acredite em mim — respondi. — Além disso, não há motivo para que eu o veja amanhã.

— Vai vê-lo amanhã — respondeu rapidamente. — Às nove horas da manhã estará ao pé da sua cama. E, mesmo que não acredite em si, quero que tente. Certamente fará esse esforço por mim?

— Sim, Enfermeira. Depois do terrível sofrimento por que passou em Bruxelas, terei todo o gosto em fazer o que me pedir.

— Limitei-me a cumprir o meu dever para com o meu país — respondeu. — Apenas lamento não ter seguido o conselho do Doutor Fulano, pois teria sido mais útil aos nossos pobres homens. Mas conhecia bem os riscos que corria e o fim não me surpreendeu. Quando cheguei aqui encontrei muitos amigos e, mais tarde, Von Bissing, que foi largamente responsável pela minha execução. Depois da sua morte encontrei-o aqui, no que a maioria das pessoas chama "o outro mundo".

Avancei e estendi-lhe as mãos. Ao princípio manteve a cabeça baixa e recusou olhar para mim, mas agora compreende e somos bons amigos. Agora diga ao Doutor Fulano que falei consigo e que gostaria muito que viesse amanhã à noite, pois quero falar com ele pessoalmente. Como não acredita nestas coisas, talvez fique muito zangado. Se isso acontecer, diga-lhe que Edith Cavell lhe revelou a razão pela qual a mãe lhe deu um dos seus nomes...

E sussurrou-me a razão ao ouvido, para que os restantes presentes não a ouvissem.

— Adeus. Espero que consiga convencer o Doutor a vir, porque voltarei aqui amanhã à noite.

Passarei por cima dos restantes acontecimentos dessa sessão extraordinária, pois eram de natureza mais pessoal.

Nessa noite fui para a cama perfeitamente convencido de que Edith Cavell estava enganada num ponto: o Doutor Fulano não estaria ao pé da minha cama às nove horas da manhã seguinte.

Dormi bem, mas às sete horas acordei sobressaltado.

Sentei-me de repente na cama, perguntando-me o que se passava. Sentia-me estranho e bastante tonto. Rapidamente percebi que havia algo de errado com a garganta. Tentei engolir, mas não consegui. Com horror, apercebi-me de que quase não conseguia falar.

Abri as janelas e comecei a caminhar pelo quarto banhado pelo sol da manhã. Tirei água quente de um aquecedor elétrico e tentei fazer gargarejos o melhor que pude.

Passou quase uma hora sem qualquer melhoria. Na verdade, estava pior.

Foi então que pensei em mandar chamar o Doutor Fulano. Chamei o jardineiro, que passava junto à janela, pedi-lhe que telefonasse ao médico e regressasse o mais depressa possível, e voltei para a cama.

O médico chegou.

— Não há nada de grave com a sua garganta, meu amigo — disse. — O facto de não conseguir engolir pode dever-se a uma forma temporária de paralisia. Posso aliviar isso imediatamente.

Uma escova de pelo macio e um pouco de morfina aplicados na garganta fizeram efeito e, poucos momentos depois, eu já conseguia engolir e falar novamente.

Até então não me lembrara da noite anterior; para ser sincero, estivera demasiado assustado comigo próprio para pensar noutra coisa.

Nesse instante, o relógio sobre a minha cómoda bateu as nove horas. O médico estava ao pé da minha cama, apoiado às grades.

Subitamente tudo me voltou à memória.

— Doutor — exclamei —, Edith Cavell esteve aqui a falar ontem à noite. A Enfermeira Cavell, quero dizer. Ela queria que eu lhe dissesse...

Não consegui terminar a frase. O médico fitava-me com os olhos arregalados.

— O quê? O quê? — exclamou. — Enlouqueceu?

— Não, Doutor. Estou tão são como o senhor. Mas juro que tudo o que estou a dizer é absolutamente verdade. Ontem à noite a Enfermeira Cavell pediu-me que lhe transmitisse uma mensagem. Quer que venha aqui esta noite. Quer falar consigo pessoalmente...

— Basta, meu amigo. Não diga disparates.

E colocou suavemente a mão na minha cabeça, como se procurasse acalmar-me.

— A própria Edith Cavell nunca teria acreditado em semelhante absurdo. Deve ter tido uma alucinação. Mas porque escolheu precisamente Edith Cavell, não consigo imaginar.

— Ela disse-me ontem à noite — continuei — que seria quase impossível convencê-lo, mas que queria provar-lhe que a vida e a inteligência continuam após a chamada morte. E provar-lho-á se vier esta

noite. Disse-me também que, se não acreditasse, eu deveria dizer-lhe a razão pela qual recebeu um dos seus nomes...

E repeti exatamente aquilo que ela me revelara.

A expressão do médico mudou imediatamente.

— Estarei cá esta noite às nove horas — respondeu.

E saiu do quarto sem acrescentar mais nada.

[...]

Às nove horas em ponto, ainda não havia sinal do médico. Eu tinha fechado a porta exterior e as quatro pessoas que tinham estado presentes na noite anterior subiram comigo. O quarto permanecia exatamente como estava. Tinha-o fechado à chave e esta não saíra do meu bolso.

Tomámos os nossos lugares e preparávamo-nos para cantar um verso de um hino quando, sem qualquer aviso, uma voz surgiu ao meu lado:

— Esperem apenas mais alguns momentos. O médico está a chegar. Gostaria que estivesse presente desde o início. Muito obrigada por ter feito o que lhe pedi. Ele está agora a subir o jardim. Vá recebê-lo.

Desci e encontrei o médico à porta.

— Não sabia se devia tocar à campainha ou não — disse. — Peço desculpa pelo atraso, mas não conseguia decidir-me a vir. Diga-me: o que devo fazer?

— Nada, meu caro senhor, absolutamente nada. Apenas sente-se tranquilamente. Se uma voz lhe falar, responda por simples cortesia, como faria numa conversa normal.

Subimos juntos.

O médico sentou-se ao lado da médium (mais tarde confessou-me que o fizera para se certificar de que ela não praticava qualquer fraude).

Quase imediatamente todos os presentes ouviram uma voz dirigir-se a ele com clareza.

[...]

— Estou tão contente por vê-lo aqui. Sou Edith Cavell. Não tinha a certeza de que viesse. Pedi ao seu amigo que lhe dissesse que tinha falado com ele, mas conhecendo as suas opiniões sobre estes assuntos, não podia ter a certeza. Recorda-se da correspondência que trocámos? Muitas vezes

deseja agora que eu tivesse seguido o seu conselho, pois teria vivido mais tempo e continuado o meu trabalho. Recebeu todas as minhas cartas, não foi?

— Sim — respondeu o médico. — Todas, exceto a última, a que escreveu antes da execução. Essa nunca me chegou.

— Recebê-la-á um dia. E na próxima sexta-feira ouvirá falar muito de mim.

— Vou encontrar-me nesse dia, em Londres, com o seu advogado, Mestre Lavel — respondeu o médico. — Suponho que me contará muito do que aconteceu.

[...]

Depois de um momento de silêncio, uma flor atravessou a sala flutuando e pousou na mão do médico. Tinha sido retirada de uma jarra colocada numa mesa junto à janela.

Eu tinha registado por escrito os principais acontecimentos à medida que sucediam e, no final, antes de abandonarmos o quarto, todos os presentes assinaram o documento, confirmando que a descrição correspondia à verdade. A primeira pessoa a assiná-lo foi o médico.

É apenas por delicadeza que não divulgo o seu nome; mas, como referi no início, o editor desta coleção pode confirmar que viu estes documentos e que estão assinados e testemunhados exatamente como descrevi.

PARTE II

FANTASMAS QUE SÃO CHAMADOS

UM FENÓMENO EXTRAORDINÁRIO

"Quando um animal ou uma pessoa morre, o organismo regressa aos seus elementos constituintes, mas a alma, da qual a vida é a manifestação exterior ou visível, continua a existir independentemente do corpo."

— George Lindsay Johnson, M.A., B.C., M.D.

"Todo o grupo, incluindo eu próprio, ouviu o cântico de um coro de vozes masculinas que parecia vir de um espaço aberto onde alguns

destroços assinalavam o local onde originalmente se erguia o coro. O cântico era melodioso e solene."

— Descrição da visita às ruínas da Abadia de Jumièges, Normandia, em 6 de julho de 1913, por Ernestine Anne.

CAPÍTULO IV

UM FENÓMENO EXTRAORDINÁRIO

A ENFERMEIRA CAVELL REAPARECE.

O REI EDUARDO VII TRANSMITE UMA MENSAGEM DURANTE A GRANDE GUERRA.

OUVEM-SE MARAVILHOSAS MÚSICAS ESPIRITUAIS E A FAMOSA NORDICA CANTA COMO CANTAVA EM VIDA.

A sessão da noite seguinte, 10 de outubro, foi tão pessoal para os presentes que não creio que as conversas ocorridas tenham interesse suficiente para publicação. Passarei, por isso, à sessão de 11 de outubro.

Nessa sessão, a Enfermeira Cavell voltou a manifestar-se e, com a mesma voz clara que utilizara nas noites de 8 e 9 de outubro, explicou a razão pela qual desejara falar com o Doutor Fulano e agradeceu-me os esforços feitos para garantir a sua presença.

Falou de certos soldados feridos num hospital e acrescentou que estivera presente quando a Rainha Alexandra o visitara alguns dias antes, tendo tentado falar com a Rainha-Mãe sem sucesso.

Explicou também que "o outro mundo" era muito diferente daquilo que as pessoas imaginavam. Segundo ela, aqueles que eram genuinamente bondosos e procuravam fazer o bem pelo próprio bem, sem esperar recompensa, pareciam ser muito mais felizes do que aqueles que apenas pertenciam a uma igreja e julgavam que isso era suficiente.

Mencionou ainda ter encontrado alguns amigos meus e um familiar que tinham morrido nas trincheiras poucos meses antes. Acrescentou que, por já conhecerem algo da "vida além da morte" antes de falecerem, eram capazes de ajudar muito os espíritos que chegavam subitamente ao além e que, em vida, pouco tinham refletido sobre estes assuntos.

Antes de terminar, declarou com firmeza:

— Pergunto-me se conseguem compreender que ajudo os soldados alemães que chegam aqui com a mesma boa vontade com que ajudo os nossos.

Depois disto, uma voz grave interrompeu:

— Ó homens do mundo, quão pouco compreendeis as coisas que vos rodeiam. Até os insetos possuem mais instinto do que vós. A minhoca providencia melhor o seu alimento do que vós; a formiga cega armazena provisões para o inverno. Mas vós, homens, combateis e matais-vos uns aos outros em nome da civilização

Então, uma voz muito diferente das anteriores falou lenta e enfaticamente:

— Rezai pelo meu país. Rezai pelo meu povo. A Inglaterra tem muitos dias sombrios pela frente. Choro pelo meu povo, pelo povo de Inglaterra. Chamavam-me «Eduardo, o Pacificador».

— Quer dizer Eduardo VII? — perguntou alguém.

— Sim, sou Eduardo VII. Rezai pela Inglaterra e pelo Império Britânico.

Depois, voltando-se para mim, a voz disse:

— Estou-lhe grato, senhor, por me ter dito a data exata da minha morte, incluindo o mês e o dia, quando nos encontrámos pela primeira vez,

muitos anos antes de ela ocorrer. O seu aviso impressionou-me profundamente e, graças a ele, fiz preparativos que, de outro modo, talvez tivesse adiado até ser demasiado tarde.[1]

Passarei agora a relatar um fenómeno extraordinário que ocorreu no final desta sessão.

Já mencionei anteriormente nestas páginas que, por vezes, vozes se juntam aos cânticos. Sei que é difícil esperar que o público acredite numa afirmação tão extraordinária como a de que se ouvem efetivamente vozes. Contudo, existem muitos outros investigadores deste fenómeno que podem confirmar ter ouvido vozes espirituais misturarem-se com os cânticos durante sessões espíritas. Nunca, porém, ouvi relato comparável ao seguinte.

Nessa noite em particular, eu tinha colocado numa mesa lateral um fonógrafo Edison juntamente com meia dúzia de cilindros dos modelos antigos. Pretendia utilizá-los para variar um pouco o nosso programa musical habitual.

Coloquei um excelente registo de *Os Contos de Hoffmann* e, durante alguns momentos, recostámo-nos nas cadeiras para escutar a melodia requintada dessa célebre obra.

Subitamente, muito acima das nossas cabeças, ouvimos uma voz de soprano, clara como um sino de prata, acompanhar o refrão. Depois surgiu outra voz, e outra, e mais outra, até perdermos a conta.

O fonógrafo parou, mas o canto continuou até ao final do ato da ópera.

Nunca, nunca, nunca tinha ouvido um canto tão magnífico.

Os belíssimos tons da voz da soprano pareciam-me estranhamente familiares. Inclinei-me na direção do local onde as últimas notas se tinham extinguido.

Mal ousava fazer a pergunta que tanto desejava formular.

Só havia uma pessoa no mundo capaz de cantar a «Barcarola» daquela maneira, pensei imediatamente: a minha querida amiga Nordica.

Seria possível?

Talvez ela tivesse lido a pergunta nos meus pensamentos. Talvez tivesse percebido a expressão do meu rosto. Não sei.

Só sei que, um instante depois, me falava, tratando-me por «Cheiro», como sempre costumava fazer.

— Sim — disse ela. — É uma surpresa tão grande para mim como para si. Não compreendo como isto aconteceu. De repente encontrei-me aqui, ouvi as notas desta ópera que tão bem conheço; pareceu-me natural cantá-la e foi um enorme prazer. Mas não compreendo, não compreendo.

Durante mais de cinco minutos conversámos.

Falou-me do naufrágio que sofrera, da pneumonia que se seguiu e da rapidez com que chegara o fim.

De repente, no seu tom rápido e autoritário, disse:

— Sempre se interessou por coisas estranhas, mas fique em silêncio durante alguns momentos. Está prestes a acontecer algo que ultrapassa tudo o que consigo imaginar. Há aqui muitos cantores — alguns reconheço, outros não. Mas neste momento há um homem junto ao fonógrafo que explica estar prestes a produzir um fenómeno contrário a todas as leis conhecidas da física e também da música. Diz para deixar *Os Contos de Hoffmann* no cilindro, pôr o aparelho a funcionar e observar o que acontece.

Acionei a alavanca e o cilindro começou a tocar.

Então ocorreu algo que nada do que conheço consegue explicar.

Limitar-me-ei a relatar os factos tal como aconteceram. Estou disposto a prestar qualquer juramento de que estes acontecimentos realmente ocorreram e de que aqui ficam registados exatamente como sucederam.

O cilindro tocou durante cerca de meio minuto quando, subitamente, a voz de soprano gravada transformou-se numa contralto, depois num tenor e depois num baixo, enquanto o cilindro continuava a girar normalmente.

Quando chegou a parte coral, todas as vozes se alteraram, mantendo, contudo, uma harmonia extraordinária. O tenor tornava-se soprano, a soprano tornava-se baixo e assim sucessivamente.

Este fenómeno repetiu-se duas vezes no mesmo registo e depois cessou.

A voz de Nordica voltou a ouvir-se:

— Não consigo explicá-lo. Não faço ideia de como foi feito. O homem diz-me que nunca antes aconteceu e talvez nunca volte a acontecer.

Mas será isto mais extraordinário do que eu poder falar e cantar aqui esta noite?

— Cantará mais uma vez? — perguntei. — Talvez nunca mais volte a ouvir a sua voz.

— Vou tentar — respondeu. — O que deseja que eu cante?

Por um momento passaram-me pela memória todos os seus grandes papéis, mas havia uma canção que se destacava acima de todas as outras.

Já a ouvira cantá-la uma dúzia de vezes, mas desejava ouvi-la novamente.

— *You Gave Me But a Rose* — respondi.

Seguiu-se um breve silêncio.

Então a voz de Nordica, e apenas a voz de Nordica, cantou essa canção como só Nordica a sabia cantar.

A sessão tinha terminado.

Descemos e encontrámos muitas pessoas no jardim, atraídas da estrada pelo canto que tinham ouvido.

Imploraram-me que convencesse a cantora — que naturalmente julgavam estar hospedada connosco — a cantar novamente aquela canção.

Era uma situação difícil.

Limitei-me a responder que a cantora já tinha partido.

PARTE II

FANTASMAS QUE SÃO EVOCADOS

UM ARTISTA DA REAL ACADEMIA

E O ESPÍRITO DE UMA BAILARINA ASSASSINADA

«Digo-vos com toda a força e convicção de que sou capaz que continuamos a existir; que as pessoas do outro lado continuam interessadas no que acontece aqui e que são capazes, de tempos a tempos, de comunicar connosco.»

— Sir Oliver Lodge

(*The Great Problem*, cap. XIV, de G. L. Johnson, M.A., M.D.)

CAPÍTULO V

UM ARTISTA DA REAL ACADEMIA E O ESPÍRITO DE UMA BAILARINA ASSASSINADA

EXISTEM CARTAS QUE CORROBORAM OS FACTOS NARRADOS NO RELATO SEGUINTE ENTRE OS DOCUMENTOS CONSERVADOS PARA COMPROVAR A VERACIDADE DESTAS HISTÓRIAS.

Várias das minhas experiências com o sobrenatural estiveram associadas à Sr.ª Fanny Cooke, uma médium que foi submetida a centenas de testes pelo famoso cientista Sir William Crookes. A propósito, posso referir que, numa dessas sessões espíritas (à qual assisti), o espírito de Lady Crookes apareceu e transmitiu-me várias mensagens, referindo-se em particular a um certo «Phillip», de quem eu nada sabia. Escrevi, por isso, a Sir William, relatando a comunicação e esperando que ele pudesse esclarecer o assunto. A sua resposta foi a seguinte:

«7 Kensington Park Gardens, Londres, W., 15 de Outubro de 1917.

Meu caro senhor,

Aceite os meus mais sinceros agradecimentos pela sua carta do dia 12 e pelas mensagens da minha querida esposa falecida. É para mim uma grande felicidade receber tais comunicações.

Todas as informações transmitidas ou mencionadas são inteiramente exatas. O “Phillip” referido era um irmão meu que morreu há muitos anos.

Com os melhores cumprimentos,

Muito sinceramente,

WILLIAM CROOKES.»

Alguns anos antes da Grande Guerra, convivi frequentemente com Robert W. Macbeth, membro da Royal Academy e artista de grande talento, entretanto falecido. Era um homem de extraordinária cultura e encanto. Conversava muitas vezes comigo sobre o meu trabalho profissional, mas fazia sempre questão de sublinhar que não acreditava em nada de sobrenatural nem em ocultismo.

«Disparates!», era o seu resumo categórico.

Certa noite, jantei em sua casa com ele e a esposa. Pela conversa percebi que ela andava a ler um livro sobre casas assombradas, fantasmas e aparições. Não resisti à tentação de acrescentar algumas experiências pessoais, pois tinha passado muitas horas a investigar diversos acontecimentos estranhos em antigas mansões espalhadas pelo país. Daí, a conversa passou naturalmente para manifestações espirituais, avisos de morte iminente e outros assuntos semelhantes. Por fim, relatei vários casos que conhecera diretamente de pessoas que consideramos mortas e que tinham regressado para se mostrarem aos vivos.

Macbeth irritou-se profundamente perante tal ideia, declarando que apenas «mulheres e tolos» poderiam acreditar que essas coisas fossem possíveis. Afirmou que, nas sessões espíritas, as pessoas eram enganadas por ilusionistas e que nenhuma manifestação podia ser produzida fora das salas dos médiuns, onde, segundo ele, existiam alçapões, fios escondidos e outros truques semelhantes.

«Se conseguisse trazer um desses médiuns», disse ele, voltando-se para mim, «que produzisse alguma coisa aqui mesmo, no meu estúdio, então isso já seria algo digno de consideração. Mas não pode ser feito. Sei que não pode.»

Pensei imediatamente na Sr.ª Cooke, com o seu extraordinário poder de provocar materializações visíveis até mesmo à luz do dia. Tinha tido uma longa série de experiências com a sua mediunidade e sentia-me justificado em aceitar o desafio. A presença daquela médium em qualquer parte de uma casa era frequentemente suficiente para produzir os fenómenos mais inacreditáveis, até em divisões onde ela nem sequer estava presente.

Mas também sabia que qualquer que fosse o magnetismo ou vibração responsável por tais manifestações, não era algo que pudesse ser convocado à vontade, e já tinha assistido a sessões em que nada acontecera.

Era difícil saber como agir com um cético tão obstinado como Macbeth, pois compreendia que, se chamasse a médium e nada acontecesse, o meu amigo tornar-se-ia ainda mais incrédulo do que já era — se isso fosse possível.

«Ficaria satisfeito», perguntei após alguns instantes de reflexão, «se eu lhe desse o nome e a morada de uma médium para que a pudesse chamar por sua própria iniciativa? Assim evitar-se-ia qualquer suspeita de conluio da minha parte. Se ela vier e não acontecer absolutamente nada, não lhe paga honorários. Mas se, pelo contrário, surgir sequer um espírito e este provar, para sua satisfação, ser alguém que conheceu em vida, então pagará o dobro do valor habitual por ela ter vindo tão tarde. Parece-lhe justo?»

«Por outras palavras: sem resultados, sem pagamento», respondeu Macbeth, sorrindo.

«Exatamente.»

«Muito bem. Dê-me o nome e a morada.»

Anotei ambos. Macbeth saiu para a rua, chamou um fiacre e enviou-o para ir buscar a médium.

Apenas uma semana antes, o General Sir Alfred Turner e eu tínhamos estado presentes em casa de Sir William Crookes quando não um, mas vários espíritos se materializaram e caminharam pela sala em plena luz; e, por causa dessa e de outras experiências que tivera com aquela médium em condições particularmente difíceis e rigorosas, estava convencido de que ela não evitaria qualquer teste que Macbeth desejasse impor.

Meia hora depois, o fiacre regressou com a médium. Ela entrou no estúdio. Agradeci-lhe por ter vindo e expliquei-lhe que o meu amigo desejava uma sessão, mas que teria de aceitar todas as condições que ele impusesse.

A Sr.ª Cooke, uma mulher pequena e frágil, pareceu alarmada por um instante, pois devo admitir que a expressão de Macbeth não era nada acolhedora.

«Sr.ª Cooke», disse ele, «não quero ser enganado. Acredito que os médiuns fazem todo o tipo de truques para iludir pessoas crédulas. Vou diretamente ao assunto. O teste que proponho é o seguinte: acompanhará a minha esposa ao quarto dela, deixará lá todos os seus pertences, vestirá o roupão dela e regressará aqui. Depois permitir-me-á prendê-la a uma cadeira e selarei os nós com o meu próprio selo. Por fim, colocarei os seus

pés numa tina parcialmente cheia de gesso. Quando endurecer, ficarei satisfeito de que não poderá mover-se nem fazer truques. Se, nessas condições, acontecer alguma coisa, ficarei tão convencido que lhe pagarei o dobro. Mas se nada acontecer, não receberá nada. Não sou um homem cruel, mas não admito ser feito de tolo. Compreende?»

A Sr.ª Cooke ficou em silêncio durante alguns momentos. Depois respondeu calmamente:

«Tem de compreender que nunca posso garantir resultados. Por vezes, por muito que tente, não acontece absolutamente nada. Embora o seu ceticismo não crie a atmosfera ideal, aceito as condições. Contudo, devido à sua atitude perante este assunto, aconteça ou não alguma coisa, recuso-me absolutamente a receber qualquer dinheiro esta noite.»

Cerca de meia hora depois, tudo estava preparado. A Sr.ª Cooke encontrava-se amarrada a uma cadeira de carvalho, com os nós selados pelo próprio Macbeth, e os pés mergulhados em gesso até acima dos tornozelos.

Sentámo-nos na extremidade oposta do estúdio, junto a um candeeiro colocado sobre o piano. Macbeth trancou a porta, guardou a chave no bolso e sentou-se ao meu lado.

Durante dez minutos não ouvimos nada além da respiração pesada da médium, que parecia mergulhada num transe profundo.

Macbeth, com um sorriso satisfeito, reclinou-se na cadeira enquanto fumava um cigarro.

Subitamente, vimos algo flutuar no ar.

A luz do candeeiro não alcançava o fundo do estúdio, mas lentamente o objeto avançou para a zona iluminada.

Diante de nós surgiu claramente a forma de uma jovem mulher. A cabeça, o rosto e o corpo até à cintura tornaram-se perfeitamente visíveis. Não havia dúvida de que se tratava da aparição de uma rapariga.

Avançando, aproximou-se a poucos passos de Macbeth e ficou imóvel a observá-lo.

«Monsieur», disse ela num inglês imperfeito, «recorda-se de mim?»

«Não», respondeu ele. «Não me recordo.»

«Recordar-se-á quando lhe contar a minha história. Tenho boas razões para me lembrar de si. Foi há muitos anos. Veio a Argel. Lembra-se da rapariga árabe que dançava?»

Contra sua própria vontade, Macbeth respondeu em voz baixa:

«Sim, lembro-me. Mas que mistério inexplicável é este?»

Com o seu estranho inglês, a aparição continuou:

«Lembra-se de ter feito um retrato meu. Mas havia olhos ciumentos a vigiar. O meu amante esperava-me à porta e ouviu-me dizer que iria ao seu hotel no dia seguinte.»

Fez-se uma pausa.

«Ah, Monsieur, perguntou-se porque não fui? Agora pode saber. Fui apunhalada no coração. Morta pelo meu amante, porque dizia amar-me demasiado.»

A aparição desvaneceu-se e a voz extinguiu-se.

Robert Macbeth enxugou a testa com o lenço e olhou em redor com expressão aturdida.

«Isto ultrapassa-me», disse finalmente. «Tinha esquecido completamente esse episódio em Argel, e já passaram muitos anos. Vi uma dançarina árabe e pensei que daria um quadro extraordinário. Descobri que já tinha servido de modelo a outros artistas ingleses e que falava um pouco da nossa língua. Fiz-lhe um esboço durante uma das suas danças e pedi-lhe que prometesse ir ao meu hotel no dia seguinte. Como não apareceu, presumi que tinha encontrado outro trabalho. Ouvi alguns rumores sobre uma dançarina assassinada num dos bazares, mas incidentes desses eram comuns nos bairros nativos. Agora, porém, conheço a verdade. Ainda possuo esse esboço.»

PARTE II

FANTASMAS QUE RECEBEM ORDENS

A CASA ASSOMBRADA DE KENSAL RISE

«Todas as casas onde homens viveram e morreram são casas assombradas. Pelas portas abertas deslizam inofensivos fantasmas nas suas tarefas, com pés que não fazem ruído sobre o chão.

Encontramo-los à entrada, nas escadas; percorrem corredores de um lado para o outro, impressões impalpáveis no ar, a sensação de algo que se move para cá e para lá.»

— LONGFELLOW

CAPÍTULO VI

A CASA ASSOMBRADA DE KENSAL RISE

O SR. W. T. STEAD E EU VIVEMOS UMA EXPERIÊNCIA EXTRAORDINÁRIA.

UM ASSASSINO RECONSTITUI A FORMA COMO TENTOU OCULTAR O SEU CRIME.

Ao recordar as minhas experiências com o inexplicável, gostaria de relatar uma que possui considerável valor científico, especialmente para estudantes de criminologia. Não mencionarei o número exato da casa nem a rua onde ocorreu o incidente, para evitar causar preocupação ou sofrimento às pessoas que eventualmente ali residam atualmente.

O falecido Sr. Stead era, como é sabido, profundamente interessado em tudo o que estivesse relacionado com o sobrenatural e tinha um entusiasmo especial por investigar casas assombradas e manifestações misteriosas de qualquer género.

Certa ocasião telefonou-me e disse:

«Cheiro, interessa-lhe um caso muito peculiar de assombração numa casa associada a um crime recente? Se sim, encontre-se comigo esta noite, pois vou investigá-lo.»

Encontrei-me com ele e rapidamente me expôs os contornos gerais da história.

Uma casa em Kensal Rise estivera vazia durante algumas semanas e fora arrendada a um marinheiro reformado e à sua esposa. Ambos eram pessoas tranquilas e altamente respeitáveis. O homem passara vinte anos no mar e decidira finalmente estabelecer-se.

Pouco tempo depois de se mudarem, começaram a ser constantemente perturbados. Ao entardecer e por vezes mesmo durante o dia ouviam-se fortes pancadas. Na primeira vez que a esposa as ouviu estava sozinha em casa. Correu para o fundo das escadas, esperando ver alguém a descer.

Mas o ruído cessou abruptamente.

Numa noite, marido e mulher estavam a jantar quando, sem aviso, o som recomeçou. Ambos correram para junto das escadas. Enquanto ali permaneciam, ouviram não apenas um ruído ritmado, como se uma caixa pesada estivesse a descer degrau após degrau, mas também uma respiração ofegante. Depois tudo voltou a ficar em silêncio e regressaram à cozinha, incapazes de explicar o estranho acontecimento.

O marido era um homem sólido, que, como dizia, «não tinha medo de nada». Ainda assim, pouco tempo depois, ele e a esposa abandonaram a casa. A razão apresentada foi vaga, mas ficou entendido que o local «não lhes fazia bem».

A casa ficou novamente vazia durante algum tempo, a renda foi reduzida e acabou por ser ocupada por um casal com dois filhos. Tinham regressado do Canadá, cansados da vida nas colónias.

Também eles começaram a ser perturbados e alarmados pelos ruídos.

O ponto culminante ocorreu quando a filha mais nova, de seis anos, chamou a mãe em voz alta certa noite.

A mãe correu para o quarto.

«Mamã», disse a criança, «vi o senhor esta noite. Passou junto ao meu berço e deu-me uma palmada na mão.»

A mãe descartou o episódio como um sonho infantil. Mas durante várias noites a mesma história repetiu-se.

Depois, certa noite, já perto da meia-noite, as pancadas começaram mais fortes do que nunca.

Ao dirigir-se ao topo das escadas, o marido sentiu uma estranha apreensão, como se não estivesse sozinho.

O ruído cessara, mas sentiu claramente algo passar por ele e, momentos depois, a porta do quarto do outro lado do patamar fechou-se com estrondo.

«Agora, Cheiro», disse Stead, «o casal fugiu da casa em pânico. O senhorio deu-me autorização para investigar. Tenho a chave. Quer vir comigo?»

Aceitei e tomámos uma carruagem para Kensal Rise.

Era uma daquelas noites abafadas que frequentemente ocorrem em Londres no início do Outono.

Quando chegámos à casa, entrámos e examinámos o local à luz de duas lanternas potentes.

Tratava-se de uma casa com uma cave profunda, duas grandes divisões ao nível do rés-do-chão e, no piso superior, dois quartos e uma pequena arrecadação, sobre a qual existia uma divisão onde se encontrava o depósito de água.

Calculei que a casa tivesse cerca de cinquenta anos.

Não havia recantos secretos nem corredores sinuosos; era apenas uma sombria e respeitável casa vitoriana.

As escadas desciam dos quartos para o rés-do-chão e, após um pequeno patamar intermédio, continuavam até à cozinha.

Segundo o Sr. Stead, era geralmente nesse lanço inferior das escadas que se ouvia o estranho ruído.

Fizemos uma fogueira com alguma madeira que encontrámos e instalámo-nos na cozinha, deixando a porta aberta. O tempo passava lentamente. Em breve já era depois da meia-noite e eu começava a sentir sono. De repente, porém, despertei sobressaltado ao ouvir Stead dizer bruscamente:

— Escute! Está a ouvir isso?

Prestei atenção e os meus ouvidos captaram um som sinistro. Pum! Pum! Pum! Seguiu-se uma pausa e depois ouviu-se claramente uma respiração pesada.

Recuperando rapidamente a presença de espírito, corremos para fora da cozinha e apontámos as lanternas para as escadas. Não havia nada para

ver. Contudo, quando os sons cessaram, teria jurado ouvir uma gargalhada distante, macabra e sobrenatural.

Percorremos novamente toda a casa e realizámos uma investigação minuciosa. Tínhamos deixado a porta da cozinha completamente aberta; quando regressámos, estava fechada. Concordámos, no entanto, que isso poderia ter uma explicação natural, talvez causada por alguma corrente de ar.

Continuámos a nossa vigília. Nada aconteceu até que a luz do amanhecer começou a entrar pela casa e, nessa altura, ambos tínhamos adormecido profundamente.

Acordámos sobressaltados. Os sons eram tão convincentes como antes. Mas não encontrámos qualquer explicação. Confesso que ficámos completamente perplexos.

Foi então que Stead me revelou algo que lançou uma nova luz sobre a assombração — pois já me convencera de que era efetivamente uma assombração.

Acontece que aquela casa tinha sido habitada por um homem que imitara o crime de Devereux. Este último, que também residira na vizinhança, assassinara a esposa e os dois filhos gémeos, colocando-os numa arca que enviou para um depósito ferroviário para ser posteriormente levantada.

Ao que parece, o inquilino da casa que investigávamos também colocara a infeliz esposa dentro de uma arca e transportava-a num carrinho de mão para uma estação de caminho-de-ferro quando uma das rodas se soltou. Um polícia, movido por boa vontade, aproximou-se para ajudar. O assassino entrou em pânico, fugiu e acabou por disparar sobre si próprio com um revólver.

À luz deste conhecimento, consegui compreender os estranhos sons que se ouviam na casa. O crime tinha sido cometido no quarto situado no topo do lanço de escadas que subia do rés-do-chão. Depois de colocar o corpo dentro da grande arca, o assassino terá descido o pesado volume pelas escadas íngremes com enorme esforço. A história da criança acerca da aparição do «senhor» era particularmente significativa, pois o inquérito revelou que o assassino fora um homem tranquilo e muito afetuoso com as crianças.

Que certas casas ficam marcadas por grandes crimes é algo que me parece inquestionável. Tudo indica que a alma atormentada que derramou sangue é forçada a regressar repetidamente, revivendo o seu crime vezes sem conta, incapaz de escapar à horrível escravidão da repetição até que a Misericórdia diga «Basta!» e o perdão seja concedido até mesmo ao assassino.

Investigações deste género, relacionadas com o sobrenatural, possuem um fascínio extraordinário. Os pensamentos de remorso daqueles que derramaram sangue parecem, por vezes, ganhar forma visível, assumindo figuras estranhas ou manifestando-se através de sons.

Thomas Hood antecipou magistralmente esta ideia no poema *Eugene Aram*:

«Mas agora o próprio ar universal
Parecia iluminado por uma chama espectral;
Dez mil vezes dez mil olhos terríveis
Fitavam-me com censura,
Quando tomei o morto pela mão
E o chamei pelo seu nome.»

Impulsionado por um remorso terrível, o assassino parece ser compelido a regressar ao local do crime, reencenando-o incessantemente.

A antiga oração pronunciada pelos piedosos em favor do malfeitor, junto ao cadafalso, ganha assim um novo significado:

«Livrai-o, ó Deus, do poder do seu pecado; quebrai sobre a sua alma o feitiço da culpa do sangue derramado.»

PARTE II

FANTASMAS QUE RECEBEM ORDENS

AVISO SOBRE A GRANDE GUERRA TRANSMITIDO NA CAPELA MORTUÁRIA DA FAMÍLIA REAL DOS HAPSBURGO

«Então Saul disse aos seus servos: "Procurai-me uma mulher que tenha um espírito familiar, para que eu a consulte." E o rei disse-lhe: "Não tenhas medo; que viste tu?" E a mulher respondeu a Saul: "Vi um deus subir da terra." E ele perguntou-lhe: "Que aparência tem?" E ela respondeu: "Sobe um homem idoso, envolto num manto." Então Saul percebeu que era Samuel.»

— I Samuel, XXVIII, 7, 13-14

CAPÍTULO VII

AVISO SOBRE A GRANDE GUERRA TRANSMITIDO NA CAPELA MORTUÁRIA DA FAMÍLIA REAL DOS HAPSBURGO

NAS PÁGINAS SEGUINTES RELATO COMO FORAM TRANSMITIDOS AVISOS SOBRE A FUTURA GRANDE GUERRA EUROPEIA POR AQUELES QUE JÁ TINHAM ABANDONADO ESTA VIDA.

Quando a Grande Guerra desabou sobre um mundo adormecido sob o dourado sol de Agosto de 1914, pareceu apanhar a civilização completamente desprevenida.

Todavia, existem abundantes indícios de que, antes da chegada dessa catástrofe, foram enviados avisos vindos do «Além» — por pessoas que, em vida, haviam desempenhado papéis importantes na condução dos assuntos humanos e que tentavam desesperadamente alertar os vivos para a carnificina e a destruição que se aproximavam.

Posso ilustrar esta afirmação através de uma experiência que tive em Viena e que constituiu claramente um aviso de acontecimentos de enorme importância. Confesso, porém, que só mais tarde, quando os canhões começaram a trovejar e o deus da Guerra cobrava o seu tributo às nações, compreendi plenamente o significado dessas advertências.

No início de 1913 encontrava-me em Viena. Tinha sido chamado à cidade devido a uma invenção que então procurava aperfeiçoar.

Pouco antes de deixar Londres recebera a visita do meu estimado amigo, o Conde von Holtzberg, aristocrata austro-alemão e sincero defensor da paz internacional.

Era um estudioso apaixonado do ocultismo e do sobrenatural, conhecendo profundamente as numerosas tradições ligadas às Casas de Hohenzollern e de Habsburgo. Sabia que a queda de ambas tinha sido profetizada pelo místico berlinense Zunklehorn, embora considerasse essa previsão um completo absurdo.

Naqueles tempos de paz e prosperidade, tais ideias pareciam realmente absurdas.

Quando soube que eu ia para Viena, o Conde insistiu para que visitasse a Princesa Zisky, uma senhora de origem misteriosa que ocupava então uma posição singular na alta sociedade vienense.

Afirmando ser descendente direta do pai do falecido Imperador Nicolau da Rússia, as suas pretensões imperiais eram mal vistas pela corte russa, razão pela qual se fixara em Viena.

Enquanto vivera em Petrogrado, associara-se a Heliodor, o monge místico — que também conheci numa das minhas visitas à Rússia — e aprendera com ele os fundamentos do ocultismo.

O Conde von Holtzberg fez questão de salientar que a Princesa possuía poderes místicos extraordinários e uma clarividência natural muito desenvolvida, tendo mantido contactos com numerosas figuras influentes da corte vienense.

Instalado num conjunto de aposentos de um hotel na Rathausplatz, junto à Ringstrasse, e tendo pouco mais para fazer além de passear e observar a cidade, resolvi conhecê-la.

Descobri que vivia no bairro de Leopoldstadt, numa antiga mansão impressionante, construída vários séculos antes.

A Princesa Zisky revelou-se uma mulher extremamente bela, de rosto expressivo e traços bem definidos.

Recebeu-me num ambiente singular.

Numa vasta sala de teto baixo, onde a luz do dia fora cuidadosamente excluída, a única iluminação provinha de uma pequena lâmpada de prata.

Ela própria encontrava-se reclinada sobre várias almofadas de veludo carmesim espalhadas por um divã baixo.

Vestia uma peça justa de tecido verde-escuro coberta de lantejoulas cintilantes. A sua aparência fazia lembrar uma mulher-serpente, sinuosa e fascinante, enquanto estendia um braço longo e completamente descoberto. Chamou-me particularmente a atenção o comprimento extraordinário das suas mãos.

Não me escapou que, sobre um tripé próximo, havia um cesto de vime cuja tampa permanecia ligeiramente levantada. De tempos a tempos surgia uma cabeça achatada e ameaçadora, que logo desaparecia.

— Ah, sim — disse ela num inglês perfeito, explicando mais tarde que vivera bastante tempo em Londres. — Vejo que Tanitha quer dar-lhe as boas-vindas.

Em seguida produziu um som estranho, semelhante ao canto de uma ave, repetindo-o várias vezes.

Uma enorme serpente emergiu lentamente, oscilando de um lado para o outro. Saiu do cesto e enrolou-se à sua volta.

Era uma cobra-real indiana adulta.

— Tanitha é o meu familiar — disse simplesmente. — É a reencarnação de Ra Set, o deus hindu da Sabedoria que viveu em Benares. Foi-me oferecida por um faquir que conheci na Índia.

Enquanto falava, Tanitha abriu o seu assustador capelo e soltou um leve silvo, balançando ritmicamente.

A conversa da Princesa era profundamente fascinante.

Foi ela quem me contou muitos pormenores sobre a extraordinária influência que Rasputine exercera sobre o czar e a czarina e sobre as estranhas sessões espíritas realizadas no Palácio de Inverno, durante as quais se dizia que o espírito de Pedro, o Grande, aparecera para advertir o czar do destino trágico que o aguardava.

Passámos então a discutir a premonição e a previsão do futuro.

Subitamente, a Princesa perguntou:

— Cheiro, já que demonstra tanto interesse por estes assuntos e não parece recear tais experiências, aceitaria acompanhar-me esta noite à Catedral de Santo Estêvão para uma tentativa de evocação espiritual que pretendo realizar? Aviso-o desde já que poderá ser algo fora do comum.

Confesso que a proposta me fascinou, embora não tivesse a certeza de que a Princesa não estivesse a exagerar os seus poderes.

Ainda assim, já tarde da noite, dirigimo-nos para a Catedral de Santo Estêvão.

A Princesa explicou-me que o nosso destino eram as catacumbas, uma das características mais impressionantes daquele gigantesco edifício medieval, e que pretendia entrar no mausoléu onde repousavam o Príncipe Eugénio de Saboia e numerosos membros falecidos da dinastia dos Habsburgo.

— Mas, Princesa — observei —, certamente não será possível entrar na capela funerária. Deve estar bem guardada...

Ela interrompeu-me com uma gargalhada divertida e retirou da mala uma pequena chave muito peculiar.

— Meu caro Cheiro, como também praticou o ocultismo, sabe certamente que esta profissão proporciona amizades úteis. Tive a felicidade de prestar alguns serviços ao Barão Steiner, que mais tarde se tornou Grande Camareiro do infeliz Imperador Carlos, e graças a isso tenho acesso às catacumbas e a outros túmulos.

Depois acrescentou misteriosamente:

— Além disso, existe uma passagem secreta que liga estas catacumbas ao Palácio Imperial de Hofburg. Alguns membros da corte apreciam sessões espíritas nas quais sou chamada a demonstrar as minhas capacidades de previsão.

Enquanto conversávamos, chegámos a uma das muitas portas secretas que conduziam às catacumbas. Uma segunda chave abriu-a e, guiados pela luz de uma lanterna, percorremos os corredores abafados, ladeados por nichos contendo caixões.

Jamais poderia imaginar lugar mais sinistro.

Após algum tempo chegámos diante de uma enorme porta de ferro trabalhado. Também ela se abriu com outra chave que a Princesa trazia consigo.

Pouco depois encontrávamo-nos no mausoléu construído em 1518 para acolher o corpo do Imperador Frederico III. A partir dele acedia-se à capela funerária do ilustre Príncipe Eugénio de Saboia.

Um silêncio pesado e contemplativo parecia dominar a morada dos mortos.

A vivacidade habitual da Princesa desapareceu. Durante algum tempo permaneceu mergulhada em pensamentos enquanto retirava da mala uma pequena vela e a colocava num suporte. A sua fraca chama mal iluminava a capela, tornando a escuridão ainda mais evidente.

— Sabe, Cheiro — disse ela finalmente — que a Imperatriz Isabel da Áustria, assassinada em Genebra por um anarquista italiano em 1897, acreditava ser a reencarnação de Isabel, consorte do Príncipe Eugénio?

Continuou:

— Antes de ser definitivamente sepultado na igreja dos Capuchinhos, o seu corpo foi trazido secretamente para aqui e permaneceu algum tempo em câmara ardente. Ela dizia frequentemente que o seu espírito voltaria a este lugar.

Voltou ao silêncio.

Eu observava a cena estranha: o enorme monumento, as grades douradas, os brasões dos mortos e as bandeiras envelhecidas pelo tempo.

Subitamente, a Princesa quebrou o silêncio.

— Cheiro, acredita que os mortos podem ser chamados de volta?

Antes que eu respondesse, o seu corpo enrijeceu numa atitude de intensa expectativa. Os seus olhos pareciam vazios, fixos no espaço.

Lentamente ergueu os braços, uniu as mãos como numa súplica e exclamou em voz aguda:

— Falai, ó mortos! Falai e deixai que o futuro se revele aos que ainda vivem!

Ouviram-se então quatro pancadas imperiosas na pesada porta que separava o mausoléu de outro mausoléu real situado para além dele.

Esforcei-me por manter intacto o meu espírito crítico. Apesar disso, senti-me invadido por uma inquietante sensação de sobrenatural.

Todo o cenário possuía uma solenidade esmagadora.

Poucos momentos depois reparei numa nuvem ténue e vaporosa que surgira diante da porta. Avançou lentamente, tomando vagamente a forma de uma mulher.

Aproximou-se mais, oscilando ao sabor de uma corrente fria que atravessava a capela.

A Princesa caiu de joelhos.

— É a Imperatriz — murmurou. — Isabel da Áustria.

A figura encontrava-se agora a poucos metros de mim.

Vi claramente que era uma mulher de aparência majestosa e bela, vestida de branco e segurando uma pequena cruz na mão esquerda.

Enquanto aguardávamos em silêncio o desenlace daquela extraordinária aparição, uma voz ecoou por toda a capela. Era aguda, clara e ressoava pelas abóbadas:

— Dor entre todas as dores! Existiu alguma dor semelhante à minha? Ó coração de mãe atravessado pela seta da Morte!

Instantaneamente recordei a maior tragédia da vida de Isabel da Áustria: a morte do seu filho Rodolfo, herdeiro do Império Austro-Húngaro, na tragédia de Mayerling. Lembrei-me também de que o corpo do príncipe fora velado precisamente naquela capela.

A voz continuou:

— Ai do mundo! Ai das mães! Chorarão como Raquel e recusarão ser consoladas. Aproxima-se rapidamente o tempo em que a terra será inundada de sangue e as nações se destruirão mutuamente. A Casa de Habsburgo cairá e terrível será a sua ruína!

Gradualmente a aparição desvaneceu-se até desaparecer por completo.

Um arrepio percorreu-me. Aquele reino dos mortos parecia mais frio e inquietante do que nunca.

A Princesa continuava ajoelhada. De vez em quando escapava-lhe um soluço seco.

Por fim ergueu a cabeça e disse lentamente:

— Ela voltou a falar.

— O que significa isto? Guerra! Mas contra quem?

Em silêncio abandonámos a capela e atravessámos as sombrias catacumbas. Por toda a parte via sinais da mortalidade humana, enquanto sobre a minha alma pesava o presságio daquele aviso pronunciado pelos mortos: o coração da Maternidade universal seria trespassado e a Guerra em breve cairia sobre o mundo civilizado.

Quando regressámos aos aposentos da Princesa, analisámos em conjunto os anos significativos do Destino e o ano de 1914 surgiu claramente indicado como o início de um grande conflito.

Não posso encerrar esta parte da minha narrativa sem relatar um incidente extraordinário relacionado com a morte trágica da Princesa.

Antes de me despedir dela, conversámos sobre a morte. Falou com uma espécie de fatalismo melancólico, dizendo que sentia que o seu fim estava próximo.

Depois, como se procurasse afastar aqueles pensamentos sombrios, acrescentou:

— Mas quando chegar a minha hora, Cheiro, dar-lhe-ei um sinal impossível de confundir.

Era Novembro de 1916.

Eu encontrava-me em minha casa a ler um antigo livro de magia escrito por um vidente falecido há muito tempo. A tarde cinzenta aproximava-se da noite; ainda não tinha acendido a luz elétrica e, depois de pousar o livro, fiquei a observar distraidamente os reflexos avermelhados do fogo na lareira.

O meu espírito encontrava-se particularmente recetivo.

Sem qualquer aviso, pareceu-me ver uma serpente desprender-se das brasas incandescentes. A sua pele brilhava à luz do fogo.

Fascinado, observei-a enquanto parecia emergir lentamente do coração das chamas e avançar na minha direção.

Não conseguia desviar os olhos daquela criatura repugnante enquanto se aproximava cada vez mais.

Quando chegou diante da minha cadeira, ergueu-se, com os pequenos olhos cintilantes a brilharem, balançando de um lado para o outro.

Uma única palavra atravessou a minha mente:

— Tanitha!

Era o sinal.

A serpente aproximou-se ainda mais, movendo a cabeça achatada de forma cada vez mais agitada.

Então, a partir de uma névoa difusa, formou-se o rosto da Princesa Zisky: suplicante, selvagem e sobrenatural.

Soltei um grito de terror.

O encanto que me prendia foi quebrado.

Regressei à realidade e vi que o fogo estava quase apagado e que a noite tinha substituído completamente a luz do dia.

A impressão causada pelo incidente foi tão profunda que o registei imediatamente no meu diário.

Pouco tempo depois recebi uma carta do Conde von Holtzberg.

Escrevia:

«Acabo de saber que a Princesa Zisky se suicidou em Budapeste. Matou-se com um tiro de pistola. Antes de morrer, matou também a sua serpente de estimação.»

No ano anterior ao início da Grande Guerra assisti a uma sessão espírita em Londres com o Conde von Holtzberg.

Vários amigos seus já falecidos manifestaram-se e falaram com ele. Entre eles surgiu um velho professor alemão, que o Conde reconheceu imediatamente como um dos seus mestres da infância.

Com voz trémula de emoção, o professor dirigiu-se-lhe em alemão e implorou-lhe que vendesse todas as suas propriedades em Inglaterra e abandonasse imediatamente o país.

— Não farei nada disso! — respondeu o Conde. — Gosto de viver em Inglaterra. O que pretende dizer com semelhante conselho?

— Peço-lhe que faça o que lhe digo — respondeu o professor. — Resta-lhe pouco tempo para o fazer. Antes de um ano terminar, Inglaterra, Alemanha e Áustria estarão em guerra.

— Disparate! — replicou o Conde. — Uma guerra dessas é impossível. Meu caro professor, parece que levou consigo para o outro mundo os seus velhos preconceitos contra a Inglaterra. Os alemães e

austríacos dos nossos dias não são loucos ao ponto de sonharem com tal guerra.

Profundamente emocionada, a voz respondeu:

— Aqueles que os deuses desejam destruir, primeiro enlouquecem. Não estou enganado. A Alemanha e a Áustria serão suficientemente loucas para o fazer. Direi mais: inicialmente parecerão vencedoras. Avançarão triunfantes diante de todos. Mas depois a maré mudará. Serão obrigadas a recuar, esmagadas, humilhadas e derrotadas. Será uma guerra longa, e a paz que lhe seguirá será pior do que a própria guerra.

O Conde von Holtzberg riu-se daquela ideia.

Permaneceu em Inglaterra até ser demasiado tarde para partir. Acabou por ser incluído na primeira vaga de cidadãos alemães internados pelas autoridades britânicas.

Estes foram apenas dois dos avisos vindos do «Além» relativamente à terrível catástrofe que se aproximava.

Um terceiro dizia respeito mais diretamente a mim.

Na quinta-feira, 14 de Agosto de 1913, participei numa sessão espírita em minha casa.

A minha mente estava ocupada com diversos projetos importantes que tinha em curso.

Subitamente, um espírito que já me falara em muitas ocasiões interrompeu a sessão e declarou com firmeza:

— Não conseguirá concretizar os seus planos. A Inglaterra e toda a Europa estão à beira de uma guerra longa e terrível. Não começará antes de 1914, mas prepare-se.

Não acreditei.

Ainda assim, registei cuidadosamente o incidente.

Continuei com os meus projetos até que tudo ficou paralisado pela eclosão da guerra, um ano depois.

PARTE II

FANTASMAS QUE RECEBEM ORDENS

A GEMA DE MAU AGOURO QUE ANUNCIOU A QUEDA DO KAISER

«A um é dada a palavra da sabedoria... a outro a palavra do conhecimento... e a outro o dom da profecia.»

— São Paulo, I Coríntios, XII

«Sempre me pareceu incrível que não sejamos capazes de conhecer o futuro.»

— Maurice Maeterlinck

CAPÍTULO VIII

A GRANDE GEMA DE MAU AGOURO QUE ANUNCIOU A QUEDA DO KAISER

Nesta revelação acerca de uma maldição associada a uma famosa pedra preciosa da Coroa da Prússia, relato como a queda do Kaiser e da sua dinastia foi profetizada muitos anos antes da guerra por um místico alemão. Relato igualmente uma misteriosa sessão espírita em Berlim durante a qual a aparição de Frederico, o Grande, pronunciou uma solene advertência.

Sabia o Kaiser, muito antes da sua fuga de Berlim, que a coroa acabaria por cair da sua cabeça e que as pretensões da sua dinastia seriam reduzidas ao pó da humilhação?

A minha resposta é um inequívoco sim.

Posso apresentar provas de que foi solenemente advertido sobre a desgraça iminente que pairava sobre ele, numa época em que ainda se encontrava no auge do poder.

Mais ainda: em duas ocasiões provocou deliberadamente o destino que lhe fora anunciado, ignorando os conselhos recebidos e fingindo troçar das revelações sobrenaturais que, na realidade, constituíam uma autêntica escrita na parede.

Ao desenvolver esta fascinante história, que por várias razões nunca foi tornada pública até agora, devo salientar a importância atribuída, pelas tradições ocultistas, à influência das pedras preciosas.

Não é este o local apropriado para analisar exaustivamente o modo como determinadas gemas parecem afetar estranhamente o destino dos indivíduos.

No entanto, qualquer pessoa que tenha estudado a História antiga terá reparado na importância atribuída às pedras preciosas oferecidas a reis e governantes.

Além disso, dificilmente existe uma gema histórica importante que não esteja associada a histórias de morte súbita, conspiração e intriga.

O próprio Koh-i-Noor britânico — cujo nome significa «Montanha de Luz» — possui uma longa história de crimes e tragédias associadas à sua posse, antes de a maldição ter sido quebrada, tal como fora profetizado, ao passar do Oriente para o Ocidente.

A 27 de Janeiro de 1859 nasceu, no Palácio de Schloss, em Berlim, Frederico Guilherme Vítor Alberto.

Como a sua mãe era a Princesa Real de Inglaterra, foi natural que a Rainha Vitória, ao receber a notícia do nascimento, enviasse um telegrama perguntando:

— É um rapaz saudável?

A resposta foi afirmativa.

Contudo, mais tarde descobriu-se que o recém-nascido possuía uma deformação: um braço atrofiado.

A morte prematura do pai, após apenas três meses de reinado, conduziu o príncipe ao trono da Alemanha sob o nome de Guilherme II.

A 15 de Junho de 1888 foi coroado Rei da Prússia e proclamado Imperador da Alemanha.

Para a cerimónia utilizou-se a célebre Coroa de Ferro da Prússia, o pesado diadema que outrora ornamentara a fronte de Frederico, o Grande.

Mas a coroa já não possuía a austera simplicidade original. Após a morte de Frederico fora enriquecida com numerosas pedras preciosas.

No centro brilhava, com uma beleza ao mesmo tempo magnífica e sinistra, a célebre pedra de má fama conhecida como «O Olho de Buda».

Devo agora falar de uma figura extraordinária que conheci durante a minha carreira profissional: um homem misterioso acerca do qual

circulavam as mais fantásticas histórias em toda a Alemanha e no resto da Europa.

Refiro-me a Herr Zunklehorn, mais conhecido por «O Imortal».

Estava cansado após um longo dia de consultas quando a minha secretária entrou no gabinete e disse:

— Está lá fora um velho muito estranho que insiste em falar consigo. Não dá o nome, parece bastante pobre e creio que é estrangeiro. Devo dizer-lhe que está demasiado ocupado para o receber?

Eu estava realmente fatigado.

O esforço de concentração exigido pelo meu trabalho consumira as minhas energias. Durante toda a tarde recebera homens e mulheres ansiosos por conhecer o que o destino lhes reservava.

— Não — respondi cansadamente. — Não posso receber mais ninguém.

Foi então que hesitei.

Por detrás da minha secretária, como uma folha seca levada pelo vento, surgiu um velho.

Avançou até à minha mesa, retirou um chapéu de abas largas e atirou-o para uma cadeira.

— Sim, Cheiro — disse numa voz suave e sussurrante. — Vai receber-me. Tem de me receber. Como discípulo de Althus, ouvir-me-á.

Althus!

O nome despertou imediatamente a minha atenção.

Tratava-se do grande vidente grego que dedicara a vida ao estudo da influência das pedras preciosas sobre os seres humanos.

Seria possível que aquele velho maltrapilho fosse depositário de algum segredo?

Aprendera há muito que as palavras mais sábias podem surgir das bocas mais improváveis.

Além disso, o meu cansaço desaparecera por completo.

Agora estava profundamente interessado naquele visitante.

A minha secretária retirou-se discretamente.

Observei então que o homem se encontrava extremamente debilitado pela idade.

O crânio alto e calvo, os olhos azuis penetrantes, o nariz fino e curvo e a boca bem desenhada impressionaram-me.

Onde já tinha visto aquele rosto?

Subitamente lembrei-me.

Possuía em minha casa um retrato do famoso astrólogo e ocultista inglês Dr. John Dee. A semelhança era extraordinária.

— Cheiro — disse ele, fitando-me intensamente — ouvi falar de si e talvez também tenha ouvido falar de mim. Ambos percorremos o mesmo caminho, procurando as chaves capazes de abrir as portas dos grandes mistérios da vida e da morte. O meu nome é Zunklehorn.

Reconheci imediatamente aquele nome.

Era célebre em toda a Alemanha e no resto da Europa pelas suas profecias e pelas suas investigações sobre a história das grandes pedras preciosas.

Circulavam rumores extraordinários acerca da sua idade e dos seus conhecimentos.

Corria o ano de 1908.

No Agosto anterior, o Kaiser encontrara-se com o Rei Eduardo VII em Homburg e, em Novembro, visitara a Inglaterra.

Era uma época em que, pelo menos à superfície, as relações anglo-alemãs pareciam fortalecer-se graças aos esforços de Guilherme II e de vários estadistas britânicos.

Zunklehorn falou sobre diversos assuntos e depois disse, na sua característica voz suave:

— Cheiro, o fio dos meus anos está quase completamente desenrolado da bobina do Destino. Em breve deixarei de ser visto. Antes de partir, desejo transmitir-lhe certos factos da mais elevada importância, não apenas para a arte que ambos estimamos, mas também para os países que representamos.

Assenti.

Confesso que estava profundamente intrigado.

— Suponho que sabe como perdi o favor da corte — continuou.

Como lhe respondi que não, prosseguiu:

— Em 1887 percebi que o fim do Imperador Frederico estava próximo. Os meus cálculos, realizados antes da morte do velho Imperador Guilherme I, indicavam claramente que o chamado Príncipe Vermelho não reinaria mais do que doze semanas. Foi coroado com o diadema de ferro que continha o «Olho de Buda» e, pelos meus cálculos baseados nas datas de nascimento da Casa de Hohenzollern, sabia que a morte o reclamaria. O resto pertence à História.

— Mas quando percebi que o jovem Guilherme também colocaria aquele diadema fatal sobre a cabeça, senti-me obrigado a protestar. A sua data de nascimento mostrava claramente que, caso atraísse para si a maldição da pedra, não sofreria uma morte rápida, mas sim um longo caminho de desastre, culminando na desonra. Enviei-lhe um memorando antes de subir ao trono, explicando estes factos e aconselhando a substituição da coroa.

— Foi então que compreendi que ele não podia ser advertido. Mandou chamar-me e cobriu-me de censuras. Por fim, endireitou-se e declarou em voz tonitruante: “Eu sou o Kaiser. A minha dinastia durará para sempre!”

Zunklehorn sorriu levemente.

— Eu também sorri e retirei-me. Pouco tempo depois fui informado de que a minha presença na corte já não era desejada.

O velho vidente contou-me ainda muitas outras coisas interessantes, mas omito-as aqui.

Por fim, insistiu para que eu viajasse para Berlim o mais rapidamente possível, pois desejava realizar uma experiência que há muito tempo planeava.

Confesso que, quando me segredou o plano ao ouvido, hesitei perante a ousadia da proposta. Ainda assim, a exploração dos domínios do oculto e do mistério exercia sobre mim uma atração irresistível. Concordei que, logo que dispusesse de alguns dias livres, viajaria para Berlim.

Com um sorriso satisfeito, apertou-me a mão e saiu silenciosamente do meu gabinete de consultas.

Herr Zunklehorn vivia numa pequena rua que desembocava na Friedrichstrasse. A sua residência era uma casa antiga, repleta de

mobiliário vetusto e escurecida pelas pequenas janelas. No sótão, que transformara em biblioteca e laboratório, acumulavam-se livros antigos, pergaminhos, pedras estranhas que brilhavam intensamente, círculos e discos misteriosos, mapas de vidas humanas e inúmeros objetos cuja função eu não conseguia compreender.

No seu próprio ambiente, Herr Zunklehorn parecia muito mais impressionante do que quando me visitara em Londres. Usava uma pequena touca feita com pele de gato selvagem; a longa túnica recordava a dos antigos alquimistas. Se alguma vez existiu alguém que parecesse ter sobrevivido a uma época remota de misticismo, esse homem era Zunklehorn.

Pouco depois, a porta abriu-se e entrou uma jovem de rosto liso e completamente inexpressivo.

A sua aparência impressionou-me imediatamente.

Movia-se como alguém mergulhado num transe hipnótico.

Deslizou silenciosamente até à mesa e sentou-se numa alta cadeira entalhada. Não me dirigiu a palavra nem demonstrou a menor consciência da minha presença.

— Esta — disse Zunklehorn de forma sucinta — é a minha assistente. Através dela consigo evocar os espíritos dos mortos, tal como Samuel foi chamado pela Feiticeira de Endor.

Fez uma pausa e prosseguiu solenemente:

— Meu caro Cheiro, estou certo de que conhece algo do poder dos encantamentos quando realizados nas condições apropriadas. O meu tempo é curto. Mas tudo está agora preparado para a minha Grande Experiência.

Empurrou a mesa para trás, desenhou um círculo de giz no chão, pegou num talismã sagrado gravado com um número místico e começou a entoar uma fórmula ritual.

A jovem permanecia sentada, rígida e aparentemente indiferente ao que acontecia.

As portadas estavam fechadas.

Pouco a pouco, a escassa luz desapareceu até que a sala ficou tão escura que mal conseguia distinguir os contornos dos objetos.

O murmúrio da invocação continuava.

De repente, a rapariga soltou um grito lancinante que me sobressaltou. Começou a oscilar de um lado para o outro, segurando-se como se sofresse dores atrozes.

Foi então que surgiu, num canto distante da sala, uma coluna de luz esverdeada.

Tratava-se de um pilar luminoso que iluminava fracamente o rosto convulsionado da jovem.

A coluna oscilava lentamente.

Depois aproximou-se de Herr Zunklehorn.

Nessa altura percebi que começava a adquirir forma humana.

Mas a cabeça era desproporcionadamente grande, enorme em comparação com o corpo.

Parecia a cabeça de um gigante colocada sobre a figura de um homem comum.

Subitamente, uma torrente de palavras começou a sair dos lábios da rapariga.

Falava de um «Senhor» e de um «Mestre»; e, enquanto pronunciava frases rápidas e confusas, a figura luminosa tornava-se cada vez mais humana, embora conservando a cabeça gigantesca.

Zunklehorn interrompeu a invocação.

Com voz poderosa, exclamou:

— Fala, ó grande alma! Quem és tu, que regressas do silencioso Além?

E através dos lábios da médium contorcida ouviu-se uma voz profunda e autoritária:

— Frederico, chamado o Grande, Rei da Prússia e Marquês de Brandemburgo. Porque me chamais?

Confesso que um arrepio percorreu todo o meu corpo quando vi a forma etérea adquirir maior definição.

Era impossível não reconhecer a semelhança com os retratos clássicos de Frederico, o Grande, tão conhecidos por todos os que haviam visto o famoso quadro existente na Galeria Nacional de Berlim.

Seguiu-se um longo interrogatório entre Zunklehorn e o espírito.

As respostas eram transmitidas através da médium em transe.

Tive dificuldade em acompanhar a conversa, pois o alemão utilizado era quase arcaico. Mais tarde, Zunklehorn escreveu-me um resumo do seu conteúdo.

Em síntese, tratava-se de uma advertência solene.

O espírito declarava que o Kaiser caminhava para a ruína; que uma guerra começaria em Agosto de 1914; que o «senhor da guerra» seria derrubado em 1918; que partiria para o exílio e que a sua dinastia acabaria destruída.

Por fim, indicava-se que o seu período fatal teria início em 1918.

Gradualmente a aparição desvaneceu-se.

A médium recuperou a serenidade habitual e abandonou a sala em silêncio.

Zunklehorn explicou-me então que passara anos à espera do momento propício para evocar o espírito de Frederico, o Grande.

— Agora — disse com certa melancolia — devo abandonar este estado mortal e deixarei as minhas profecias nas suas mãos.

É um facto histórico que Herr Zunklehorn morreu em Berlim durante a guerra, por volta de 1917.

Antes disso visitara a Rússia e obtivera uma audiência com o czar, que nunca perdia uma oportunidade de conversar com místicos.

Mas Rasputine invejava os poderes do alemão e conseguiu que fosse expulso sob o pretexto de ser um espião inimigo.

Morreu em circunstâncias misteriosas.

Foi encontrado estendido no chão do seu apartamento, rodeado de objetos relacionados com as suas atividades ocultistas.

Quanto às profecias de desgraça que fizera relativamente ao Kaiser, era amplamente conhecido que o chamado «Olho de Buda» possuía uma história sinistra e estava associado à ruína dos seus possuidores.

A pedra teria sido roubada por um soldado francês de uma estátua dourada de Buda num templo do Ceilão.

O velho sacerdote responsável pelo templo, mortalmente ferido pelo saqueador, lançou sobre a gema uma terrível maldição.

Durante algum tempo brilhou no turbante de Din Nur, sultão da Turquia.

A sua esposa favorita assassinou-o para se apoderar da pedra e, em recompensa, tornou-se consorte do califa seguinte.

Depois de uma derrota militar, a gema passou para o Tibete, onde permaneceu até ser roubada por um guerreiro curdo do palácio do rei-sacerdote.

Seguiu depois para a Índia, deixando atrás de si um rasto de sangue e rivalidades.

Finalmente chegou a Amesterdão, onde foi vendida por um comerciante a um negociante judeu de diamantes.

Ao atravessar a Silésia, esse comerciante foi preso pela polícia de Frederico, o Grande.

Quando a pedra foi descoberta na sua bagagem, foi imediatamente confiscada e entregue ao rei.

Frederico ordenou a execução do comerciante e apropriou-se da gema.

Antes de morrer, o judeu renovou a maldição e profetizou que um futuro portador da pedra seria expulso do seu palácio, transformado em exilado e destinado a ser o último soberano reinante da Casa de Hohenzollern.

A História mostra de que forma a influência dessa gema maldita pareceu atuar sobre o destino do Kaiser.

Posso acrescentar que o povo alemão demonstra um interesse muito vivo pelo ocultismo e pelo sobrenatural.

As suas lendas estão repletas de referências a acontecimentos misteriosos e à ação inevitável do destino.

Embora nunca tenha exercido atividade profissional regular em Berlim, fui levado a contactar com muitos homens e mulheres ligados à antiga corte alemã desaparecida após a Grande Guerra.

Muitos visitavam-me quando se encontravam em Londres e vivi com eles diversas experiências interessantes.

Entre essas pessoas encontrava-se o Conde Stefel, antigo amigo íntimo do Kaiser deposto e, antes da guerra, homem de imensa fortuna.

Durante uma conversa mencionou-me a existência de uma aparição familiar que surgia sempre antes da morte do chefe da sua linhagem.

Tomava a forma de um pequeno corcunda grotesco.

É possível reconhecer nessa figura a origem da célebre lenda alemã de Rumpelstiltskin, o espírito travesso que trazia desgraça àqueles que negligenciavam determinados rituais ocultos.

O Conde contou-me que o seu pai se preparava para jantar, certa noite, no antigo castelo da família junto ao Reno, quando julgou ouvir pancadas na vidraça da janela.

Afastou a cortina e viu, sentado num ramo de árvore próximo, a figura ameaçadora daquele mensageiro da morte.

Anotou imediatamente o ocorrido numa folha de papel, colocou-a num envelope selado e guardou-o numa gaveta.

No dia seguinte, enquanto passeava de carruagem, os cavalos assustaram-se, dispararam em corrida e provocaram o capotamento do veículo.

O Conde morreu no acidente.

Após o funeral, o envelope foi encontrado.

O Conde Stefel interrogou-me demoradamente acerca dessas aparições que parecem perseguir determinadas famílias.

Na verdade, não existe explicação satisfatória para elas.

São simplesmente misteriosos arautos da morte.

A seu pedido elaborei o seu horóscopo.

Verifiquei que o número quarenta e quatro surgia claramente como número fatal.

Ele ridicularizou a ideia e declarou que viveria até aos oitenta anos.

Na altura tinha quarenta e três.

Era pouco antes do início da guerra.

Muitos britânicos regressavam apressadamente a casa para abandonar a Alemanha antes da tempestade que se avizinhava.

Um amigo meu, apaixonado pela Alemanha e pelas viagens ao longo do Reno, conseguiu regressar por muito pouco.

Conversando comigo sobre essa viagem, comentou:

— Recebi enorme gentileza e hospitalidade de Stefel, que creio ser seu conhecido. Não fiquei alojado no castelo, mas numa estalagem próxima. Na manhã da minha partida instalou-se uma grande agitação. O Conde tinha sido encontrado morto no quarto, sentado na cadeira, com uma folha de papel diante de si. Nela estava apenas escrito o número 44.

Jamais se saberá por que motivo escreveu aquele número precisamente naquele momento.

Tudo o que posso afirmar é que tinha atingido a idade fatal de quarenta e quatro anos, a mesma que eu lhe indicara como sendo o último marco da sua vida.

PARTE II

FANTASMAS QUE RECEBEM ORDENS

UMA TEIA DE MISTÉRIO NUMA

«GRUTA DOS DEMÓNIOS» CHINESA

«Todos os que admitem a existência do Destino considerarão perfeitamente natural que ele indique o caminho em cada encruzilhada da vida.»

— Dr. Arnaldo Cervesato

CAPÍTULO IX

UMA TEIA DE MISTÉRIO NUMA

«GRUTA DOS DEMÓNIOS» CHINESA

Em Londres fui visitado pelo Marquês Ito, o famoso estadista japonês e ministro da Guerra. Seguiu-se um episódio extraordinário quando, anos mais tarde, viajei para Tóquio e para a China. Um místico chinês cujos encantamentos e invocações evocavam visões do futuro. O trágico fim do Marquês Ito foi antecipado por uma dessas visões.

Sempre senti um forte interesse pelos povos japonês e chinês, sabendo que ambas as culturas estão profundamente impregnadas de magia e mistério.

Muitos dos seus sábios estudaram profundamente o ocultismo e possuem vastos conhecimentos acerca da influência dos planetas sobre a humanidade.

Foi por isso com grande interesse que recebi, certa tarde no meu gabinete de Londres, um distinto cavalheiro japonês que me fora recomendado por Mara Tschpw, um estudioso japonês que escrevera um livro sobre a civilização ocidental e provocara grande controvérsia.

O meu visitante demonstrou vastos conhecimentos de ocultismo e mostrou especial interesse pela minha ciência dos números, através da qual eu procurava prever acontecimentos.

Ao analisar o passado da sua vida, expliquei-lhe que, embora tivesse nascido numa família de elevada posição social no Japão, escolhera uma existência cheia de aventuras; que fora marinheiro e viajara por numerosos países para estudar a civilização ocidental; e que, naquele momento, desempenhava um papel importante em negociações secretas relacionadas com os interesses da sua pátria.

Quanto ao futuro, predisse-lhe um período de enorme prestígio, poder e influência, durante o qual seria reconhecido como um dos maiores homens do seu país.

Contudo, o final da sua vida apresentava um sinal muito claro de violência súbita.

Adverti-o disso da forma mais direta possível.

Ele encolheu os ombros e respondeu com o fatalismo típico do Oriente:

— Isso já me foi previsto anteriormente. Pode indicar-me o ano?

Fiz os cálculos necessários e respondi:

— Tanto quanto posso determinar, 1909 será o ano do perigo, sobretudo na sua parte final.

Anotou cuidadosamente a data.

Depois disse:

— É muito interessante verificar que tudo o que me disse acerca da minha juventude está absolutamente correto. Aqui tem o meu cartão.

Ao lê-lo descobri que o meu visitante era o Marquês Hirobumi Ito, que pouco tempo depois viria a ocupar os cargos de Ministro dos Negócios Estrangeiros e Ministro da Guerra do Japão.

Contou-me que, embora tivesse nascido numa família nobre, decidira ainda jovem estudar a civilização ocidental.

Naquela época abandonar o Japão para visitar «a terra dos demónios estrangeiros» era considerado traição e podia ser punido com a morte.

Por esse motivo embarcou clandestinamente como simples marinheiro e veio para Inglaterra.

Aqui viveu durante vários anos no anonimato, estudando cuidadosamente os costumes, as instituições e o sistema político britânicos.

Quando regressou ao Japão conseguiu convencer os estadistas mais influentes de que o futuro do país dependia da adoção de modelos ocidentais, tomando a Grã-Bretanha como principal exemplo.

Essa posição provocou enorme oposição por parte da velha aristocracia e, durante algum tempo, a sua vida correu sério perigo.

Numa ocasião, perseguido por soldados através das ruas de Tóquio, foi escondido por uma mulher japonesa sob o soalho de uma casa de chá tradicional.

Mais tarde essa mulher tornou-se sua esposa e, anos depois, quando recebeu o título de príncipe, passou a ser conhecida como Princesa Ito.

Depois de uma conversa extremamente interessante, disse-me:

— Devia realmente visitar a China e o Japão, Cheiro. Encontraria ali inúmeros assuntos do seu interesse. E se algum dia vier a Tóquio, não deixe de me visitar.

Naquela época, a ideia de uma viagem ao Extremo Oriente parecia completamente irrealizável. Todos os dias era obrigado a recusar dezenas de potenciais clientes e tinha já assumido o compromisso de regressar aos Estados Unidos para uma importante digressão de conferências.

No entanto, o Destino interveio. Entrei em contacto com um financista de reputação mundial que se encontrava envolvido em delicadas negociações de concessões no Japão e na China. Como não podia deslocar-

se pessoalmente, sugeriu que eu o representasse. Considerando que uma viagem que combinasse negócios e descanso me seria benéfica, aceitei.

Após uma agradável travessia marítima, cheguei a Tóquio.

Pouco depois enviei o meu cartão ao palácio do Marquês Ito. Recebi um convite para o visitar, mas ele não podia dedicar-me tanto tempo quanto desejava, pois a disputa sino-japonesa aproximava-se rapidamente de um ponto crítico e o Ministério da Guerra fervilhava de atividade.

Jantei com ele por duas vezes. Na primeira fui recebido segundo a mais autêntica tradição japonesa; na segunda, à maneira europeia, num ambiente tão ocidentalizado que até os criados falavam inglês perfeito.

Devido à situação cada vez mais instável, fui obrigado a partir rapidamente para Lu Shun K'ou, hoje conhecida como Port Arthur. Naquela época tratava-se de uma possessão chinesa pouco fortificada, situada na extremidade sul da Península de Liaotung, na Manchúria chinesa.

Ali deveria reunir-me com diversos chefes militares para negociar determinadas concessões.

Quando cheguei, encontrei a mais completa confusão.

A guerra tinha sido declarada e era do conhecimento geral que os japoneses pretendiam fazer avançar um grande exército através da Manchúria para conquistar o porto.

Na qualidade de Ministro da Guerra, o Marquês Ito acompanhava as tropas que iriam, pela primeira vez, pôr em prática o treino militar de estilo ocidental que haviam recebido.

No que respeitava aos meus próprios negócios, porém, nada avançava. Com a habitual lentidão oriental, as negociações arrastavam-se sem resultados. Os chineses exigiam tantas gratificações e favores que tive de pedir novas instruções ao meu amigo em Londres.

Enquanto aguardava resposta, e desejoso de conhecer melhor aquela extraordinária região da Manchúria, decidi aventurar-me para o interior.

Utilizando sucessivas equipas de pequenos póneis resistentes, percorri cerca de cento e sessenta quilómetros através de montanhas e rios, vislumbrando ocasionalmente aldeias peculiares e magníficos palácios chineses.

Durante uma dessas excursões deparei-me com uma residência esplêndida situada na encosta de uma montanha.

As vertentes circundantes tinham sido transformadas em jardins em socalcos que pareciam saídos de um conto de fadas.

Ao pé desses jardins passava a estrada principal que conduzia do norte até Port Arthur.

Enquanto admirava aquele palácio quase mágico, surgiu pelos portões um cortejo de criados chineses vestidos com túnicas de cores brilhantes. Transportavam uma liteira suspensa em varas de bambu.

Ao reparar no dragão dourado bordado sobre os peitos dos servos, compreendi imediatamente que o seu senhor devia ser um membro da mais elevada aristocracia chinesa, provavelmente ligado à família do Filho do Céu, como era designado o soberano da China.

Para minha surpresa, os carregadores pararam.

Pouco depois, o chefe dos criados aproximou-se de mim, inclinou respeitosamente a cabeça e informou-me de que o cavalheiro que seguia na liteira desejava falar comigo.

Aproximei-me do veículo luxuosamente lacado e vi no interior um nobre chinês trajado segundo a tradição do seu país.

Com uma cortesia impecável, inclinou a cabeça e dirigiu-se a mim num inglês perfeito. Soube mais tarde que viajara extensamente e conhecia bem Londres.

— Dignar-se-á Vossa Excelência — disse ele — permanecer algum tempo e aceitar a minha pobre e miserável hospitalidade nesta humilde residência?

Naturalmente, tratava-se do mais refinado exemplo da cortesia chinesa, que exige que o anfitrião desvalorize tudo aquilo que possui.

Aceitei.

Pouco depois era conduzido por uma solene procissão de criados através dos misteriosos encantos da residência chinesa ideal pertencente a um homem de alta categoria.

Mais tarde descobri que o meu novo amigo era mandarim e governador daquele distrito.

Depois de tomar banho e refrescar-me com chá, o mandarim mostrou-me algumas das maravilhas da sua casa.

O edifício era quadrado e possuía ao centro um enorme pátio interior onde uma fonte lançava jatos de água.

Em redor desse pátio encontravam-se diversas salas, cada uma decorada segundo um tema diferente.

Havia o Salão das Boas-Vindas, onde o mandarim recebia os visitantes; a Câmara do Doce Repouso, decorada em suaves tonalidades destinadas ao descanso; o Apartamento do Prazer Requintado, onde eram servidas as refeições; e a Morada da Sabedoria, local reservado à receção dos amigos escolhidos e às conversas mais íntimas.

Nos pisos superiores situavam-se os aposentos privados.

Nessa noite sentei-me à mesa para um jantar chinês que representava o auge da arte culinária celestial.

Por vezes não conseguia identificar exatamente a natureza dos pequenos pratos que iam surgindo e desaparecendo, mas não havia qualquer dúvida quanto ao sabor extraordinário de tudo o que me era servido.

Durante toda a refeição ouviam-se melodias executadas por cantoras escondidas, acompanhadas por uma harmonia mais profunda produzida por tambores e oboés chineses.

Foi, sem dúvida, uma noite memorável na Terra Florida, como os chineses costumavam designar o seu país.

Mais tarde, na Morada da Sabedoria, o mandarim conversou comigo.

Inicialmente desejava obter as últimas notícias de Port Arthur, pois a guerra iminente com o Japão dominava todos os pensamentos.

— São demónios — afirmou simplesmente. — E devem ser exterminados.

Mais tarde a conversa derivou para a magia e os mistérios.

Por algum motivo que nunca consegui compreender, ele já conhecia o meu trabalho em Londres e sabia da minha chegada à Manchúria. Fora precisamente por essa razão que saíra ao meu encontro quando passara perto da sua propriedade.

Na manhã seguinte fui despertado por um som lamentoso, semelhante ao uivar de uma matilha de cães selvagens.

Ao descer encontrei o mordomo principal, que me conduziu ao pátio central.

Ali estava sentado o mandarim, sob uma cerejeira.

À sua volta encontravam-se cerca de vinte das suas esposas, chorando e lamentando-se em voz alta.

Espantado com a cena, aproximei-me rapidamente e perguntei o que tinha acontecido.

— Excelentíssimo estrangeiro — respondeu ele — está escrito nas tábuas do sábio Confúcio que nenhum homem conhece o que o amanhã lhe reserva. Ai de mim! Estou perdido! A casa onde arde a luz sagrada diante do altar dos meus antepassados será profanada pelos demónios japoneses. Tudo estará reduzido a ruínas antes do pôr-do-sol de amanhã. Prefiro morrer a assistir à destruição da minha casa, dos meus jardins e de todos os lugares que amo.

Continuou durante algum tempo naquela lamentação.

Finalmente, através de perguntas insistentes, consegui compreender a causa do seu desespero.

Ao amanhecer chegara um mensageiro chinês anunciando que o exército japonês avançava rapidamente sobre Port Arthur e teria inevitavelmente de passar pela grande estrada situada junto à sua propriedade.

Julgando os japoneses segundo os hábitos dos exércitos chineses, o mandarim não conseguia imaginar outro resultado senão devastação completa.

Para ele era inevitável que a sua residência fosse saqueada, as quintas destruídas e os jardins arrasados.

Mas ainda pior do que tudo isso seria a profanação dos altares dos seus antepassados.

Procurei consolá-lo enquanto os lamentos continuavam sem cessar.

Por fim levantou-se e, fazendo uma reverência digna, declarou:

— Excelentíssimo estrangeiro, quem sou eu, simples pó, para exibir diante de si a minha dor inútil? E por que razão devem as minhas esposas uivar como babuínos entre os canaviais?

Com um gesto resignado ordenou às mulheres que regressassem aos seus aposentos, enquanto ele próprio se preparava para oferecer orações a Buda.

Foi nesse exato momento que tive aquilo que só posso descrever como uma inspiração.

Recordei que o Marquês Ito seguia com o exército japonês que marchava para Port Arthur.

Era evidente que as tropas passariam pela estrada que atravessava a propriedade do mandarim.

Detendo-o antes que partisse, disse:

— Não chore antes de existir motivo. Traga-me papel e um mensageiro rápido. Impedirei a desgraça que ameaça destruir os seus bens.

— Estais a gracejar para aliviar o sofrimento de um velho tolo — respondeu ele tristemente.

Sem mais explicações, escrevi rapidamente uma nota dirigida ao Marquês Ito. Nela descrevia brevemente a situação e pedia que, em consideração pela hospitalidade que recebera, fossem poupadas a casa e as propriedades do mandarim.

Sob o olhar espantado dos presentes, enviei um mensageiro com instruções rigorosas para encontrar o quartel-general japonês e entregar a carta ao poderoso Ministro da Guerra.

O resto do dia passou-se numa ansiedade crescente.

Ao pôr-do-sol, o mensageiro regressou exausto.

Trazia consigo uma resposta.

Numa carta extremamente cordial, o Marquês Ito informava que respeitaria o meu pedido e que tinham sido dadas ordens expressas para impedir qualquer pilhagem ou interferência nas propriedades do mandarim.

Durante toda a noite e durante o dia seguinte, o interminável fluxo de tropas japonesas passou pela estrada.

Não ocorreu um único incidente.

Não houve saque nem destruição.

Por fim, o próprio Marquês Ito passou com o seu estado-maior. Parou por alguns momentos para trocar algumas palavras comigo antes de continuar viagem em direção a Port Arthur.

Escusado será dizer que a gratidão do mandarim só foi igualada pelo seu espanto.

A seus olhos, eu devia possuir poderes quase sobrenaturais para exercer tamanha influência.

Confessou-me que, desde o momento em que soubera da minha chegada a Port Arthur, decidira encontrar-se comigo.

Após permanecer algum tempo em silêncio, refletindo profundamente, voltou-se para mim e disse:

— Ó Excelentíssimo Senhor, a minha gratidão pelo que fizestes é apenas um grão de poeira quando comparada com as montanhas de Cho-foa. Mas, se me permitirdes abrir-vos, através de outro homem, a porta dos Mistérios Ocultos, mostrar-vos-ei aquilo que nenhum Demónio Estrangeiro — perdoai-me o nome que devo dar-vos — alguma vez viu... e sobreviveu para o contar.

Foi assim que, graças à gratidão sem limites do mandarim, me foi concedido um raro vislumbre dos extraordinários mistérios do ocultismo chinês, cujos segredos são guardados dos estrangeiros com extremo zelo.

No dia seguinte fomos transportados em duas liteiras durante cerca de treze quilómetros através de outra cadeia montanhosa.

Detivemo-nos diante de um pequeno templo budista servido por vários sacerdotes conhecidos como bonzos.

O meu anfitrião era budista devoto e um importante benfeitor daquele templo.

Depois de retirarmos os sapatos e de me vestir com um estranho manto azul-escuro coberto pela versão chinesa dos signos do Zodíaco, entrámos no templo, enquanto os criados permaneciam respeitosamente do lado de fora.

Lá dentro reinava quase completa escuridão.

Apenas uma pequena chama ardia diante de um altar que continha uma estátua dourada de Buda.

Os sacerdotes e o mandarim prostraram-se.

Em seguida aproximaram-se do altar.

Então, quando uma pesada porta oculta no pavimento foi levantada, revelou-se uma escadaria de pedra grosseira que descia para as profundezas do templo.

Descendo com o auxílio de luzes transportadas pelos sacerdotes, encontrámo-nos numa abóbada baixa, semelhante a uma cripta. Avançando por uma passagem sinuosa, que notei descer gradualmente cada vez mais para as entranhas da terra, chegámos por fim a um local onde o teto se elevava.

À medida que os meus olhos se habituavam à penumbra, pude ver que me encontrava numa gruta subterrânea. De um dos lados, a poucos pés do chão, havia uma pequena abertura na rocha viva.

Espreitei através dela; para meu espanto, podia ver, descendo pela imensa montanha, as vertiginosas profundezas do vale abaixo.

A gruta encontrava-se, de facto, na encosta do ombro da montanha.

Os sacerdotes que nos acompanhavam retiraram-se.

O Mandarim permaneceu imóvel.

Então, enquanto eu observava impacientemente em redor, surgiu de uma das extremidades da gruta, saindo de um pequeno nicho oculto por cortinas, uma figura desumana. Quando avançou, o Mandarim, cobrindo o rosto com as mãos, murmurou em voz baixa:

— Contempla Ta-Theo-Tam, Intemporal e Sem Idade, o Místico das Montanhas.

A figura adequava-se certamente ao cenário estranho que a rodeava.

O rosto, talhado como se fosse em marfim, transmitia uma impressão de idade e saber inacreditáveis; os olhos estavam vidrados, embora eu não soubesse se era cego.

Na cabeça usava um largo chapéu tártaro, em forma de tigela invertida; o seu corpo magro estava envolto numa túnica de seda negra adornada com uma caveira bordada a branco. Sobre o ombro encontrava-se um enorme sapo malhado.

As mãos estavam ocultas dentro das mangas da veste, mas, ao deter-se diante de nós, retirou subitamente a mão direita e descreveu no ar certos círculos e sinais místicos de significado cabalístico, que reconheci de algumas das minhas experiências anteriores no Ocultismo.

Falando em chinês, o Mandarim dirigiu-se ao Místico.

Antes de responder, este inclinou-se e traçou à sua volta um círculo no chão de terra, utilizando para isso a unha comprida de um dos dedos.

O sapo saltou do seu ombro e ficou agachado dentro da linha assim desenhada, com os olhos brilhantes a cintilar como diamantes.

Pouco depois, o Ancião ergueu-se e falou lentamente.

O Mandarim traduziu:

— O Demónio Estrangeiro vem de além-mar. É um Adepto de parte do conhecimento legado pelos deuses. Tem em mãos muitos assuntos que fracassarão. Conhece algo dos Grandes Mistérios, mas eu, Ta-Theo-Tam, Guardião dos segredos dos Sábios, mostrar-lhe-ei o meu poder.

Colocou na minha mão um pedaço de cobre, liso e brilhante. Parecia ter sido, em tempos, parte de um escudo indígena.

Por intermédio do Mandarim, fui instruído a fixar o olhar nele.

Ao princípio nada vi. Depois, gradualmente, para meu espanto, começaram a surgir imagens e cenas, uma após outra. Episódios principais da minha vida passada apareceram nítidos e distintos, todos conduzindo a um ponto preciso: o meu consultório em Londres.

Reconheci gravuras penduradas na parede, a cadeira indiana de forma invulgar, até mesmo a taça antiga que eu tinha o hábito de encher diariamente com flores frescas diante de uma imagem de Buda que sempre conservara numa espécie de altar.

E, enquanto observava fascinado, vi-me sentado no meu lugar habitual.

Entrou um homem e sentou-se na cadeira reservada aos visitantes.

Não tive dificuldade em reconhecê-lo.

Era o Marquês Ito.

Mal tive tempo de o observar, a cena dissolveu-se e outra se formou.

Desta vez vi uma cidade desconhecida, com edifícios grotescos e ruas tortuosas.

Uma carruagem avançava loucamente, rodeada por homens montados a cavalo em galope.

Quando passou diante de mim, vi uma figura abatida, amparada por dois homens.

Tinha a cabeça descoberta; o sangue escorria-lhe pelo rosto.

Mas reconheci-o instantaneamente.

Era o Marquês Ito.

E, enquanto refletia sobre aquilo, chegou-me aos ouvidos uma gargalhada áspera e estridente, horrível para além de qualquer descrição.

Olhei para o rosto do Místico.

Os seus olhos ardiam agora com um fogo demoníaco; as feições contorciam-se convulsivamente e, embora o som não saísse dos seus lábios, uivos de riso diabólico enchiam a gruta.

Voltei-me em silêncio para o Mandarim em busca de uma explicação, embora a visão que acabara de presenciar anunciasse claramente a morte prematura do Marquês Ito.

— Ta-Theo-Tam diz que o Demónio Fazedor de Guerras, Ito, morrerá pela mão de um irmão coreano. Diz que os deuses estão muito satisfeitos.

Mas então o Místico começou a arrastar os pés e lançou-se numa dança saltitante.

O sapo acompanhava-o, saltando numa rude harmonia com os seus pés calçados de chinelos.

Uma espessa obscuridade parecia oprimir a gruta; uma sensação sufocante apoderou-se de mim.

As paredes começaram a afastar-se.

Tive consciência de um espaço imenso e de uma altura gigantesca.

O Místico pareceu elevar-se, transformando-se numa figura monstruosa erguida sobre uma coluna esculpida.

À sua volta dançavam figuras demoníacas vestidas à chinesa, enquanto o som estridente de um enorme gongo ressoava com uma insistência enlouquecedora.

Era verdadeiramente uma visão do Inferno; os rostos deformados dos dançarinos, excitados até à loucura pelo seu cântico encantatório, enchiam-me de terror.

Gradualmente a cena desvaneceu-se.

Senti uma corrente de ar fresco e abri os olhos.

Estava deitado no chão.

O Mandarim inclinava-se sobre mim com solicitude, aproximando dos meus lábios uma taça de água.

— Onde estou? — perguntei debilmente. — Aqueles horrores que vi...

— Não pense neles, Honorável Senhor — respondeu o Mandarim. — Venha, regressemos à minha casa para comer e beber com alegria. Que as sombrias visões da gruta sejam esquecidas!

É, naturalmente, um facto histórico que, em 26 de Outubro de 1909, o Príncipe Ito (pois fora elevado a essa categoria pelos seus serviços prestados ao Japão) foi assassinado em Harbin por um atacante coreano.

Ficou provado que o assassino pertencia ao célebre Ha-Ha-Wei Tong, uma sociedade secreta que jurara matar todos os japoneses responsáveis pela vitória desse país sobre a China.

A perda de Port Arthur foi vingada, mas, como é bem sabido, foi uma vitória estéril para o Japão.

A Grã-Bretanha, a França e a Rússia aproveitaram a situação, e o Japão foi obrigado a abdicar do valioso prémio que tão justamente conquistara, arrendando Port Arthur à Rússia.

Graças à hábil diplomacia do Príncipe Ito, o Japão fortaleceu a sua posição através da aliança com a Grã-Bretanha, até que finalmente, ao preço de um terrível derramamento de sangue e de enormes despesas, arrancou Port Arthur aos russos e estabeleceu-se firmemente na Manchúria e na Coreia.

Mas, nesse processo, o Príncipe Ito foi o sacrifício.

Muitas vezes me interroguei sobre o feitiço diabólico que Ta-Theo-Tam, o Místico da Gruta dos Demónios, terá lançado sobre ele.

PARTE II

FANTASMAS QUE SÃO CONVOCADOS

UM «RECLUSO» DE LONDRES

E UMA EXPERIÊNCIA EXTRAORDINÁRIA

«Chegará o dia em que será provado que a alma humana já vive a sua vida na Terra numa ligação íntima e indissolúvel com o mundo dos espíritos, que o mundo deles influencia o nosso e o marca profundamente.» — **Immanuel Kant**

CAPÍTULO X

CONHEÇO UM «RECLUSO»

EM LONDRES E PASSO POR UMA DURA PROVA

VIVIA EM LONDRES UM ESTRANHO RECLUSO QUE DESEJAVA CONHECER-ME. COMO RESULTADO, SUBMETEU-ME A UMA PROVA SEVERA, QUE PASSEI COM ÊXITO. DESSE FACTO NASCEU UMA ESTREITA AMIZADE, E O RECLUSO CONFIOU-ME ALGUMAS DAS SUAS AMBIÇÕES RELACIONADAS COM INVESTIGAÇÕES NO CAMPO DO OCULTISMO, COM RESULTADOS EXTRAORDINÁRIOS.

Existe alguma ligação entre a música e a comunhão com os mortos?

Esta fascinante questão ocupou durante muito tempo os meus pensamentos.

Estou convencido de que nela reside a chave para abrir o reino da comunicação psíquica, e até a imaginação mais modesta consegue vislumbrar as suas possibilidades.

A forma como fui conduzido à investigação desta questão constitui um dos episódios mais românticos da minha carreira, que agora me proponho publicar pela primeira vez.

Quando regressei da minha primeira digressão pelos Estados Unidos, encontrei muitas centenas de pessoas ansiosas por me consultar.

Tinha causado sensação em Nova Iorque e por todo o território norte-americano, e encontrei em Londres um interesse ainda maior pelo meu trabalho.

Um dia recebi a visita de um jovem parse chamado Jehangier Colah.

Aparentemente estudava Medicina em Londres, mas depressa descobri que o seu verdadeiro interesse residia no Misticismo e em assuntos relacionados com o Ocultismo.

Interessava-se particularmente pela telepatia e pela transmissão do pensamento, e realizámos juntos numerosas experiências fascinantes.

Em várias ocasiões falou-me, com prudência, de uma personagem notável que vivia em Londres.

Percebi que era um recluso, e a minha curiosidade foi despertada quando Jehangier deixou escapar algumas sugestões de que esse homem era, na realidade, um Místico da mais elevada ordem.

Um dia Jehangier disse-me que tinha uma mensagem do recluso, que desejava conhecer-me.

A possibilidade de uma experiência interessante entusiasmou-me e aceitei prontamente.

Tudo o que sabia era que a sua residência ficava algures em Hampstead.

Não conhecia o seu nome.

O meu amigo parse recusava-se a revelá-lo e, antes de partirmos, obrigou-me a jurar solenemente que não tentaria descobrir a identidade do recluso, a menos que este me desse autorização para o fazer.

Londres está cheia de pessoas extraordinárias.

Eu já passara por muitas experiências estranhas, pois a carreira que adotara colocava-me em contacto com indivíduos de todas as espécies e condições sociais, enquanto confidências das mais invulgares eram frequentemente depositadas nos meus ouvidos.

Nessa noite seguimos para Hampstead e, no devido tempo, chegámos à casa do Desconhecido.

Era uma bela e antiga mansão isolada na orla da charneca, com uma vista magnífica sobre Londres, estendendo-se ao longe.

Envolta em árvores, agradou-me imaginar que constituía o retiro ideal para um Homem de Mistério.

Jehangier deixou-me sozinho no átrio durante alguns momentos, dando-me tempo para observar o ambiente.

Pinturas requintadas adornavam as paredes, e algumas belas peças de estatuária e bronze encontravam-se sobre a enorme lareira.

Tudo revelava um homem de gosto refinado e profunda cultura.

Após breve ausência, Jehangier regressou e juntos subimos a escadaria ricamente alcatifada até um magnífico conjunto de aposentos que ocupava todo o primeiro andar.

Afastando pesadas cortinas de um roxo escuro, entrámos num salão esplendidamente mobilado.

Depois, atravessando uma divisão menor, chegámos a outra.

Para minha surpresa, esta continha um órgão tão grande que ocupava toda uma parede.

Num recanto junto à janela, com vista para o jardim, encontravam-se um piano de cauda e uma harpa de extraordinária beleza.

À minha espera estava um indivíduo de estatura média, mas de aspeto nobre.

A sua testa ampla e elevada e os olhos penetrantes denunciavam um homem de intelecto e poder consciente; a voz tranquila, embora ligeiramente marcada por um sotaque estrangeiro, dava a impressão de alguém habituado a ser obedecido.

A gravata larga de um tom púrpura mais claro e o anel que trazia no dedo indicador da mão esquerda esguia conferiam-lhe um toque de excentricidade.

Observou-me atentamente durante alguns segundos.

— Bem, Cheiro — disse por fim — ouvi falar muito de si e agrada-me conhecê-lo. Mas devo ser franco. Quanto às suas pretensões — note bem, senhor, que para mim não passam de pretensões enquanto não tiver provas satisfatórias — proponho submeter os seus poderes a uma prova que espero que não recuse.

Inclinei-me em sinal de assentimento.

Jehangier deixou-nos a sós e a conversa tornou-se mais íntima.

Observei então, pela primeira vez, que ele era coxo e caminhava apoiado numa bengala.

Mas dificilmente se pensava nessa deformidade perante a força dominadora da sua personalidade.

A sua cabeça e rosto majestosos faziam-me lembrar retratos de algum imperador romano.

— Quem será esta pessoa misteriosa? — interrogava-me.

Havia sinais de riqueza à sua volta, e o invulgar estava estampado nas suas feições, no traje e no comportamento.

Os meus pensamentos foram interrompidos quando o recluso disse abruptamente:

— Mandei chamá-lo para testar pessoalmente os seus poderes. Há muitos charlatães e impostores que fingem lidar com conhecimentos ocultos. Não são eles os guardiões da sabedoria sagrada, que apenas pode ser adquirida por estudo incansável e pela posse de uma clarividência natural.

Fez uma pausa e prosseguiu num tom mais suave:

— Quero que me convença de que merece a reputação que conquistou, para que eu possa falar de si a alguns dos místicos que encontro nas minhas viagens pelo mundo. Primeiro, leia o meu passado nas linhas das minhas mãos. Se não conseguir convencer-me dos seus dons, partirá tal como chegou, e o tempo e o incómodo despendidos serão as únicas coisas de que se poderá lamentar.

Inclinei a cabeça em sinal de concordância.

Sentámo-nos a uma pequena mesa junto da janela.

— Um momento — disse ele, quando comecei a examinar as linhas das suas mãos bem modeladas.

— Se for bem-sucedido, Cheiro, farei algo que apenas faço perante um pequeno círculo de amigos de confiança: revelarei a minha identidade. Até lá, sou apenas «O Recluso».

E soltou uma gargalhada algo amarga.

Eu estava nervoso, mas, como já afirmei anteriormente, um estado de elevada tensão é sempre o melhor para obter bons resultados.

Neste caso singular, enquanto observava as suas mãos, cenas do passado começaram a formar-se com espantosa nitidez.

A minha mente clarividente, treinada para esse efeito, via uma sucessão de imagens surgirem umas após as outras, retratando a sua vida passada.

Falei rapidamente, receando perder aquilo que via.

— Aos quinze anos foi aclamado como um prodígio musical.

Continuei:

— Partituras pareciam fluir dos seus dedos como por magia. Agora vejo-o mais tarde, no centro da atenção de uma grande sala cheia de gente. Estão a entregar-lhe uma medalha de ouro com o nome de um músico cuja fama se tornaria mundial.

— Consegue dizer o nome? — exigiu ele.

Soletrei:

— Gounod.

— Estranho — disse, pensativo, retirando parcialmente as mãos. — Mas isso está singularmente correto. Aos quinze anos recebi a medalha de ouro de música do Conservatório de Paris. Gounod e eu obtivemos igual distinção, e os nossos nomes figuravam na mesma medalha. Continue.

— Por alguma razão que não consigo explicar, abandonou a música como profissão. Vejo-o agora vestido como advogado francês. Está a pleitear perante um tribunal...

O prisioneiro no banco dos réus está vestido com o uniforme da Marinha Francesa. É absolvido e abandona o tribunal, dirigindo-se impulsivamente a si para lhe apertar a mão e beijando-o em ambas as faces. É uma hora de triunfo.

— Sim, Cheiro, isso foi realmente um triunfo. Abandonei a música e estudei Direito para conseguir a liberdade desse homem. Durante muito tempo esteve sob uma falsa acusação de ter promovido um motim na Marinha e fora enviado para uma colónia penal. Havia uma razão para eu me ter empenhado tanto por ele.

— Um dia, quando passei diante da sua cabana, a mãe dele ofereceu-me um copo de leite quando eu lhe tinha pedido água. Vi que sofria de grande angústia. Soube então que o seu único filho fora falsamente acusado de promover um motim na Marinha e condenado a passar a vida na Ilha do Diabo. Estudei para me tornar advogado, defendi o seu caso em todos os tribunais franceses e, finalmente, no Tribunal de Cassação, consegui a sua libertação.

— Aos trinta anos — continuei — um grande amor entrou na sua vida. Abandonou tudo pela mulher que adorava e, quando ela morreu, entrou para um mosteiro. Vejo uma biblioteca cheia de livros, longos anos de estudo e depois um regresso ao mundo dos homens com um propósito pelo qual trabalha agora dia e noite.

— Tem razão — murmurou ele, retirando as mãos como se a reconstituição da sua carreira lhe causasse uma dor insuportável.

— Cheiro, revelou de facto o Passado e — sim, confesso-o! — receio que me diga o Futuro que me espera. Talvez um dia, mas não agora. Passou triunfalmente a prova. Não peço mais nada; a partir de hoje seremos irmãos no estudo dos profundos mistérios da vida e da morte.

Deu algumas voltas pela sala, coxeando, como se as recordações do passado o perseguissem.

Depois aproximou-se de mim e, erguendo-se em toda a sua altura, disse lentamente:

— Vou agora dizer-lhe quem sou. Sou o Duque de Ravigo, o último da minha linhagem. Em tempos fui um prodígio musical de França e amigo de grandes músicos; mas agora contento-me em ser conhecido pelo nome da minha mãe, Edmond Savory D'Odiardi, ocultista, místico e médico. Um dos meus antepassados recebeu o título de Duque no campo de batalha de Austerlitz das mãos de Napoleão I. O seu nome ainda hoje pode ser lido gravado na lista de honra do Arco do Triunfo.

Ao pronunciar estas palavras havia algo de quase inspirador de reverência na sua aparência.

Recordei as muitas histórias que ouvira da geração mais velha em Paris acerca de um rapaz extraordinário dotado de um génio musical notável; de como abandonara a música e se tornara um brilhante advogado do foro francês. Depois desaparecera subitamente do convívio dos homens e, como de costume, dizia-se que uma mulher estava na origem do mistério.

Como poderia eu imaginar, ao aceitar aquele encontro naquela noite, que estava destinado a conhecer um dos homens mais extraordinários do século?

Pouco depois disse:

— Como passou na prova que lhe impus, vou apresentar-lhe outra proposta. Mas primeiro tocarei alguma música para determinar as vibrações que unirão os nossos espíritos num laço harmonioso e nos permitirão resolver problemas que interessam a ambos.

Ao longo da minha vida ouvi grandes interpretações musicais em muitas ocasiões, mas nunca nada semelhante ao que escutei nessa noite.

Parecia tocar a história da sua própria vida: o sucesso, o triunfo e depois o romance que o conduzira a uma existência recolhida. Por entre tudo isso ouviam-se os tons do Angelus, chamando e suplicando, tornando-se cada vez mais ténues à medida que os anos passavam.

Os últimos raios do sol atravessavam a janela do salão; as sombras da noite entravam lentamente e escureciam a sala.

Ainda assim, a figura junto ao órgão continuava a tocar.

Subitamente ouvi outro som, tão fraco ao princípio que sustive a respiração para escutar.

Um murmúrio parecia deslizar pelas cordas da harpa; foi crescendo até que harpa e órgão se uniram em perfeita harmonia, acabando por desaparecer em silêncio.

Pareceu-me despertar de um sonho.

O «recluso» estava diante de mim, com os olhos brilhantes.

— Cheiro — sussurrou — ouviu-a. Ela tocava sempre essa harpa para mim, e continua a fazê-lo!

Fez uma pausa e depois, aproximando-se, murmurou-me ao ouvido:

— Estou a procurar o grande segredo e tem de me ajudar. Trazer de volta os mortos do «Além» sempre que eu desejar que venham. Esse é o trabalho da minha vida. Chamei-o porque me pode ajudar. Esta noite provei que as suas vibrações magnéticas estão em sintonia com as minhas e que a sua mente clarividente pode ser-me de enorme utilidade. Vou agora apresentar-lhe a proposta a que aludi há pouco.

Passou então a relatar-me as suas ousadas experiências de comunicação com os mortos.

— Se aceitar ajudar-me — continuou — nunca se arrependerá da sua decisão.

Concordei e apertei-lhe a mão para selar o compromisso.

Explicou-me então que acreditava que a lei da vibração era a chave para desvendar os segredos do «Além».

— A nossa vida aqui — disse ele — possui uma vibração própria; a «vida do outro lado» possui outra. Quando ambas entram em harmonia, o véu entre os dois planos levanta-se e os espíritos conseguem manifestar-se.

Conversámos até quase de manhã.

Saí aturdido, mas tomado por um forte desejo de conhecer melhor esta personagem extraordinária que se escondera dos homens como se já estivesse no túmulo.

Não demorou muito até que fosse novamente chamado à sua presença.

Passo em silêncio, como uma experiência sagrada, as noites em que ele conseguiu efetivamente, através das emocionantes harmonias da música, trazer de volta das sombras do «Além» o espírito da mulher que amara.

Mas depressa descobri que, por detrás dessa ternura e desse sentimentalismo, ele não estava satisfeito. Tinha chegado até ali, mas estava decidido a ir mais longe, a lançar-se num oceano ilimitado de experiências que, confesso, me deixavam sem fôlego, ao mesmo tempo que me fascinavam pela sua audácia.

Certa noite disse:

— Nas minhas investigações descobri certos acordes musicais que criam a espécie de vibração necessária para a manifestação de seres ainda mais elevados que habitam aquilo a que erradamente se chama o «mundo invisível». Agora consigo atrair alguns desses grandes espíritos à minha vontade, a qualquer hora do dia ou da noite.

— Maravilhoso — murmurei.

— Maravilhoso! — concordou ele, enquanto uma luz estranha iluminava os seus olhos. — Mas não estou satisfeito. Tenho de conseguir mais!

Foi então que este homem extraordinário me apresentou uma proposta surpreendente.

— Cheiro — disse ele — esperei durante anos para encontrar um homem como você. Quero prosseguir experiências que tenho vindo a realizar há muito tempo para obter mensagens de um plano ainda mais elevado — o plano cujas vibrações ocultas controlam o destino do planeta em que vivemos. Se aceitar juntar-se a mim nestas investigações, creio que nunca lamentará essa decisão.

Não hesitei.

— A minha teoria, como já lhe disse — continuou — é que a lei da vibração constitui o segredo do «véu que separa os mundos».

— Por outras palavras — prosseguiu — os médiuns que produzem o fenómeno conhecido como «materialização» dos espíritos possuem uma vibração peculiar, e a sua simples presença cria as condições necessárias para que esse fenómeno ocorra.

Nas minhas investigações descobri que determinados acordes produzem o tipo de vibração necessário para manifestações ainda mais importantes, e assim consigo atrair à minha vontade alguns desses seres superiores.

No meu caso, porém, não me satisfazem resultados que satisfariam a maioria dos investigadores.

A minha ambição é entrar em contacto com os grandes espíritos do passado, os grandes Mestres que tiveram uma missão direta junto da humanidade e que ainda hoje podem ensinar-nos os mistérios do desígnio e da finalidade que constituem o verdadeiro segredo da existência.

— Em experiências desse género necessito da sua cooperação; de um auxiliar capaz de traduzir para a nossa época as palavras e o simbolismo de outras eras.

Fez uma pausa e eu aguardei expectante.

— Dar-lhe-ei apenas um exemplo do que quero dizer — continuou.

— A música que ouviu esta noite faz surgir, em todas as ocasiões, o espírito da mulher que amei. Quando ela está presente não preciso de intérprete; cada acorde encontra o seu correspondente dentro de mim e conversamos através da música da mesma forma que os seres humanos conversam através da fala.

— Contudo, isso não satisfaz os meus desejos. O amor não é aquilo para que a vida foi criada; o amor é apenas o companheiro da nossa peregrinação, para que a solidão da existência não pareça excessiva.

— Para que não me considere apenas um sonhador vaidoso, explicarei mais tarde algumas das experiências que tenho realizado ao longo de muitos anos.

Embora esteja longe de conseguir explicar a razão, tenho consciência de que nada acontece por acaso.

Até o mais ténue acorde de harmonia produz a sua onda correspondente através do espaço infinito, até que, como duas afinidades, se unem e reaparecem com maior força.

Voltemos a encontrar-nos amanhã e apresentar-lhe-ei um mistério capaz de desafiar a própria razão, e que demonstra até que ponto somos simples marionetas no plano desse Desígnio Divino que utiliza o Tempo e a Eternidade para os seus propósitos e homens e mulheres como colaboradores na execução dos seus planos.

PARTE II

FANTASMAS QUE SÃO CONVOCADOS

FAZER RECUAR O RELÓGIO DO TEMPO

«Todos desejam saber, mas poucos estão dispostos a pagar o preço.»
— Juvenal

«Se chegasse o tempo em que tudo fosse conhecido, em que não pudesse existir uma nova investigação ou experiência, o nosso mais intenso prazer chegaria ao fim. Podemos, por isso, sentir-nos felizes ao pensar em quanto permanece ainda desconhecido.»
— A. C. Vernon Harcourt

CAPÍTULO XI

FAZER RECUAR O RELÓGIO DO TEMPO

ÉPOCAS PASSADAS RECRIADAS

CENAS DA HISTÓRIA REVIVIDAS. O PANORAMA DA VIDA E «O GRANDE SEGREDO»

Fiquei surpreendido ao chegar na noite seguinte e verificar que «o Místico», como lhe chamava mentalmente, tinha feito preparativos invulgares para a experiência que planeava realizar.

Desde o princípio eu sabia que dominava os problemas mais difíceis daquilo a que se poderia chamar «ondas elétricas etéricas» e, muito antes de se pensar em recetores de radiodifusão, instalara em sua casa um aparelho capaz de captar sons e vozes do éter, muito para além de tudo aquilo que possuímos atualmente.

Como tinha horror à comercialização das suas invenções, recusara todas as ofertas de dinheiro para colocar qualquer das suas ideias no mercado ou para as dar a conhecer ao público.

Correndo o risco de me afastar do tema principal destas páginas, considero justo para com os leitores descrever brevemente algumas experiências médicas realizadas por este homem com a eletricidade, conhecidas não apenas por mim, mas também por outras pessoas em Londres.*

Relatarei apenas alguns casos, pois seria necessário um volume inteiro para contar metade do que este homem realizou nas várias fases da sua atividade.

Em primeiro lugar, avançara mais longe do que talvez qualquer outro homem antes dele num ramo da eletricidade médica conhecido como «ionização dos metais».

Controlava as forças elétricas de tal forma que conseguia não só dissolver qualquer metal, como também dirigir os «iões» desse metal dissolvido para qualquer órgão ou parte do corpo que desejasse.

Conhecia perfeitamente os efeitos que os «iões de ouro» produziam sobre diferentes regiões da coluna vertebral e, graças a isso, curou muitos dos mais graves casos de paralisia.

Da mesma forma fazia com que correntes elétricas transportassem «iões» de cobre, prata ou mercúrio para o organismo, isolando-os de modo a atuarem apenas sobre o órgão ou região em tratamento.

Em muitos casos curou cancros cuja operação teria sido impossível, mas o exemplo mais extraordinário entre as numerosas curas que presenciei diretamente foi o de uma mulher que sofria da rara doença conhecida como «suor de sangue».

Diz-se que apenas existem três casos registados em toda a história da Medicina, e esta mulher era um deles.*

Esta terrível doença faz com que o sangue exsude através da pele em todo o corpo; o resultado é uma lenta perda de vitalidade até que, após muitos anos, a morte liberte a infeliz vítima.

Foram necessários quase seis meses para conseguir a cura completa do caso de que falo, mas as extremidades dos dedos resistiam obstinadamente a todos os esforços para impedir a saída de sangue.

Por fim, a paciência daquele homem triunfou: todos os dedos foram curados, exceto o terceiro dedo da mão esquerda.

Não há dúvida de que também esse teria sido curado, mas certo dia a mulher irritou-o ao praticar um ato de mesquinhez contra uma das suas enfermeiras.

— Minha senhora — disse o velho — Deus foi bondoso consigo. Por meu intermédio operou a sua cura. Ele, tal como eu, detesta a mesquinhez. Portanto, vá e conserve esse dedo ensanguentado para o resto da sua vida.

Uma das extraordinárias invenções deste homem foi apresentada aos membros da Academia das Ciências, e a descrição dessa invenção encontra-se registada nos seus arquivos em Paris.

Tratava-se nada menos do que de um instrumento chamado «Registador do Pensamento».

Em resumo, a agulha delicadamente equilibrada desse aparelho extraordinário era influenciada pela aura ou radiação da alma de qualquer pessoa situada a poucos metros de distância e registava, através dos seus movimentos, o efeito dos pensamentos que atravessavam o cérebro, como amor, cólera, medo, ambição e outros.

Indicava se uma pessoa possuía força de vontade, capacidade de concentração ou o contrário; e uma das suas características mais notáveis

era registar instantaneamente os efeitos das drogas ou do álcool sobre o esforço do pensamento.

Eu próprio mostrei um destes instrumentos, construído especialmente para mim por este homem, ao Sr. Gladstone, quando este me convidou para discutir assuntos ocultistas em Hawarden Castle, em Agosto de 1897.

** Esta afirmação é corroborada por um artigo publicado no Sunday Times de 21 de Fevereiro de 1897.*

** O relato completo deste extraordinário caso foi-me apresentado. —* ***Ed.***

O «Grande Velho Homem» de Inglaterra passou bastante tempo comigo a testar este instrumento de diversas formas.

Trouxe dessa entrevista um registo produzido pelo aparelho da extraordinária capacidade de concentração do Sr. Gladstone, que ainda hoje conservo na minha posse.

Depois de ter dado aos meus leitores uma pequena ideia da mente multifacetada do homem que constitui o tema destas páginas, regressarei agora ao ponto em que interrompi a narrativa, isto é, aos preparativos que observei que «o Místico» tinha feito para a grande experiência que aguardara durante tanto tempo.

Como esta não é uma obra científica sobre o tema das «ondas etéricas», seria inadequado fazer aqui mais do que apresentar um esboço geral do «aparelho» construído para essa ocasião.

Limitar-me-ei, portanto, a mencionar brevemente os elementos mais importantes que se distinguiam claramente de outras secções mais ou menos invisíveis.

Em primeiro lugar, já sabia há algum tempo que, nas suas experiências médicas, este homem extraordinário utilizava correntes elétricas telúricas que, embora produzindo normalmente cerca de um volt e meio de eletricidade — como qualquer pessoa interessada no assunto pode facilmente comprovar por si mesma — eram amplificadas e aumentadas por um aparelho concebido por ele para fornecer uma voltagem consideravelmente elevada.

Através de outra invenção, utilizava a eletricidade existente nas camadas superiores da atmosfera, armazenando-a em baterias de enormes dimensões. Estas, ligadas a tubos de vidro de vácuo cheios de néon ou de

outro gás, produziam uma luz que parecia inundar toda a divisão onde uma dessas lâmpadas era colocada.

Como demonstração da sua teoria de que a Lei da Vibração era a chave que lhe permitia utilizar algumas das grandes forças da Natureza, podia, a qualquer momento, por meio de um acorde tocado no órgão, no piano ou na harpa, acender qualquer lâmpada que desejasse ou apagar uma ou todas elas da mesma forma.

Como é sabido por todos os estudantes de ciência, apenas a vibração e a velocidade de rotação das moléculas mantêm as partículas de ferro, pedra ou qualquer outra massa sólida no estado de solidez.

Este homem demonstrara no seu trabalho que a própria vida humana era apenas uma questão de vibração; que, quando a nota vibratória natural descia abaixo do seu nível normal, a pessoa ficava naquilo que os médicos descrevem como «sem tónus» ou «em baixo de forma», embora poucos dos médicos que utilizam estas expressões saibam que, ao fazê-lo, estão a exprimir um dos maiores segredos da existência humana.

Partindo destes princípios, este grande pensador desenvolvera meios para alterar a velocidade, o tom ou a qualidade das vibrações de qualquer ser humano.

Sem provocar a morte, conseguia, à sua vontade, abrandar o pulso vibratório da vida a tal ponto que o cérebro subconsciente encontrava liberdade — ou talvez fosse o lado espiritual da existência que podia abandonar temporariamente o corpo.

Já realizara essa experiência comigo em diversas ocasiões, com resultados notáveis; mas quando vi alguns dos aparelhos agora reunidos para a grande experiência daquela noite, percebi sem necessidade de perguntar que ele tinha reservado para mim um papel especial.

Alguns dos preparativos compreendi-os imediatamente.

Junto à janela encontrava-se uma estranha marquesa revestida de cobre e isolada por pés de vidro, que me chamou a atenção.

À cabeceira havia uma bússola cuja agulha indicava que a marquesa estava orientada de norte para sul, em alinhamento direto com a corrente magnética.

Numa mesa ao lado reparei num capacete de cobre com uma faixa igualmente de cobre, construída de modo a descer ao longo da coluna

vertebral, com dois braços destinados a envolver o corpo e terminando num íman de doze pontas colocado sobre o plexo solar.

Ligado ao centro do capacete havia um fio isolado que passava pela janela aberta até uma série de fios de cobre suspensos desde a beira do telhado elevado até poucos pés do chão.

Esses fios estavam por sua vez ligados a uma antena de enorme altura instalada sobre a casa.

Observei ainda que a placa de cobre sobre a qual os meus pés repousariam estava ligada a um fio que, passando por aquilo a que ele chamava um «amplificador», terminava num pólo de zinco ligado à terra no fundo de um poço do jardim.

Por outras palavras, pretendia-se que o meu cérebro funcionasse exatamente como o recetor de um «aparelho sem fios».

— Há algum perigo? — não consegui evitar perguntar.

— Meu caro Cheiro, existe perigo em toda a experiência em que se tenta controlar as forças da Natureza — respondeu o Místico.

— Neste caso, o principal perigo reside no estado da atmosfera exterior; por exemplo, a mais pequena tempestade elétrica poderia atravessar o seu corpo.

— E depois? — perguntei.

Fitando-me com uma expressão muito determinada, respondeu:

— Meu caro amigo, todos nós corremos o risco de morrer todos os dias; a morte está sempre ao nosso lado sob centenas de formas. Muitos morrem sem razão aparente, muitos são mortos tal como o gado é abatido, mas, ao contrário do gado, nem sequer servem de alimento útil, exceto para os vermes.

— Consigo e comigo, se a morte vier durante uma destas experiências, haverá algo de nobre nisso. Virá quando, como exploradores, estivermos a penetrar no desconhecido em benefício dos outros.

— Deu-me a sua palavra de honra de participar em qualquer experiência que eu desejasse realizar. Se o julguei corretamente, não é homem para faltar à sua palavra.

Pensei no que aconteceria se ocorresse realmente um acidente.

Afinal, não tinha laços familiares nem responsabilidades.

Era mesmo o último membro da minha linhagem — uma das muitas razões pelas quais aquele homem estranho me escolhera para seu colaborador.

Além disso, a Morte não é assim tão terrível.

O Anjo Negro já quase me chamara uma ou duas vezes; se viesse agora, pensei, viria como um velho amigo e dificilmente precisaria de apresentação.

— Muito bem — ri-me. — Não vou acobardar-me. Apenas gostaria de saber o que poderei esperar.

— O que poderá esperar? — repetiu ele. — Pode algum de nós saber isso numa incursão ao «desconhecido»? Apenas lhe posso dizer, meu caro amigo, que se aquilo que estou prestes a empreender resultar, ambos adquiriremos numa única noite mais conhecimento do que talvez conseguíssemos numa vida inteira.

— Não vale isso qualquer risco?

— Sem dúvida — respondi. — Estou pronto.

— Antes de prosseguirmos — continuou — devo explicar-lhe, o mais resumidamente possível, a teoria geral da experiência desta noite.

Está naturalmente consciente de que as divisões do tempo criadas pelo homem foram estabelecidas apenas para sua conveniência e não têm qualquer relação com aquilo que o Tempo representa perante a Eternidade.

Quando se pede ao homem que acredite que a criação do mundo ocorreu há cinco ou seis mil anos e que, a partir de um primeiro homem e de uma primeira mulher, num jardim, surgiram todas as nações da Terra, isso equivale a pedir a um recém-nascido que diga quem teceu as faixas que o envolvem.

— O homem nada sabe acerca da sua origem, do seu propósito ou do seu fim. Sabe tão pouco acerca de si próprio como acerca das coisas divinas.

Criou um deus porque não consegue viver sem um; mas o deus do homem é apenas o próprio homem ampliado até se transformar numa monstruosidade.

— Aterrorizado pela criatura que criou, o homem instituiu sacerdotes para intercederem por si. Estes, por sua vez, criaram religiões para ocultar a sua ignorância, leis para sustentar as suas pretensões e reis para impor os seus direitos.

— Os reis criaram exércitos para combater por eles, pagaram a homens para matarem outros homens, uniram-se a tiranos para sua própria proteção e escravizaram ainda mais a humanidade nas redes da política e do sacerdócio.

— No meio de toda essa confusão, o homem esqueceu a sua própria criação, esqueceu que colocara um deus humano no trono do Divino e perdeu assim os primeiros princípios do Propósito na cegueira da sua própria vaidade e arrogância.

— Por detrás de tudo, no pergaminho da Eternidade, o Desígnio grava com infinita paciência o padrão que os pés da evolução devem seguir.

— Que importa, no grande esquema das coisas, que civilizações desapareçam ou que o pó dos séculos oculte o brilho das estrelas? Que importa que nações pigmeias destruam outras nações? Que importa que religiões ergam ídolos para que outras os derrubem?

— Por detrás de tudo está a «Força do Pensamento» que tudo criou; o Propósito da Perfeição que tudo dirige; a Paciência Divina que por todos espera.

— É com estes pensamentos, meu irmão — acrescentou — que devemos aproximar-nos da experiência desta noite. Humildemente pedimos que o véu do Desconhecido seja levantado; que possamos aprender algo dos mistérios que nos rodeiam; que possamos verificar se o Desígnio deixou as suas pegadas através dos séculos, se o Propósito traçou os seus planos desde o princípio, se a vida é imortal, se a memória vive para sempre na alma da Eternidade.

— Sabe tão bem como eu que a ciência provou que a luz de algumas das estrelas mais distantes iniciou a sua viagem para a Terra quando esta ainda estava «sem forma e vazia» e «as trevas cobriam a face das águas».

Essa luz chegou talvez ontem ao nosso mundo, depois de viajar milhares e milhares de anos desde uma estrela remota.

E se os seus raios fotográficos pudessem ser invertidos e as cenas de épocas há muito desaparecidas pudessem ser reconstruídas diante dos nossos olhos?

Nada se perde. Nada é impossível.

Tentemos.

Deitado na marquesa, colocou-me o capacete de cobre na cabeça e fez todas as ligações necessárias.

Dirigiu-se ao órgão e executou uma série de acordes nos teclados inferiores.

As lâmpadas de vácuo responderam; a iluminação transformou-se e inundou a sala com uma tonalidade cinzento-pálida semelhante à de uma alvorada espectral.

Mais uma vez os sons do órgão vibraram pela divisão: um cântico sombrio e suplicante, cheio de fé, devoção e súplica, que subia e descia como uma oração viva pedindo e implorando uma resposta.

A música cessou.

À luz estranha e cinzenta pude ver a figura do Místico inclinada sobre o teclado, à espera e escutando.

Uma ligeira vibração desceu pelos condutores da antena, atravessou o meu corpo e ecoou de volta através do amplificador.

Ao princípio não passava de um som vago, difícil até de descrever.

Muito suavemente, voltou a tocar algumas notas no órgão e tornou a inclinar-se para ouvir.

Um acorde trémulo vindo da antena respondeu.

Desta vez era mais do que uma simples vibração; havia vida nele, acompanhada por uma estranha melodia subterrânea.

Os olhos do Místico brilharam de exaltação.

O órgão voltou a ressoar e agora já não era um lamento suplicante, mas um cântico de gratidão e triunfo.

Parou subitamente.

Vi uma figura deslizar através da janela aberta; a harpa foi tocada; mãos brancas passavam rapidamente sobre as cordas; notas mais profundas do órgão juntaram-se como acompanhamento; depois ambos os instrumentos cresceram até uma soberba unidade sonora; a antena respondeu — e harmonias como eu jamais poderia imaginar ecoaram e vibraram por toda a sala.

Contudo, estávamos apenas no começo.

Uma manifestação inexplicável sucedia-se a outra com rapidez.

No início da noite, enquanto permanecia deitado na marquesa, impressionara-me particularmente a magnífica vista das luzes de Londres ao longe.

Parecia que apenas alguns minutos antes distinguira claramente a cúpula da Catedral de São Paulo.

Mas agora Londres, com os seus milhares de telhados iluminados e torres de igrejas, desaparecera.

O que estava a acontecer?

Era-me impossível formular qualquer hipótese.

Não me encontrava em transe, pelo menos que eu soubesse; a minha mente parecia tão ativa como antes.

Durante a parte final daquela música extraordinária, os meus olhos tinham-se fixado numa estrela distante.

Parecia invulgarmente brilhante.

Enquanto a observava, ocorreu-me a fantasia de que talvez escrevesse alguma mensagem através da abóbada celeste ou que uma forma celestial descesse pelos seus raios.

Mas não fazia ideia de que uma manifestação ainda mais misteriosa do que tudo o que poderia imaginar já se estava a formar ao meu lado.

Não percebera que a música cessara e fora substituída por vozes estranhas que me falavam e tentavam fazer-se compreender.

Esquecera-me de que o meu cérebro fazia parte daquele extraordinário aparelho recetor e que essas vozes estavam a ser conduzidas através de mim ou atraídas para mim de uma forma inconcebível.

Subitamente uma voz profunda e sonora pareceu surgir da própria atmosfera.

Não fazia ideia de que língua utilizava, mas compreendia perfeitamente cada palavra.

— Filho do Homem — disse a voz — vim mostrar-te o mistério da memória eterna através da reconstrução das visões do passado.

Muitas vezes refletiste sobre a afirmação de que, em épocas antigas, «Deus falava com os homens», e que anjos e espíritos de planos superiores conviviam com os mortais e lhes ensinavam os segredos da Criação que, de outro modo, jamais poderiam conhecer.

Na insondável sabedoria da Força do Pensamento do Propósito e do Criador de todo o Desígnio, o sistema zodiacal que governa esta Terra obriga-a a alterar o seu eixo uma vez em cada 25 000 anos.

No final de cada um desses períodos, que os homens designam por «precessão dos equinócios», a inclinação dos polos provoca alterações nos oceanos, o desaparecimento de continentes, a destruição de civilizações e o surgimento de outras novas.

Em breve verás com os teus próprios olhos uma dessas civilizações anteriores, em que o homem atingiu um conhecimento mais elevado das leis ocultas e da sabedoria geral do que em qualquer outro período da atual existência da Terra.

— A cena que estás prestes a contemplar é a da há muito desaparecida Atlântida, no apogeu do seu maior poder.*

— Pouco antes da destruição do continente, alguns dos seus habitantes mais instruídos, advertidos pelo seu conhecimento oculto da catástrofe iminente, migraram para o Egipto; outro ramo desse povo viajou mais para Oriente sob a liderança de um patriarca chamado Adão, que se tornou o antepassado de uma raça chamada Israelitas.

* A Atlântida perdida foi mencionada por Platão. Ele relata como a sua trágica história de submersão pelo oceano lhe foi transmitida por sacerdotes egípcios. Supõe-se que foi na Atlântida que o Ocultismo atingiu o seu mais elevado grau de poder, passando daí para o Egipto e para outras regiões da Terra.

Desta forma, os segredos do conhecimento oculto foram transmitidos de uma era para outra, embora por vezes tenham sido distorcidos e utilizados indevidamente por sacerdotes de diversos credos.

— Reconhecerás a fundação e a origem de todas as religiões na cena que estás prestes a contemplar.

Mais uma vez entraram em ação maravilhosas vibrações musicais.

Desta vez, os sons do órgão misturavam-se com acordes que pareciam vir de esferas celestiais muito distantes.

Atraídos pela antena, atravessavam o meu cérebro e reapareciam através do amplificador na outra extremidade da sala com intensidade redobrada.

O meu espírito parecia abandonar o corpo, embora eu permanecesse perfeitamente consciente de tudo o que acontecia à minha volta.

Os telhados distantes de Londres desapareceram da minha vista.

No seu lugar surgiu uma cidade estranha, de beleza e perfeição maravilhosas.

Vi estender-se até uma distância ilimitada uma larga avenida ladeada por gigantescas figuras de pedra que conduzia a um vasto templo, cujas partes possuíam todas um significado astrológico.

Construído em forma circular, esse templo parecia dividido em doze secções, simbolizando os Doze Signos do Zodíaco e a sua influência sobre a vida humana.

No centro desse majestoso templo erguia-se um trono sobre o qual o Sol, como Doador da Vida, reinava sob a forma de um deus-homem.

Raios de luz carregados de iões magnéticos irradiavam desse centro para cada um dos doze signos e, destes, inundavam novamente o planeta Terra à medida que este atravessava cada signo no seu percurso anual pelos céus.

Estrelas cantavam para estrelas e sóis para sóis numa vibração universal de harmonia.

O Desígnio ligava planeta a planeta com fios de ouro.

O Propósito irradiava do Deus-Sol trazendo nas suas mãos a Vida e a Morte.

— Como pode a Morte estar no centro da Perfeição? — ouvi-me perguntar.

— Filho do Homem — respondeu a voz — não pode existir perfeição sem morte. Morte e Mudança são uma só coisa. Sem mudança haveria estagnação. Criação e recriação são o propósito eterno de Deus.

A cena transformou-se.

A cidade tornou-se ainda mais bela, o templo ainda mais magnífico.

O vasto espaço diante do trono encheu-se de miríades de pessoas, altas, eretas e majestosas, com a luz da inteligência a brilhar nos olhos.

Pareciam deuses ou filhos de deuses.

Observei que todos eram atraídos por alguma força magnética misteriosa para o Signo do Zodíaco sob o qual tinham nascido.

Cada homem, cada mulher e cada criança vestia a mesma cor correspondente ao seu Signo, e na testa de cada um brilhava a sua pedra preciosa distintiva.

Nenhum pincel poderia pintar — nenhuma palavra poderia descrever — o esplendor e a magnificência de semelhante visão.

Sentia que estava a assistir ao auge da grandeza e da perfeição de um povo.

— Filho do Homem — voltou a dizer a voz — a Atlântida atingiu o seu ponto mais elevado. Não é possível criar maior inteligência nem alcançar mais conhecimento.

Nesta cidade não existem doenças nem crime.

Os homens tornaram-se como deuses e, sendo como deuses, inclinam a cabeça perante o Destino.

De forma misteriosa, dois seres — um homem e uma mulher — os mais perfeitos do seu género, foram escolhidos de cada um dos doze Signos do Zodíaco.

Pareciam receber alguma missão.

Inclinaram a cabeça ao passarem diante do Deus-Sol e, tanto quanto pude perceber, partiram da Atlântida para diferentes regiões da Terra.

A Voz falou novamente:

— Filho do Homem, contemplas diante de ti o Enigma dos Séculos.

A sabedoria oculta e astrológica ensinara a este povo que o fim de um período de civilização estava próximo, o termo de vinte e cinco mil anos de progresso, ascensão e realização.

Ao longo dos primeiros séculos de conflito, através de guerras e de miríades de religiões, tinham ascendido lentamente até à perfeição para cumprir o ciclo que lhes fora destinado.

Tal como a borboleta vive apenas um dia, a flor uma semana, o homem os seus setenta anos, e as nações os seus séculos, também as civilizações devem desaparecer e, com o nascer de uma nova «precessão», uma nova Terra deve igualmente nascer.

O Deus-Sol desviara o rosto.

A escuridão espalhou-se pelo céu.

As asas da Morte, tingidas de púrpura e ouro, erguiam-se em nuvens cada vez mais negras e chocavam em terrível discórdia.

A Terra tremia e gemia.

A Cidade — que um instante antes era uma maravilha de beleza — estremecia agora como um ser vivo em agonia.

A única luz provinha do templo, onde as almas dos homens e dos mortais inclinavam a cabeça em resignação.

Tinham vivido como deuses; como deuses estavam preparados para morrer.

Do Norte, os oceanos precipitaram-se estrondosamente para Sul.

Icebergs e vulcões encontraram-se num abraço mortal.

Terra, Mar e Céu lutavam pela supremacia.

Sobre as asas da Mudança, a Morte cavalgava para o triunfo.

E a grande Atlântida, a Atlântida perfeita, afundava-se lentamente rumo ao seu destino final.

Um arrepio percorreu-me o corpo.

O meu espírito forçou o regresso.

Em vez de música, uma horrível dissonância ecoava pela sala.

A antena estava silenciosa.

As luzes tinham-se apagado.

Chamei pelo meu amigo.

Não obtive resposta.

Avancei às apalpadelas até ao órgão.

A explicação da dissonância tornou-se evidente.

Exausto pelo esforço daquela longa noite, ele desmaiara sobre o teclado.

FIM

Nota do Editor

Como «Cheiro» se retirou de toda a atividade profissional, os excertos seguintes do seu Livro de Visitantes são publicados para encorajar os estudantes que desejem dedicar-se ao estudo científico da mão, mostrando, através destes testemunhos de pessoas cuja reputação está acima de qualquer dúvida, o que tal estudo realizou e é capaz de realizar quando praticado com suficiente seriedade.